

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PRÁTICAS E CULTURAS DA COMUNICAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS CULTURAIS NAS MÍDIAS,
COMPORTAMENTOS E IMAGINÁRIOS DA SOCIEDADE DA COMUNICAÇÃO

GUILHERME MENDES PEREIRA

KONY 2012: ATIVISMO CIVIL E A VIDA MORAL NO CIBERMUNDO

Porto Alegre

2014

GUILHERME MENDES PEREIRA

***KONY 2012*: ATIVISMO CIVIL E A VIDA MORAL NO CIBERMUNDO**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Rüdiger

Porto Alegre

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P963K Pereira, Guilherme Mendes

Kony 2012: ativismo civil e a vida moral no ciber mundo / Guilherme Mendes Pereira. – Porto Alegre, 2013.
131 f.

Diss. (Mestrado) – Faculdade de Comunicação Social, Pós-Graduação em Comunicação Social. Área de concentração Práticas e Culturas da Comunicação. PUCRS.

Orientador: Francisco Rüdiger.

1. Comunicação Social. 2. Movimentos Sociais.
3. Cibercultura. 4. Ética na Comunicação. 5. Kony 2012 – Movimento Social. I. Rüdiger, Francisco. II. Título.

CDD 301.243

Bibliotecária Responsável

Ginamara de Oliveira Lima

CRB 10/1204

GUILHERME MENDES PEREIRA

***KONY 2012*: ATIVISMO CIVIL E A VIDA MORAL NO CIBERMUNDO**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Área de concentração: Práticas e Culturas da Comunicação.

Aprovado em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Emil Albert Sobottka – PUCRS

Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Damboriarena Escosteguy – PUCRS

Prof. Dr. Francisco Rüdiger (orientador) – PUCRS

Porto Alegre

2014

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo incentivo por meio da bolsa de estudos, sem o qual não teria sido possível ter desenvolvido esta pesquisa.

Ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, por oportunizar uma excepcional infraestrutura de ensino.

Agradeço ao professor Francisco pela comprometida e sábia orientação, a qual foi fundamental para minha evolução enquanto pesquisador e indivíduo.

À minha família e amigos pelo apoio e paciência. Um especial agradecimento aos meus pais, Rosa e José, à minha irmã Carolina, ao Gustavo, companheiro de todos os momentos, e à Raquel, pelo apoio e compreensão na empreitada de conciliar a pesquisa com as responsabilidades de trabalho.

E obrigado aos colegas e professores de curso pela amizade, trocas de experiências e conhecimentos.

Aquele descomunal arcabouço e travejamento dos conceitos, ao qual o homem indigente se agarra, salvando-se assim ao longo da vida, é para o intelecto que se tornou livre somente um andaime e um joguete para seus mais audazes artificios: e quando ele o desmantela, entrecruza, recompõe ironicamente, emparelhando o mais alheio e separando o mais próximo, ele revela que não precisa daquela tábua de salvação da indigência e que agora não é guiado por conceitos, mas por intuições. (Friedrich Nietzsche)

RESUMO

A presente dissertação busca investigar os aspectos morais relacionados à veiculação na Internet da campanha humanitária *KONY 2012*, criada pela organização *Invisible Children* (IC) em 2012. Essa ação propôs que civis solicitassem às autoridades internacionais apoio militar ao governo de Uganda para que este conseguisse extinguir as ações de Joseph Kony, um líder de um movimento responsável pela consecução de diversos crimes hediondos. Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender os fenômenos comunicacionais e culturais cibermediados na atualidade, os quais têm colocado à prova modos de socialização e de organização política, parâmetros éticos e posicionamentos morais. Assim, o presente estudo é desenvolvido com observações e confrontações históricas e sociológicas, procurando entender as ambivalências e paradoxos das socialidades contemporâneas. Com base na matriz metodológica indicada por Rüdiger (2011), o fenômeno em tela é estudado em dois eixos: **movimento** e **contramovimento**. O **movimento KONY 2012** trata-se de produções audiovisuais e comentários de texto que foram importantes para a popularização da causa. Já o **contramovimento KONY 2012**, além de produções audiovisuais e comentários de texto diversos, consiste também em ações que questionaram a campanha, intencionando pôr em xeque as suas mensagens e objetivos. Para conduzir as reflexões sobre o objeto, este estudo é orientado pelas discussões sobre moral e moralidade no mundo pós-moderno, tendo como principais referências Giddens (1991), Lipovestky (1994), Vattimo (1994) e Bauman (1997). Nesta investigação, percebeu-se que o **movimento** e o **contramovimento KONY 2012** mostraram que, apesar da aparente inquestionabilidade da causa, a responsabilidade moral no contexto pós-moderno continua sendo complexa e problemática. Por um lado, registra-se a possibilidade de livre encontro com outros mundos e modos; de usufruir do livre-arbítrio enquanto experiência oscilatória entre pertença e *desenraizamento* na dita sociedade da *comunicação generalizada*. Por outro, a situação da moralidade nesse contexto revela a irresponsabilidade dos sujeitos: a experimentação e a fruição cotidiana, espontânea, do ser e o viver com base no sentido estético, parecem ser os interesses primordiais. Assim, discute-se que as ditas tecnologias emancipatórias não são favoráveis quando há carência de consciência e responsabilidade moral.

Palavras-chave: Comunicação Social. Movimentos Sociais Mediados. Cibercultura. Ética na Comunicação. *Kony 2012*.

ABSTRACT

This dissertation investigates the moral issues related to the circulation of humanitarian campaign KONY 2012 on the Internet, which was created by the organization Invisible Children (IC) in 2012. This campaign has asked people to request international authorities for military support to the Uganda's government so it can extinguish the actions of Joseph Kony, a leader of a movement responsible for the committal of many heinous crimes. This research is justified by the need to understand the cyber mediated communication and cultural phenomena, which put to the test modes of socialization and political organization, ethical standards and moral positions. Thus, this study is developed with observations and historical and sociological confrontations, seeking to understand the ambiguities and paradoxes of contemporary socialities. Based on methodological perspective indicated by Rüdiger (2011), this phenomenon is studied in two axes: **movement** and **countermovement**. The **KONY 2012 movement** consists in audiovisual productions and text comments that were important to the popularization of the cause. In its turn, the **countermovement KONY 2012**, in addition of serious audiovisual productions and text comments, also consists of actions that denied the campaign. To conduct the reflections about this subject, this study was guided by theoretical discussions about morals and morality in the postmodern world, based in Giddens (1991), Lipovestky (1994), Vattimo (1994) and Bauman (1997) perspectives. In this investigation, we realized that the movement and **countermovement KONY 2012** showed that, despite the apparent unquestionability of the cause, the moral responsibility in the postmodern context remains complex and problematic. On the one hand, it records the possibility of free encounter with other worlds and ways; of the enjoyment of the free will, as an oscillatory experience between belonging and *rootlessness* in the *society of generalized communication*. On the other hand, the situation of morality in this context reveals the irresponsibility of subjects: the experimentation and the everyday spontaneous fruition, of the being and of the living on the basis of aesthetic sense, seem to be the best interests. Thus, we discuss that the said emancipatory technologies are not favorable when there is lack of awareness and moral responsibility.

Keywords: Social Communication. Mediated Social Movements. Cyberculture. Ethics in Communication. Kony 2012.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – gráfico ilustrando os eixos de estudo	14
Figura 2 – Divisões territoriais Uganda / Buganda segundo o acordo de 1900	61
Figura 3 – Idi Amin Dada.....	63
Figura 4 – Milton Obote	64
Figura 5 – Yoweri Museveni	65
Figura 6 – Joseph Kony.....	69
Figura 7 – infográfico “Interesse com o passar do tempo (2012)”.....	72
Figura 8 – infográfico “interesse regional (2012)”.....	73
Figura 9 – Jason Russel.....	75
Figura 10 – vítima de mutilação pelo LRA.....	79
Figura 11 – vítima de mutilação pelo LRA.....	79
Figura 12 – vítima de mutilação pelo LRA.....	79
Figura 13 – marca <i>KONY 2012 MOVE DC</i>	84
Figura 14 – infográfico do vídeo <i>KONY 2012</i>	85
Figura 15 – captura de tela do vídeo de Slubogo.....	88
Figura 16 – captura de tela do vídeo de Red Pill.....	94
Figura 17 – captura de tela do vídeo de Rosebell Kagumire.....	102
Figura 18 – captura de tela do vídeo de Jolly Grace Okot	110
Figura 19 – infográfico "interesse com o passar do tempo (2013)".....	120

LISTA DE SIGLAS

HSM – *Holy Spirit Movement*

IC – *Invisible Children*

LRA – *Lord's Resistance Army*

MT – Movimentos Transnacionais

NE – Nova esquerda

NMS – Novos Movimentos Sociais

NRA – *National Resistance Army*

UNC – *Uganda National Congress*

UNLA – *Uganda National Liberation Army*

UPC – *Uganda People's Congress*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O CENÁRIO MORAL DA CULTURA CONTEMPORÂNEA	18
2.1 A MORAL NA MODERNIDADE	21
2.2 PÓS-MODERNIDADE, A <i>SOCIEDADE DA COMUNICAÇÃO GENERALIZADA</i> E O CAOS MORAL	23
2.3 ÉTICA E RESPONSABILIDADE MORAL	26
2.4 OS ESPAÇOS SOCIAIS	31
2.5 A ESPONTANEIDADE MORAL SOB CONTROLE	32
2.6 A ESTÉTICA DA MULTIDÃO	34
2.7 EM BUSCA DA CONSCIÊNCIA MORAL	36
3 BREVE HISTÓRICO DO ATIVISMO CIVIL MEDIADO	39
2.1 ATIVISMO CIVIL MEDIADO DESDE A DÉCADA DE 1950	40
2.2. AS CIBERUTOPIAS	42
3.3 CIBERATIVISMOS E A METÁFORA DO VIRAL	46
3.4 O <i>REALISMO UTÓPICO</i>	50
4 UGANDA: O CONTEXTO ORIGINADOR DO MOVIMENTO <i>KONY 2012</i>	54
4.1 COLONIALISMO, NEOCOLONIALISMO E A ÁFRICA HOJE	57
4.2 DIVERSIDADE E CONFLITO EM UGANDA	60
4.3 O NASCIMENTO DO EXÉRCITO DE JOSEPH KONY	66
5 <i>KONY 2012</i>: MOVIMENTO E CONTRAMOVIMENTO	71
5.1 A <i>INVISIBLE CHILDREN</i> E JASON RUSSEL	74
5.2 O MOVIMENTO <i>KONY 2012</i>	75
5.3 CONTRAMOVIMENTO: OS FILMES AMADORES E COMENTÁRIOS DE TEXTO EM RESPOSTA AO MOVIMENTO <i>KONY 2012</i>	87
5.3.1 <i>kony 2012 video is misleading</i>	87
5.3.2 <i>is kony 2012 fraud? just asking questions!</i>	94
5.3.3 <i>My Response To Kony2012</i>	101
5.3.4 <i>To Critics Of Kony 2012</i>	110
5.4 NOTAS SOBRE OS OBJETOS DOCUMENTADOS	115

5.5 POR ONDE ANDARÃO KONY E OS CIBERATIVISTAS?	117
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
7 REFERÊNCIAS	129

1 INTRODUÇÃO

Nosso objetivo, com este trabalho, é estudar os aspectos morais contidos na veiculação pela Internet da campanha política e humanitária chamada *KONY 2012*, concebida pela fundação filantrópica *Invisible Children*¹ (IC) em 2012. A sua repercussão tornou esse movimento um fenômeno relevante da cibercultura. Assim, por meio deste, pode-se analisar os problemas, paradoxos e desafios do ativismo digital em nosso tempo.

Atuante em Uganda desde o final da década de 1980, Joseph Kony tem comandado o *Lord's Resistance Army*² (LRA), organização que é responsável pelo cometimento de crimes hediondos contra milhares de famílias e, notadamente, crianças de seu país. Para combater as ações do LRA, a campanha *KONY 2012*, em síntese, propôs que civis, em todo o mundo, peticionassem às autoridades e aos governos internacionais, por meio de ações on-line e de protestos nas ruas, o apoio militar internacional ao governo de Uganda para que este conseguisse extinguir as ações de Joseph Kony.

O movimento começou com a publicação no *site* YouTube³ e a difusão, via redes sociais da Internet, de um vídeo⁴ em formato de documentário, em março de 2012, intitulado *KONY 2012*. Esse audiovisual alcançou, no período de uma semana, um recorde de visualizações: mais de 100 milhões em apenas seis dias⁵. Isso tornou-o um dos “virais” mais bem-sucedidos da história recente da Internet, motivando numerosas discussões na esfera pública e, também, ampla cobertura nos circuitos midiáticos tradicionais.

Por que *KONY 2012* foi tão falado na *web* e, também, em outras mídias em nível global? Como se deu a sua difusão e repercussão por meio das redes sociais da Internet? Quais controvérsias gerou? Que questões éticas e morais colocou em pauta? A iniciativa incidiu em alguma mudança em relação à moralidade de atores sociais e ativistas? Essas e outras questões foram discutidas ao longo desta pesquisa.

¹Tradução livre do autor: “Crianças invisíveis”.

²Tradução livre do autor: “Exército de Resistência do Senhor”.

³<http://www.youtube.com>

⁴Audiovisual disponível em: <http://goo.gl/10Gbqa>. Acesso em: 20 jun. 2013.

⁵Conforme Todd Wasserman: <http://goo.gl/7flDhm>. Acesso em: 10 jul. 2013.

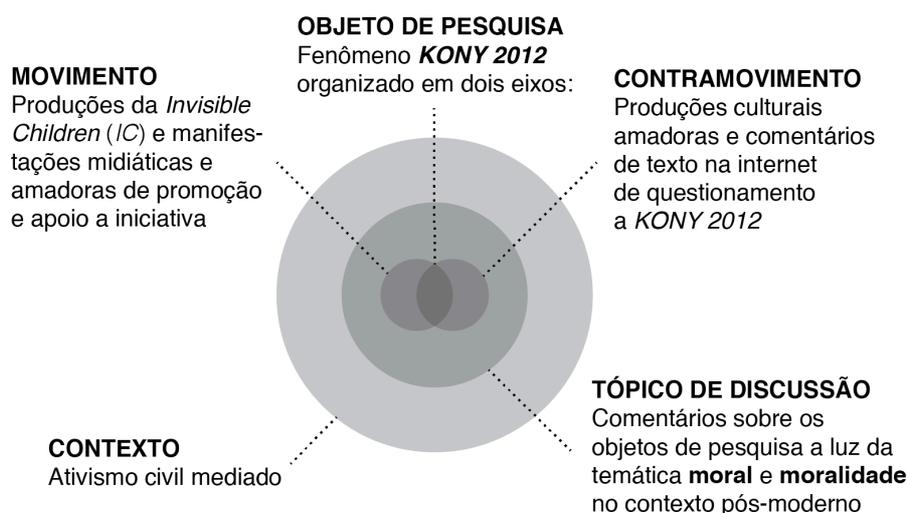
Estudamos o fenômeno observado com base em dois eixos: **movimento** e **contramovimento**. O **movimento KONY 2012** trata-se de produções que foram importantes para a popularização da causa, como o documentário que motivou a ação, as doações à organização financiadora da iniciativa, o ativismo nas ruas e a produção e divulgação na Internet de manifestações culturais favoráveis à ação. Já o **contramovimento KONY 2012** consiste em ações que questionaram a causa ou tentaram pôr em xeque as suas mensagens, objetivos e ações, como as produções ciberativistas amadoras e as discussões por meio de comentários de texto no *site* YouTube.

Com base no exame do fenômeno *KONY 2012*, incidente numa época em que diferentes possibilidades de exercício da cidadania e de governança são colocadas à baila por meio do ciberativismo e outras formas de participação *on-line*, destacamos uma questão que foi importante ao presente estudo e para a análise do *corpus* de pesquisa: considerando que o ativismo cibermediado prima pela distribuição do poder político via redes e que, para tanto, proporciona uma espécie de *Ágora*, na qual todos podem participar e lançar suas opiniões, parece-nos que essa “redemocratização” da esfera pública tem ganhado força junto ao fenômeno de cacofonia comunicacional. Esta, por sua vez, tem tornado o espaço e a vida moral ainda mais complexos.

O **movimento** e o **contramovimento** gerados por *KONY 2012* acabaram por revelar de forma pertinente a relação das socialidades com a responsabilidade moral na pós-modernidade. No ciber mundo, todos parecem reivindicar o direito de se exhibir, de participar e de opinar. Em meio a esse burburinho e excitação potencializados pelos cibermeios, parece que a questão da responsabilidade moral tem perdido propósito e sentido.

Para dar conta disso, comentaremos sobre o fenômeno aqui estudado no campo da comunicação com base nas discussões a respeito da moral e da moralidade no mundo pós-moderno, tendo como principais referências Giddens (1991), Lipovestky (1994), Vattimo (1994) e Bauman (1997). Abaixo esquematizamos, em linhas gerais, os direcionamentos para o desenvolvimento desta pesquisa (Figura 1).

Figura 1 – gráfico ilustrando os eixos de estudo



Fonte: o autor

Justificamos a relevância desta pesquisa pelo surgimento constante na atualidade de fenômenos comunicacionais e culturais cibermediados, os quais têm colocado à prova modos de socialização e de organização política, parâmetros éticos e posicionamentos morais. Conforme Malini e Antoun (2013, p. 140),

as comunidades nascidas do ciberespaço introduziram nas novas manifestações a reunião dos participantes através de grupos de afinidade, sua distribuição em *clusters* de processamento paralelo e sua coordenação nos acontecimentos através dos conselhos de porta-vozes, reinventando o sentido das práticas democráticas nas delicadas relações entre grupos de atuação política de diversos matizes. Trata-se, para estas comunidades, de substituir as formas democráticas representativas e mediatizadas por núcleos centralizados (Estado), e seus órgãos de ação (instituições) por uma democracia de participação interativa, constituindo uma rede de ação direta.

Como exemplos desse contexto, além de *KONY 2012*, indicamos os movimentos contra o neocapitalismo na década de 1990 e a rede *Independent Media Center (Indymedia)*, o *Movimento Zapatista*, a rede *Wikileaks*, os movimentos sociais e políticos da *Primavera Árabe*, o *hacktivismo* anarquista dos grupos *Anonymous* e *LulzSec*, o movimento *Occupy*, as intervenções videoativistas do grupo feminista *Pussy Riot*⁶ e os protestos que aconteceram

⁶Desenvolvemos um ensaio sobre as práticas videoativistas desse grupo. Texto em e-book: PEREIRA, Guilherme M.; MEILI, Angela M.. A poética transgressora do ciber/videoativismo na web e o caso do grupo Pussy Riot. In: COUTINHO, Lúcia L.; HENRIQUES, Sandra M. G.

quase que concomitantemente em meados de junho de 2013 na Turquia e no Brasil. Em algumas dessas ações, o ciberativismo pareceu servir como meio para estabelecimento de elos e o agendamento de protestos nas ruas. Em outras, o espectro de ações ficou circunscrito no ciber mundo. Todos esses movimentos, bastantes diversos em causas, ações e objetivos, tomaram proporções globais via grupos descentralizados, conectados por meio de redes sociais da Internet, e também na cobertura de suas ações off-line pelas mídias tradicionais.

Nota-se que todas essas movimentações sociais provocaram grandes repercussões e discussões em torno dos assuntos pautados e de valores e posicionamentos morais. No entanto, pergunta-se: o que mudou e o que se conquistou além de reverberações comunicacionais carregadas de valores ambivalentes de impacto momentâneo?

Pontuamos que o fenômeno *KONY 2012* aqui comentado é recente e que não verificamos até a data de finalização desta pesquisa, referências bibliográficas significativas sobre o mesmo além de observações documentais, relatos jornalísticos e depoimentos na Internet.

Desenvolvemos o presente estudo com base em observações e confrontações históricas e sociológicas, procurando entender as ambivalências e paradoxos das socialidades contemporâneas. Nossa matriz metodológica segue algumas premissas indicadas por Rüdiger (2011, p. 288):

[...] a reflexão crítica sobre os fenômenos, as tendências e o sentido da cibercultura exige que pensemos como articulação cotidiana de um pensamento tecnológico e um capitalismo maquinístico, sem perder de vista os limites e oportunidades presentes na dialética entre utopia emancipatória e extensão tecnológica de nossos projetos de poderio ilimitado, entre fantasia regressiva e criação revolucionária, entre mito e razão, contida em seu processo de formação histórica.

Sobre a problemática da cacofonia comunicacional, a qual tem tornado o espaço moral ainda mais complexo no contexto das redes sociais da Internet, lançamos uma concisa argumentação acerca do panorama atual para adentrarmos nos fundamentos teóricos que nos orientaram, e em seguida

numa contextualização histórica sobre o ativismo civil mediado. Depois, seguido de uma situação histórica de nossos objetos de estudo, refletimos sobre o **movimento** social e comunicacional *KONY 2012*. Buscamos, com isso, entender os desdobramentos desse fenômeno no ciber mundo por meio da leitura de audiovisuais amadores e de comentários de texto que responderam à ação, entendidos neste estudo como **contramovimento**.

Nosso método de análise consistiu na documentação do filme *KONY 2012*, a fim de contextualizarmos a proposta e as nuances de sentido presentes em seus conteúdos textuais e imagéticos. Acrescentamos a isso alguns dados estatísticos sobre a sua repercussão on-line com base na ferramenta *Google Trends*. Também buscamos algumas menções à causa *KONY 2012* nos circuitos midiáticos tradicionais. Da mesma forma, observamos as informações no site da *Invisible Children (IC)*, a organização promotora e financiadora da ação.

Quanto aos filmes amadores que integram o *corpus* de análise deste estudo juntamente ao audiovisual *KONY 2012*, selecionamo-los com base nos seguintes critérios: 1) vídeos presentes na plataforma YouTube; 2) com os maiores números de visualizações; 3) relacionados às palavras-chave “kony” e “2012”; e 4) que apresentam argumentações justificadas de crítica, apoio ou questionamento em relação à ação *KONY 2012*.

Os comentários de texto adjacentes aos vídeos amadores e integrados ao estudo constituíram elementos de análise que vieram a enriquecer a documentação dos audiovisuais e ilustrar, de forma mais ampla, o fenômeno da cacofonia comunicacional e de complexificação da vida moral. Como os comentários textuais, em alguns casos, chegam aos milhares e como muitos destes mais se prestam a revelar opiniões rasas, que tendem a deslegitimar vozes mais lúcidas por meio das chamadas *trolagens*⁷ ou *flame wars*⁸, tivemos como critério trazer somente comentários mais coerentes e mais bem

⁷Derivado do vocábulo inglês *troll*, relacionado a um ser mitológico perverso, a expressão portuguesa *trolar* é usada na Internet como sinônimo de pessoas que entram em discussões on-line somente com a finalidade de ofender e gerar discórdia.

⁸São as discussões geradas pelos *trolls* que geralmente descambam para falatórios *nonsense*.

concatenados, no sentido de exporem um posicionamento e justificarem o motivo da escolha.

Contando com esse filtro inicial, ainda assim enfrentamos outro problema: ao nos depararmos com milhares de comentários, seria inviável observarmos-los caso a caso para efetuarmos a triagem. Por isso, adotamos o seguinte critério: conferimos integralmente uma página, ignoramos algumas seguintes, e seguimos esse processo até obtermos um total de cerca de vinte comentários relacionados a cada um dos vídeos que integraram o presente estudo. Assim, tentamos mostrar uma ideia geral do eclético panorama de opiniões ao longo de uma janela cronológica mais ou menos heterogênea.

Agrupamos os comentários selecionados na sequência da descrição de cada respectivo audiovisual amador e os distribuimos entre três principais eixos: a favor de *KONY 2012* e contra o vídeo amador contestatório; a favor do vídeo amador contestatório e contra *KONY 2012*; e os que não se encaixavam nos posicionamentos anteriores.

Notamos que o espaço para comentários, subsequente à área de exibição de vídeos no YouTube, é passível de ser desativado. Assim, somente no vídeo original *KONY 2012*, aqui documentado, não contamos com o aporte dos comentários.

Apresentado o sumário deste estudo, situamos, no capítulo seguinte, o fenômeno de complexificação da vida moral na contemporaneidade a luz das teses de alguns estudiosos, o que configura também as bases teóricas que orientaram o desenvolvimento da presente pesquisa e a melhor compreensão das problemáticas apontadas.

2 O CENÁRIO MORAL DA CULTURA CONTEMPORÂNEA

Estaríamos vivenciando uma época de profunda descrença com as mitologias religiosas, com as ideologias políticas e com os princípios éticos. Trata-se de um período de transformações nas esferas e opiniões públicas, conforme Habermas (1984), Lyotard (2009) e Bauman (1997). Esse último escreve:

Os nossos tempos são tempos de ambiguidade moral fortemente sentida. Estes tempos nos oferecem liberdade de escolha jamais gozada antes, mas também nos lançam em estado de incerteza que jamais foi tão angustiante. Ansiamos por guia no qual possamos confiar e sobre o qual possamos nos apoiar, de tal forma que de nossos ombros se possa retirar algo da assombrosa responsabilidade por nossas escolhas. Mas as autoridades em que podemos confiar são todas contestadas, e nenhuma parece ser bastante poderosa para nos oferecer o grau de segurança que buscamos. No fim, não confiamos em nenhuma autoridade, pelo menos, não confiamos em nenhuma plenamente, e em nenhuma por longo tempo: não podemos deixar de suspeitar de qualquer pretensão de infalibilidade. Este é o aspecto prático mais agudo e importante do que justamente se descreve como a "crise moral pós-moderna" (BAUMAN, 1997, p. 28).

Na contemporaneidade, parece nos restar o apelo à infalível Ciência e às suas onipotentes interfaces tecnológicas, invocadas a todo instante como apaziguadoras mágicas de realidades caóticas e repletas de incertezas, segundo falam Giddens (1994), Bauman (1997), Dreyfus (2001) e Rushkoff (2011).

Curiosamente, apesar da intermediação cada vez mais ciber, ou seja, paulatinamente mais sistemicamente controlada e regulada, os ruídos, o apelo ao emocional e ao irracional parecem estar latentes, de forma crescente, como nas controvérsias morais trazidas à tona pelo fenômeno *KONY 2012*.

Ao passo que a modernidade avança na busca por uma existência perfeita por meio da racionalidade científica e dos maquinismos, nos dias de hoje, parece que, paradoxalmente, amplificam-se também os ímpetos à comoção coletiva e à transgressão. Como no *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, o paradoxo do desejo de perfeição asséptica, eficiente e organizada, livre do erro humano e de suas amoralidades irrompe aparentemente num irrefreável caos que se amplifica na esfera pública e ecoa

em cacofonias comunicacionais e na revelação de ambivalências éticas e morais.

Em *Enemy of state*⁹?, episódio da série de documentários intitulada *The virtual Revolution*¹⁰, pontuou-se que, agora, com a Internet, temos a oportunidade de usar o poder da comunicação e da informação para inspirar resistência e promover o desenvolvimento massivo da consciência política. Novas estratégias de ação são assim possíveis. Na Internet, a organização de grupos pode acontecer além da jurisdição de um país; desse modo, torna-se possível operar contra a centralização política. Todavia, conforme se argumentou no referido documentário, a apropriação do ciber mundo para propósitos de descentralização de poder e de transgressão é, de certa forma, paradoxal, tendo em vista que a Internet foi criada com finalidades de militarização e de controle político.

No transcorrer histórico do ciber mundo, alguns grupos conseguiram subverter as ferramentas cibernéticas e seus propósitos iniciais de uso. Assim, passaram a poder operar de forma alheia às regulações governamentais, transgredindo-as, a exemplo dos primeiros *hackers* e inventivos da Califórnia, segundo Barbrook e Cameron (2001) e Jordan e Taylor (2004).

Nessa linha de expectativas, percebemos que, para muitos, inebriados pelas utopias tecnocráticas, os aparatos cibernéticos e as redes telemáticas são tidos como ferramentas que poderiam proporcionar a emancipação mágica por meio da promoção de ideais como liberdade, fraternidade e igualdade, favorecendo o alcance de uma vida mais racional, produtiva e aprazível, segundo alguns discursos presentes em Negroponte (1995), Lévy (1996; 1998), Castells (2004) e Maffesoli (2012).

Para o jornalista e crítico cultural estadunidense Mark Dery (2010), nunca tivemos tantos meios e artifícios facilitadores, tantas oportunidades para o lazer e para o prazer, para estimular nosso imaginário e propiciar nossa plenitude existencial e o nosso gozo. Mesmo assim, nunca satisfazemos

⁹*ENEMY of State? In: The Virtual Revolution*. Diretor e produtor: Francis Hanly. Apresentação: Aleks Krotoski. Reino Unido: BBC/Open University, 2010.

¹⁰Série que, em três episódios, tenta apresentar um panorama geral das principais mudanças na contemporaneidade. Mudanças essas oriundas da inserção cada vez mais incisiva dos cibermeios na vida cotidiana.

completamente nossos organismos e mentes ávidos por novidade; antes pela novidade objetificada, agora pela novidade virtualizada, sentida e experienciada. Conforme Dery, a vida na *web* é paradoxal. Estamos em constante inércia terminal. Viajamos a bilhões de *bits* por hora em paisagens espetaculares, cravados em nossas confortáveis e estáticas cadeiras.

O coletivo, sob a alcunha de Critical Art Ensemble (2001, p. 36), também infere reflexões acerca da vida cibermediada: “[...] uma vida de auto-experiência alienada (uma perda do social) [...] [na qual] o espectador é levado ao mundo, o mundo ao espectador, tudo mediado pela ideologia de tela. Trata-se de vida virtual num mundo virtual”.

Hoje, experienciando o viver ciber e a possibilidade de alcance de uma “redemocratização” da esfera pública, fala-se do “ativismo de cadeira” e do anseio mágico de poder intervir de forma revolucionária em realidades, por intermédio de comandos confortavelmente acionados via interfaces amigáveis, que desencadeiam soluções de forma quase que autorregulada. Um exemplo são as petições on-line que circulam diariamente e enchem nossas caixas de entrada de *e-mails*, prometendo mudanças pontuais com o preenchimento de formulários e da coleta de um montante mínimo de assinaturas. Ou, conforme ações propagandisticamente sedutoras, como vídeos no YouTube ou na *timeline* do Facebook, que convidam ao compartilhamento de informações ou à realização de doações via redes em prol de soluções quase que autorrealizáveis. O ato de participar dessas ações ciberativistas parece incutir em seus adeptos a sensação de ter feito algo “moralmente correto” ou “útil à humanidade”, com o mínimo de esforço comum por meio do conforto do lar e de alguns simples toques de tela.

Na contramão dessas proposições miraculosas e da ingenuidade de alguns ativistas on-line, muitos grupos ciberativistas demonstram que as práticas de cidadania por meio do ciber mundo podem ser fenômenos sociais bem mais complexos. Como observamos no fenômeno *KONY 2012*, algumas práticas e jogos sociopolíticos têm sido travados no plano comunicacional, tendo como suporte principal as redes on-line, o que tem propiciado a configuração de um contexto que alguns autores caracterizam como de

redemocratização da participação política, a exemplo os estudos de Varnelis (2008), Jenkins (2009), Burgess e Green (2009), Müller (2009) e Hediger (2009).

No ciber mundo, com poderes de comunicação e de ação quase que ilimitados, os sujeitos plurais, e agora com identidades flutuantes, encontram-se livres. E essa liberdade extrema parece não incidir na mesma proporção em maior liberdade política ou consciência moral. O contexto aqui assinalado mescla-se ou pode ser compreendido sobre a perspectiva de que afeta profundamente a vida moral contemporânea.

2.1 A MORAL NA MODERNIDADE

Para Lipovestky (1994), a moral no ocidente (primeiramente pensada pelos filósofos gregos como algo natural ao Homem racional), só foi popularizada para as massas por meio do cristianismo, segundo o qual o ser moral só seria possível por meio da fé religiosa. Essa concepção prevaleceu por séculos. Foi apenas na modernidade que esta acabou sendo drasticamente transfigurada; desta vez, por meio do pensamento racional centrado no Homem.

No mundo político e jurídico moderno, foram instituídas culturas democráticas que passaram a ditar valores morais e a possibilitar o alcance da ordem social por meio de uma ética pretensamente laica e universal. Segundo esse autor, noções e ideais como a soberania do indivíduo e a igualdade civil passaram a constituir uma civilização democrática e individualista. O “eu devo” estabeleceu-se como regra, baseado na controversa regulação normativa da vida moral. Para além das opiniões metafísicas, a vida, segundo os preceitos éticos modernos, tornou-se em tese acessível a todos.

Lipovestky (1994) nomeia como premissas da moral moderna individualista o pensamento econômico liberal e a busca da felicidade material. Ao passo que passou-se a promover deveres políticos absolutos que louvavam o sacrifício de interesses pessoais, o virtuosismo, o altruísmo, o heroísmo e o patriotismo em nome da vontade coletiva, os direitos naturais e as liberdades

individuais, amparados pela ética laica, passaram a incitar a valoração da competitividade e do egoísmo como condições para a prosperidade econômica. A vida moral na modernidade mostrava-se contraditória e confusa.

O pensador aponta que a deslegitimação radical da moral também aconteceu na modernidade. A instituição do dever por meio da ética laica só foi possível pela desatualização das virtudes e da consciência individual. Nesse contexto, por volta da metade do século XIX, a moral passa a ser alvo de maior reflexividade.

No avançar da pós-modernidade, com o questionamento e gradual abandono de ideais éticos abstratos, fundou-se pouco a pouco a cultura do indivíduo livre e independente. Com a difusão da autonomia moral no cerne das sociedades, a cultura moral passou a convergir com princípios que foram a base para um individualismo democrático universalista (LIPOVESTKY, 1994). O “eu devo”, junto ao “eu tenho direito”, acabou por separar a felicidade do dever; e o ambiente profissional do ambiente familiar. Isso contribuiu para a fragmentação de identidades, o que, por sua vez, diluiu a responsabilidade individual.

Tal contexto, escreve Lipovestky (1994), incidiu num novo estágio para a regulação ética, visto que o individualismo libertário moral deveria ser contido, a fim de não ser convertido em anarquia. A vida moral passou, então, a ser socialmente regulada com base no apelo à família e à sexualidade. Por meio de políticas filantrópicas e de catequização moral, conseguiu-se preencher parte do vazio deixado pela descrença com as mitologias modernas (a saber: as ideologias políticas e as regulações éticas). Práticas de educação moral na pós-modernidade e de *solidariedade midiática*¹¹ passam a tentar melhorar o mundo, doutrinando e integrando grupos marginalizados aos parâmetros e idealismos tidos como universais pelos grupos hegemônicos.

Nesse contexto, agora pós-moderno, conforme aponta esse autor, da sociedade individualista do *pós-dever*, as utopias morais acabaram perdendo o sentido. Insurge uma ética que regula uma moral mecânica, irrefletida; e o

¹¹Shows e eventos culturais filantrópicos cobertos pelas mídias de massa conformes diversos exemplos citados por Lipovetsky (1994).

dever moral, muitas vezes, é abdicado por uma vida hedonista, centrada no lúdico e na fruição dos prazeres presentes.

2.2 PÓS-MODERNIDADE, A SOCIEDADE DA COMUNICAÇÃO GENERALIZADA E O CAOS MORAL

KONY 2012 e seus desdobramentos comunicacionais sugerem-nos que, mais que nunca, está próxima de nós a consciência da nossa condição de incerteza, ambivalência e caos. Essas características acabam por constituir nossos espaços sociais; e, paradoxalmente, também se tornam espécies de linhas de força que conformam nossas socialidades e ímpetos morais.

Vattimo (1992) trata a pós-modernidade como o cenário da *comunicação generalizada*, da cacofonia e do caos libertário. Contexto esse, segundo Bauman (1997), em que a autonomia do *eu moral* acaba oscilando, ora na heteronomia da Ciência e das leis, ora nas emoções e impulsos estéticos dos coletivos.

Se na modernidade as estruturas ou movimentos de socialização geravam obediência pela sua inculcação forçosa, as multidões cibermediadas, na pós-modernidade, por meio de suas socialidades flutuantes e de seus apelos estéticos, conquistaram, sem a intenção, a obediência. Para Bauman (1997), o movimento da socialização que tentou constituir um *espaço cognitivo* e o das *socialidades*, que conformaram um *espaço estético*, pouco têm colaborado para a constituição de um *espaço moral* que oriente a vida social e a responsabilidade moral, apesar de auxiliarem na sobrevivência do *eu* no mundo.

Observando esse pensamento, parece que o caos, apesar da carga semântica negativa desde a sua etimologia, que remonta às mitologias pré-filosóficas, não consiste no abismo obscuro do cenário atual; muito pelo contrário, o caos pode ser a oportunidade para, em meio ao contexto de liberdade extrema que nos apresenta, intuímos um senso de responsabilidade moral talvez mais apurado. Por exemplo, no caso de *KONY 2012*, ao nos depararmos com a produção original e os vídeos e comentários de texto que o

contestam, podemos observar uma divergente amplitude de manifestações morais. Não há uma indicação única e certa de qual posicionamento é “mais” ou “menos” moral, “mais” ou “menos” humano. Cada um tem a liberdade de observar a pluralidade com que se defronta, interpretar e fazer a sua escolha. Nesse sentido, podemos talvez desenvolver, por meio deste exercício de escolha, uma espécie de autonomia moral como contraponto à heteronomia do estado e de instituições ou dos impulsos estéticos coletivos que assolam o *espaço moral* na pós-modernidade, segundo indicam-nos Vattimo (1992) e Bauman (1997).

Vattimo (1992) comenta que na essência da modernidade, começou a se configurar e instaurar a crença na ideia de progresso tecnocientífico, que só seria possível por meio da existência de uma história linear, contínua e universal. Foi só por volta do século XIX que essa ideia de história, já amplamente consagrada, passou a ser questionada e gradualmente desconstruída. Percebeu-se, conforme este autor (p. 9), que “[...] não há uma história única, há imagens do passado propostas por pontos de vista diversos, e é ilusório pensar que existe um ponto de vista supremo, global, capaz de unificar todos os outros”. Giddens (1991, p. 48), em consonância, escreve que “[...] a história não deve ser equacionada à ‘historicidade’, pois esta última está claramente ligada às instituições da modernidade”.

Ao mesmo tempo em que se questionou a noção de história universal, esta foi relativizada à utopia da emancipação, da evolução do Homem por meio do progresso racional, a qual moveu a modernidade. Ao se notar que existem diferentes rumos para diferentes percursos históricos, compreendeu-se que poderiam haver outras premissas e utopias além do cânon moderno de progresso tecnocientífico. Nessa condição, os projetos eurocêntricos modernos, colonizadores de mundos, também foram abalados. Somou-se a isso o advento da sociedade de *comunicação generalizada*. Todos esses movimentos coincidiram no que o autor chama de início da pós-modernidade. Todavia a pós-modernidade não é marcada por uma passagem cronológica pontual, pois se sobrepõe e coexiste junto com o pensar moderno, o qual perdura ainda hoje.

Nesse contexto emergente, singular e ao mesmo tempo plural, Vattimo (1992) defende que, em vez de alcançarmos o ideal de uma sociedade mais transparente e esclarecida, parece que atingimos um estágio em que predomina a complexidade, a cacofonia e o caos. Nesse substrato encontram-se as nossas perspectivas atuais de emancipação.

Para o autor, que revisita a ideia de *grandes narrativas* de Jean François Lyotard, a dissolução dos pontos de vista totalizantes foi possível graças à emergência dos meios de comunicação de massa, que permitiram a eclosão e multiplicação de visões de mundo. Esse autor ilustra tal constatação por meio do fenômeno de popularização de grupos minoritários e de subculturas nos circuitos midiáticos *mainstream*. A aparente democratização do direito à palavra – que não necessariamente incidiu em maior emancipação política – foi ao encontro da lógica do mercado da informação, que passou a postular que tudo se tornaria objeto de comunicação. Conforme Vattimo (1992, p. 13),

a intensificação das possibilidades de informação sobre a realidade nos seus mais variados aspectos torna cada vez menos concebível a própria ideia de realidade. [...] Realidade, para nós, é mais o resultado do cruzamento, da contaminação (no sentido latino) das múltiplas imagens, interpretações, reconstruções que, em concorrência entre si ou, seja como for, sem qualquer coordenação central, os *media* distribuem.

Evocando Friedrich Nietzsche, o estudioso explica que a ideia de “mundo verdadeiro” (que alude a imagens de realidade e verdade únicas), agora, por meio dos meios de comunicação massiva, transfigurou-se numa fábula. Em sua tese, o autor sustenta que, nesse paradigma da *comunicação generalizada*, o ideal de emancipação parte agora da multiplicidade, da oscilação, da caoticidade e do próprio desgaste da ideia de realidade. Isso está na contramão do ideal de emancipação moderno, que se baseava no cânon de alcance do conhecimento perfeito das coisas por meio da razão, o que conformaria sujeitos completamente cientes de si e das estruturas da realidade.

Nesse sentido, Vattimo (1992) sustenta a importância também do pensamento de Martin Heidegger, quem, junto a Nietzsche, foi seminal para refletir sobre esse contexto de viragem hermenêutica e de abalo das estruturas paradigmáticas modernas. Para Vattimo (1992), esses filósofos revelaram que

pensar a realidade com base no ser, ordenada a partir da razão, da metafísica e da Ciência, mostrou-se como mais uma mitologia. Tal arcabouço seria mais um meio para poder dominar e organizar todas as coisas e seres, reduzindo-os a imagens e presenças quantificáveis.

Com a proliferação de imagens na pós-modernidade, o sentido unitário de realidade acabou entrando em colapso. E esse choque, explica Vattimo (1992), terminou por indicar outras possibilidades de emancipação. O *desenraizamento* seria uma dessas possibilidades, o qual propõe a libertação das diferenças e das peculiaridades locais por meio das potencialidades da *comunicação generalizada*. Isso traz à tona uma pluralidade de vozes, que, agora, podem ser ouvidas globalmente. Esse autor sustenta que

O efeito emancipador da libertação das racionalidades locais não é todavia apenas o de garantir a cada uma delas um mais completo reconhecimento e autenticidade; como se a emancipação consistisse em manifestar finalmente aquilo que cada um é verdadeiramente (ainda em termos metafísicos, espinosianos): negro, mulher, homossexual, protestante, etc. O sentido emancipador da libertação das diferenças e dos dialetos consiste mais no efeito global de desenraizamento que acompanha o primeiro efeito de identificação. Se falo o meu dialeto, finalmente, num mundo de dialetos entre outros, se professo o meu sistema de valores [...] neste mundo de culturas plurais, terei também uma consciência intensa da historicidade, contingência, limitação, de todos estes sistemas, a começar pelo meu (p.15).

Apesar de problemática, pois não se baseia na certeza e estabilidade da razão, essa liberdade de experiência, que nos abre ao diálogo, à fruição espontânea dos acontecimentos e à interpretação constante pode nos tornar capazes de alcançar outros modos de ser, quem sabe mais humanos, conforme infere, em tom otimista, o autor. Por ora, o estágio de emancipação que a *comunicação generalizada* e as Ciências Humanas parece nos conduzir advém na revelação da pluralidade, dos engenhos e das armações das tramas que entendemos hoje por culturas (VATTIMO, 1992).

2.3 ÉTICA E RESPONSABILIDADE MORAL

Baumam (1997) defende – no que tange à reflexão sobre os sujeitos contemporâneos, fragmentários e oscilantes em meio ao caos instaurado –, a

importância e a necessidade de se lutar pelo desenvolvimento da responsabilidade moral, apesar de todo esse inebriante contexto de liberdade e de *desenraizamento* fulgurantes. Esse autor fala da complexidade, irracionalidade e ambivalência, inerentes à condição humana, às relações sociais e aos posicionamentos políticos e morais, cambiantes ao longo dos tempos.

A imprevisibilidade resultante da liberdade individual seria fonte de caos; por isso, deveria ser rigidamente conformada por preceitos morais por meio de uma ética baseada em *fundamentações* racionais, tida como universal e última, segundo a perspectiva que vigorou até a modernidade. O devaneio da *universalidade* intelectualmente fundamentada como destino final da espécie humana propunha suplantar eventuais diferenças culturais e ideológicas encontradas pelo caminho.

Essa espécie de colonização filosófico-normativa da vida comum foi atualizada por meio do fenômeno da globalização, conforme indica Bauman (1997). Todavia, o gradual desgaste de tal empreitada tem explicitado a sua inviabilidade em meio às sociedades pós-modernas. Para esse autor,

A autonomia de indivíduos racionais e a heteronomia de administração racional não poderiam ir um sem o outro; mas também não poderiam coabitar pacificamente. Estariam ajuntados para o melhor e o pior, destinados a colidir e lutar sem fim e sem nenhuma perspectiva de paz duradoura. O conflito que o seu estar-junto nunca parou de gerar continuou sedimentando, num extremo, a tendência anárquica de rebelar contra regras sentidas como opressão, e, no outro, as visões totalitárias que só podiam tentar os guardas do "bem comum" (BAUMAN, 1997, p.12-13).

A moral, segundo esse pensador, enquanto distinção entre "certo" e "errado", ancorada na ética, fora, de modo geral, obra do pensamento cristão, seguida pela revolução renascentista que culminou no projeto progressista moderno. Revistando o cerne desse pensar, no período renascentista, marcado pela emancipação do Homem em relação a Deus, o que incidiu em grandes rupturas sociais, ideológicas e políticas, Bauman (1997, p. 31) explica que essas mudanças nas estruturas sociais demarcaram a cisão entre elites "racionalmente superiores" e massas "impulsivamente irracionais". Esse pensador infere:

[...] seria sem graça perguntar o que vinha em primeiro lugar e o que em segundo: se era o zelo autonobilitante encorajado pela visão da depravação nos “outros” que se via ocorrendo ao redor, ou antes era o fato de que as “massas” tornaram-se aos olhos da “minoría pensante” cada vez mais estranhas, terríficas e incompreensíveis, enquanto em seus esforços de autocultivo, a elite projetava sobre elas seu medo secreto e íntimo de paixões cruas, sempre à espreita justo sob a aparência de “humanidade” de tinta fresca.

Os filósofos e legisladores humanistas, desse modo, pouco a pouco trabalharam para substituir a autoridade política e normativa divina e clerical pela heteronomia estatal. O “fazer o bem” como instância última moral passou, assim, a ser inoculado pelos “sábios porta-vozes da razão e do saber” nas “irracionais e incultas massas”. Segundo Bauman (1997, p. 36-37),

[...] cada pessoa é capaz de escolha moral, e esse fato nos permite tratar cada pessoa como destinatária da exigência moral e como sujeito moralmente responsável; todavia, por uma razão ou outra (seja pela carga partilhada e hereditária de Adão, seja pela ignorância do próprio interesse, ou pelas paixões teimosas do animal homem), muitas ou a maioria das pessoas, as escolher não escolhem o que é moralmente bom. Assim é, paradoxalmente, a própria liberdade de julgar e escolher que necessita de força externa que compila a pessoa a fazer o bem “para sua própria salvação”, “ para seu próprio bem-estar”, ou “em seu próprio interesse”. [...] todas as instituições sociais apoiadas por sanções coercitivas foram e são fundadas na admissão de que não se pode confiar que o indivíduo faça boas escolhas.

A luta contra a pluralidade, a ambiguidade e a incerteza das escolhas e opiniões individuais resplandeceu imperiosa durante séculos. A ética, visando ao alcance da “condição humana universal”, foi sendo desferida enquanto projétil de dominação sociopolítica. Com a cisão cultural, social e política pós-moderna, é que essa dicotomia moral artificiosa pôde ser contestada e problematizada abertamente, sendo percebida como algo cambiante e relativo. Nota-se que a moralidade (até então pretensamente regulada pela ética moderna), é dada a partir da percepção e vivência cada vez mais cindidas em individualidades. Individualidades essas constituídas por escolhas identitárias flutuantes. A emergência desse contexto de pluralidades só foi possível em virtude de as relações sociais terem se tornado mais complexas através do advento dos meios de comunicação de massa e da esfera pública (BAUMAN, 1997).

Conforme Bauman (1997), ao passo que foram sendo complexificadas, as relações sociais passaram a incidir também em *responsabilidades flutuantes*. As responsabilidades “demasiadas” podem agora ser, na medida do possível, delegadas a outrem.

Giddens (1991) problematiza essa questão, para quem esta é consequência de complexas transformações técnicas e tecnológicas. Esse autor sustenta que, na modernidade (e isso incide também no estágio da *modernidade radicalizada*, na qual estaria situada a contemporaneidade), com a *separação do tempo e do espaço* e com a *ordenação e reordenação reflexiva* das relações sociais com base em *conhecimentos e sistemas peritos* que afetam as ações e relações de grupos sociais, produziu-se o fenômeno de *mecanismos de desencaixe*. Este é o resultado do deslocamento das atividades sociais de contextos locais para situações indefinidas no tempo e espaço. Tal enredamento da vida com sistemas abstratos tem complexificado relações e posicionamentos.

Essa expansão tecnológica dos sistemas sociais promove uma espécie de fé cega nos dispositivos, o que tem incidido em frieza nas relações sociais, pois estas tornaram-se estritamente mediadas por aqueles. Conforme a ilustração desse escritor:

Quando saio de minha casa e entro num carro, penetro num cenário que está completamente permeado por conhecimento perito – envolvendo o projeto e construção de automóveis, estradas, cruzamentos, semáforos e muitos outros itens. Todos sabem que dirigir um automóvel é uma atividade perigosa, acarretando o risco de acidente. Ao escolher sair de carro, aceito este risco, mas confio na perícia acima mencionada para me garantir de que ele é o mais minimizado possível. Tenho muito pouco conhecimento de como o automóvel funciona e poderia realizar apenas pequenos reparos se algo desse errado. Tenho um conhecimento mínimo das técnicas de modalidades de construção de estradas, de manutenção de ruas, ou dos computadores que ajudam a controlar o movimento do trânsito. Quando estaciono o carro no aeroporto e embarco num avião, ingresso em outros sistemas peritos, dos quais meu próprio conhecimento técnico é, no melhor dos casos, rudimentar (GUIDDENS, 1991, p. 31).

Ao remover as relações sociais de seus contextos locais, os *sistemas peritos* e os mecanismos de *desencaixe* proveem espécies de garantias para nossas expectativas, o que tem redefinido a noção de confiança. Isso pode ser

transposto aos sistemas do ciber mundo e à flutuação da responsabilidade moral. Grande parte dos atores sociais não tem ampla noção da maneira como funcionam os mecanismos informáticos, os códigos de programação ou a monitoração de suas ações nas redes, mas parecem confiar que, por meio desses sistemas, podem executar ações pontuais e bem-sucedidas, influenciando, assim, de forma positiva na realidade. Muitos dos atores sociais que se engajaram no ciberativismo de *KONY 2012* pareceram cessar suas ações após terem concluído as tarefas pontuais de suas agendas, ainda que a iniciativa não tenha completado a totalidade dos objetivos a que se propôs. Isso é demonstrado pelo fato de que, poucos meses depois do estrondoso sucesso e de ter motivado inúmeras discussões na *web*, *KONY 2012* já não era mais mencionado nas redes sociais; e o número de visualizações dos vídeos da causa tendeu a estabilizar.

Giddens (1991) diz que o viver na modernidade assemelha-se a estada em um *carro de Jagrená*, uma metáfora oriunda da mitologia hindu, do termo *Jagannalh*, que significa “senhor do mundo”, relacionado à divindade Krishna. Esse autor menciona que o ídolo da divindade era conduzido anualmente às ruas num grande carro; sobre as suas rodas, arremessavam-se seus seguidores para serem esmagados. O autor, assim, ilustra o contexto da modernidade, que incide no afrouxamento da confiança e na flutuação da responsabilidade. Isso tem relação com o conhecimento reflexivamente aplicado, e que a qualquer momento pode ser indiscriminadamente revisto. O conhecimento de mundo colabora, assim, com o seu caráter de instabilidade e transitoriedade, e isso se reflete nas relações sociais.

Não há garantias na modernidade. E, agora, completamente mediados por produtos tecnológicos sobre os quais depositamos nossa confiança e responsabilidades, tornamo-nos cada vez mais artificiosos; passamos a agir de forma convulsivamente automática.

A possibilidade de delegação das responsabilidades aos outros, quando conveniente, agora nos conforta, no lugar dos deuses, mitos e heróis de outras épocas, ou das promessas seguramente racionais da modernidade. É como se

podéssemos suspender os fins em troca do intermitente devir de novos e agradáveis recomeços por meio das medialidades.

2.4 OS ESPAÇOS SOCIAIS

Bauman (1997) sustenta que convivem hoje três *espaços sociais*: o *cognitivo*, o *estético* e o *moral*. O *espaço cognitivo* seria produto do conhecimento, do pensar científico que perpassa a socialidade, principalmente por meio da ética, visando a instituição de uma moral padrão. É o espaço da *proteofobia* – o medo do caos, da confusão e da incerteza.

O *espaço estético* seria um movimento avesso, advindo das oscilações das multidões da atualidade que se arranjam de forma espontânea e, muitas vezes, despropositada, por meio do afeto, da curiosidade e da experimentação. É o espaço da *proteofilia* – a atração pelo desconhecido, pela confusão. O hedonismo, a liberdade em excesso e a comoção coletiva seriam características desse espaço, campo de atuação, por assim dizer, das socialidades cibermediadas, das *neotribos*. “No espaço estético, estar-junto é casual e fortuito – um fechamento de mônadas enclausuradas nas bolhas invisíveis se bem que impregnáveis de suas respectivas realidades virtuais” (BAUMAN, 1997, p. 204).

Na pós-modernidade, esses espaços justapõem-se, constituindo-se mutuamente em movimentos oscilatórios:

O espaçamento estético pode redesenhar-se no decorrer do espaçamento cognitivo, todavia não haveria nada para se redesenhar, nem haveria vontade de redesenhar, se o esforço do espaçamento social/cognitivo não tivesse produzido resultados seguros. Somente em espaço bem-administrado e policiado pode-se desmanchar o gozo estético da cidade. Somente aí podem os espectadores "estar em controle", no sentido estético da palavra (BAUMAN, 1997, p. 193).

O *espaço moral*, por sua vez, flui por meio dos (e para os) outros espaços. É o plano da responsabilidade moral. Enquanto o *espaço cognitivo* constitui a ética, o *espaço estético* muitas vezes a esquece ou a deixa solta. Já o *espaço moral*, antes solapado pela força ética, agora o é pela potência desconcertante da estética.

Bauman (1997) sustenta que o *espaço moral* é um ambiente de equilíbrio e maturidade, de conversação e entendimento recíproco das diferenças. Nesse espaço, a assimetria da confusão e da má compreensão seriam pontos fundamentais para a busca de uma compreensão emancipatória e para o alcance do modelo ético pós-moderno que este sugere:

A simetria da atitude natural lança os humanos como iguais; a experiência da má-compreensão coloca os humanos como não-iguais uns em referência aos outros. "Compreensão" é sempre a mesma coisa, podendo, portanto, ser pensada apenas no singular. "Más compreensões" são muitas, todas específicas e diferentes, e podem ser e são pensadas no plural. Começamos a nos diferenciar uns dos outros a partir de diversas maneiras pelas quais se descartou a adoção de simetria e reciprocidade. "O mundo enquanto mundo só se me revela quando as coisas vão mal". A construção do mundo social começa a ser séria quando as experiências ingênuas são frustradas, deixando assim de serem ingênuas (BAUMAN, 1997, p. 169).

A questão colocada por Bauman (1997) parece ser a necessidade de tentarmos desenvolver um senso – além da razão e da emoção – que nos capacite a lidarmos com as adversidades dos espaços sociais incertos e cambiantes. É o desenvolver de (ou o revolver a) uma responsabilidade moral (uma espécie de intuição) em relação a si mesmo para com os outros, e também para com o mundo. Trata-se de uma responsabilidade que envolva fundamentalmente respeito, liberdade e compreensão das complexidades dos contextos.

2.5 A ESPONTANEIDADE MORAL SOB CONTROLE

Bauman (1997, p. 84) explana que “paradoxalmente, estar com significa estar separado. ‘Ele não é senão o não-eu, o lugar que ele ocupa é um lugar onde não estou’”. Nesse sentido, cada um de nós – apesar de fatalmente viver em sociedade – encontra-se solitário em sua empreitada moral. É a desconfiança e a insegurança em relação à capacidade moral do outro e de seu direito de fazer juízo moral que têm amparado a necessidade de elaboração e de uso de protocolos éticos de regulação social. Esse autor problematiza essa questão:

É preciso ter Lei. Ou então se precisa de Ética, que só se mascara de Moralidade quando macaqueia a Lei. Lei – com seu poder heterônomo e coercitivo – é o único ponto a que podemos chegar quando partimos do “estar-com” de seres ontologicamente separados (BAUMAN, 1997, p. 84).

Já a moralidade antecede ao *ser*, portanto, não há como justificá-la ou determiná-la com base em pretensas fundamentações, já que “[...] determinação e justificação são traços do *ser*, que é ontológico; o único *ser* que há, afinal” (BAUMAN, 1997, p. 89). No entanto, a responsabilidade moral funda a relação do *eu* com o outro. E essa responsabilidade, quando assumida, acaba por constituir o *espaço moral*, anterior ao *ser*. Seria essa a única fundamentação possível de moralidade.

Essa frágil moralidade espontânea, resultante do contato e do estabelecimento de relações sociais do eu para com o outro, incidiria em comum acordo, independentemente da razão, de recursos persuasivos ou de qualquer conhecimento prévio e sistemático. Para o autor, esse contrato social intuído é sustentado pelo que chamou de *insubstituibilidade*. Na medida em que cada um de nós é único, noções como “altruísmo” e “egoísmo” perdem proposição. “Mal” e “bem” passam a ser percebidos mais com base em relações de oposição que por meio da ideia de que algo pode ser simplesmente “ruim” para um ou puramente “melhor” para outro, somente porque alguém instituiu isso arbitrariamente. A responsabilidade individual, nesse sentido, é uma característica inerente ao acordo comum entre o eu e o outro.

No entanto, conforme comentado por esse pensador, esse acordo comum, quando submetido à força de um terceiro (que impõe convenções e regras), passa a existir sob o pretexto da ordem social, governada pelas leis, e não mais pela responsabilidade moral. Essa outra moralidade (então regulada pela ética coercitiva), acaba por esvanecer a espontaneidade moral do *ser*.

A figura do terceiro, essa oposição à espontaneidade do contrato social do eu com o outro, é tratada por Bauman (1997) em analogia às ideias de socialidade e socialização. A socialidade, o *ser* na fruição espontânea do mundo e para com o outro, acabou sendo conformada e conformando a

socialização, por meio da racionalização do mundo e de narrativas de dominação.

2.6 A ESTÉTICA DA MULTIDÃO

Outro movimento posterior a tendência à racionalização moderna do mundo é o da *estetização do impulso moral*, o qual passou a ganhar força quando os movimentos de socialização começaram a ser mitigados na pós-modernidade. Segundo Bauman (1997, p. 151-151):

[...] a proximidade estética [...] é a vizinhança da multidão, e o sentido da multidão caracteriza-se por ser sem face. A face é a alteridade do Outro, e a moralidade é a responsabilidade pela alteridade. A multidão é a asfixia da alteridade, a abolição da diferença, a extinção da alteridade no Outro. A responsabilidade moral nutre-se da diferença. A multidão vive de semelhança. A multidão elimina e empurra para o lado a sociedade com suas estruturas, classificações, *status* e papéis. Mas ela também põe preço, por algum tempo, para a moralidade. Estar na multidão não é *ser-para*. É *ser-com*. Talvez nem sequer isso: apenas *ser em*.

Essa socialidade instantânea e gratuita da multidão – uma espécie de subversão esquizofrênica da intuição moral que a substitui por impulsos estéticos – seria um contraponto às estruturas de *socialização*.

A multidão, por meio da comoção coletiva, amontoa as individualidades numa massa fantasmagórica em prol de intenções partilhadas. Sem história, essa massa espectral propõe imagens de mundo que promovem o apagamento de um ideário de futuro. O futuro, por sua vez, perde importância na ânsia de tocar as imagens conjuradas no presente. Junto da problemática da pretensão ética moderna, Bauman (1997) também criticou esse ímpeto estético das multidões. Ímpeto esse cada vez mais corriqueiro por meio das redes sociais da Internet, as quais promovem ondas de comoção coletiva intermitentes, que se apagam em seus propósitos e ações na mesma velocidade em que nasceram e ganharam popularidade.

O Estado, nesse ínterim, já não mais tem ânsia ou potência para se envolver; “deixa acontecer”. Assim, o fenômeno de substituição da moral e da ética pela estética tem aflorado de forma cada vez mais veemente no cerne das

sociedades pós-modernas. Bauman (1997, p. 162) diz que, “uma vez mais, como durante os primeiros anos do ‘processo civilizador’, o campo da socialidade está baldio, sem nenhum poder que deseje cultivá-lo”.

Analisando tal cenário, e percorrendo as ideias demasiadamente otimistas do sociólogo Michel Maffesoli, Bauman (1997) revisita a ideia de *neotribos*, criticando-a:

[...] Tribos – porque a diminuição das unidades, o apagamento das diferenças, e a afirmação militante da identidade coletiva são seu modo de existência. “Neo” – porque privadas de mecanismos de autopropagação e auto-reprodução. Diversamente das tribos “clássicas”, as neotribos não duram mais que suas unidades (“membros”). Mais que ser compensação coletiva da mortalidade individual, são veículos da desconstrução da imortalidade; ferramentas de uma espécie de vida que é um ensaio diário de morte e, precisamente por isso, um exercício de “imortalidade instantânea” (BAUMAN, 1997, p. 162).

No vácuo desse exercício de *imortalidade instantânea*, as redes de comunicação cibermediadas (cerne das *neotribos*) têm feito com que eventos locais pudessem repercutir sem restrições geográficas. Esse autor fala do poder dessas redes em transmitir padrões – que são replicados impulsivamente – e em incitar multidões por meio de uma cultura da espontaneidade automatizada. E essa imaterialidade da comunicação social das multidões (a Internet), tem demonstrado sua fragilidade no que tange à capacidade de sustentar os padrões transmitidos. Na medida em que os padrões são extintos, os laços que acabavam por unir os integrantes das *neotribos* são desfeitos.

Na pós-modernidade, critica Bauman (1997), essa forma de arranjo social torna-se o modo dominante de expressão e socialidade. Laços sociais vazios e breves, intervalos de responsabilidade e de engajamento caracterizam o *modus operandi* de muitas dessas *neotribos*. Em meio a movimentos sociais, culturais, políticos e éticos, a socialização e diversas formas de socialidade coexistem e sobrepõem-se, ao longo dos tempos, enquanto maneiras de domesticação do espaço social para além da responsabilidade moral. Para Bauman (1997), esses caminhos extremos falharam em suas empreitadas em mediar acordos, justamente por não tornarem o *espaço moral* propício ao cultivo de uma autêntica moralidade.

2.7 EM BUSCA DA CONSCIÊNCIA MORAL

Giddens (1994) discute sobre a impossibilidade de apoderarmo-nos do destino em sua totalidade e subvertê-lo aos nossos propósitos idealizados. A vida social não é passível de controle em sua totalidade, apesar de que nós mesmos a criamos e a transformamos por meio de nossos conhecimentos e ações. O mundo, embora seja esquadrihado e compreendido como unidade, é cindido em desigualdades; em mundos diversos. E, ainda que as sociedades modernas progridam por meio do conhecimento empírico, este não nos habilita por si, em meio às diferenças, a conduzir com maior prudência, uma vida mais moral. Nesse sentido, esse autor escreve sobre a importância do que denomina de *realismo utópico*.

Os modelos de *realismo utópico* sobre os quais o autor explana incidem na necessidade de tentarmos governar o *carro de Jagrená* da modernidade. Segundo Giddens (1994), o conhecimento empírico aplicado, apesar das ambivalências sobre as quais sustenta e se constitui, tem o importante papel de reduzir os riscos de alta consequência. Isso tem trazido maior qualidade e prolongado as nossas vidas. E, dentro dessas implicações positivas da modernidade, do pensamento orientado para o futuro, podemos enxergar alternativas cuja disseminação pode ajudá-las a concretizarem-se. Esse *realismo utópico* pode ser traduzido pelas políticas emancipatórias latentes nas manifestações sociais contemporâneas. Esse autor expõe:

A política da vida se refere a engajamentos radicais que procuram incrementar as possibilidades de uma vida realizada e satisfatória para todos, e para a qual não existem "outros". Esta é uma versão da velha distinção entre "liberdade de" e "liberdade para", mas a "liberdade para" tem que ser desenvolvida à luz de uma estrutura de realismo utópico (GUIDDENS, 1994, p.138).

Isso vai ao encontro da *ética pós-moderna* defendida por Bauman (1997). Conforme esse autor, no decorrer histórico, passando pelas pretensões da modernidade, de instauração de um código ético único, eterno e inabalável, e chegando à condição pós-moderna, que tem culminado no fenômeno de substituição da penosa ética moderna pela espontânea e volátil estética das

multidões, ainda continuamos carentes de senso de responsabilidade moral. Portanto, surge a necessidade de compreensão e de enfrentamento dos fenômenos sociais e morais sob uma nova perspectiva, a da *ética pós-moderna*.

Bauman (1997) critica alguns pensadores ditos pós-modernos que têm decretado o fim da moral e da responsabilidade para com o outro, os quais, por meio de observações sociológicas, demonstram que, na sociedade de consumo e da comunicação generalizada, os indivíduos estariam mergulhando cada vez mais na fruição existencial hedonista e narcisista. Esse pensador reforça, nesse sentido, a necessidade de um pensamento mais crítico por parte dos pesquisadores, os quais deveriam se posicionar para além dos fenômenos e tendências observáveis. Bauman (1997, p. 8) defende o dever moral dos analistas sociais e propõe

[...] que a novidade da abordagem pós-moderna da ética consiste primeiro e acima de tudo não no abandono de conceitos morais caracteristicamente modernos, mas na rejeição de maneiras tipicamente modernas de tratar seus problemas morais (ou seja, respondendo a desafios morais com regulamentação normativa coercitiva na prática política, e com a busca filosófica de absolutos, universais e fundamentações na teoria). Os grandes temas da ética – como direitos humanos, justiça social, equilíbrio entre cooperação pacífica e autoafirmação pessoal, sincronização da conduta individual e do bem-estar coletivo – não perderam nada de sua atualidade. Apenas precisavam ser vistos e tratados de maneira nova.

Esse sociólogo postula a necessidade de se pensar e de se constituir parâmetros éticos pós-modernos, condizentes aos modos de vida atuais – plurais e caóticos –, tendo em mente que tanto a moralidade quanto os seus protocolos reguladores são baseados, em última instância, na irracionalidade, na incerteza e na ambivalência. Bauman (1997) pondera que o caos é a nossa origem e continuará sendo o centro de nossas existências, independentemente de nossas pretensões, vontades e saberes, efêmeros e voláteis. Isso tem se tornado evidente na observação das atuais socialidades cibermediadas.

Esse autor fala que não é por meio da forçosa ética moderna que alcançaremos a compreensão mútua e uma moralidade efetiva, pois estes só são possíveis em função da moralidade individual. Bauman (1997) sustenta

que, no mundo pós-moderno, podemos ficar, em face da habilidade moral humana, tal como é, sem as deformações sofridas durante a modernidade. Dessa forma, como ponto de partida, talvez consigamos tornar o mundo mais legítimo e humano.

Sobre a consciência moral, o sociólogo escreve que: “[...] nenhuma soma de mediadores e nenhum ‘estado agêntico’ pode mudar a verdade do assunto – que, em última instância, ela é – como sempre tem sido – uma questão de ser capaz de agir como agente moral próprio” (BAUMAN, 1997, p. 210). Bauman (1997) diz que a consciência moral sempre esteve aí, mesmo que demasiadamente diluída, seja no momento em que é observável indivíduos cuidando de outros, amando, ou agindo solidariamente, seja por conta da preocupação responsável com estranhos ou com o mundo que nos cerca.

Apresentadas as orientações teóricas desta pesquisa e algumas reflexões importantes sobre a questão da moral nos dias de hoje, e partindo da premissa de que o **movimento e contramovimento KONY 2012** insurgem de um contexto de ativismo civil mediado, abordaremos na sequência uma abreviada contextualização histórica dessas práticas.

3 BREVE HISTÓRICO DO ATIVISMO CIVIL MEDIADO

KONY 2012 é um caso de ativismo civil em nível mundial, mediado pelas tecnologias cibernéticas em prol de uma causa social em Uganda. Como contraponto, referimo-nos a uma curiosa alusão de Lipovetsky (1994) sobre um episódio de ativismo midiático global, em defesa de uma iniciativa humanitária, também no continente africano. A diferença desse outro caso é de que a ação desenvolveu-se por meio das mídias tradicionais. Trata-se de um movimento artístico solidário que começou na década de 1980, o *USA for Africa*¹².

Iniciada pelos artistas Bob Geldof e Midge Ure¹³ com a campanha *Feed the World*, a ação visava arrecadar fundos por meio de *shows* internacionais e vendas de discos para ajudar necessitados na Etiópia. O marco dessas movimentações foram os eventos que aconteceram em 1985 em Londres e na Filadélfia, ao vivo, televisionados por 17 horas para cerca de 1,5 bilhão de pessoas. Em meio a esses acontecimentos, foi popularizado o *hit We are the world*, o qual repercutiu mundialmente por conta da popularidade de celebridades da época: Michael Jackson, Lionel Richie, Stevie Wonder, Tina Turner, Diana Ross, Cyndi Lauper, Bob Dylan, entre outros¹⁴. Essa ação rendeu um filme, um livro e diversos produtos promocionais. Foi um fenômeno de ativismo civil extremamente popular e bem-sucedido, sem a influência dos aparatos cibernéticos. À época, não havia ainda o apelo ao engajamento ativo das audiências. As ações comunicacionais e sociais referidas por Lipovetsky (1994) nesse caso ficaram restritas a doações e a compras de produtos culturais, por meio do que esse autor chama de *solidariedade midiática*.

Com base nesse exemplo e nas observação sobre a ação *KONY 2012*, podemos dizer que tanto o ativismo social cibermediado quanto a *solidariedade midiática* consistem em mobilizações de grupos em torno de ideais e objetivos comuns que visam provocar mudanças políticas e sociais em dado contexto. Para uma iniciativa ativista alcançar metas previamente definidas, seus ideais precisam conquistar a atenção de audiências e convencê-las. Ativismo implica,

¹²Site da organização disponível em: <http://www.usaforafrica.org/>. Acesso em: 4 set. 2013.

¹³Conforme <http://goo.gl/D0oQ7y>. Acesso em: 9 out. 2013.

¹⁴Conforme <http://www.usaforafrica.org/>. Acesso em: 2 out. 2013.

então, em idealização, comunicação, persuasão, ação e transformação. Trata-se de uma prática transgressora intrinsecamente política; e a comunicação social é o seu cerne.

2.1 ATIVISMO CIVIL MEDIADO DESDE A DÉCADA DE 1950

Lembramos que o ativismo mediado não é uma novidade dos dias atuais. Muitos movimentos sociais têm se valido da atenção e, até mesmo, de estratégias de mídias de massa nas últimas décadas. Irrrompendo do local para o transnacional, os movimentos sociais, hoje, com os meios de comunicação e informação cibernéticos, têm estimulado o engajamento de audiências mais amplas. Conforme Rucht (2004), no transcorrer histórico do ativismo, os vários tipos de mídias, de iniciativas contraculturais e de engajamento social tiveram um papel decisivo nos empreendimentos ativistas.

O autor argumenta que os movimentos sociais podem adquirir relevância sob duas formas principais: (1) *Comoção coletiva* – não existem estratégias pré-definidas, a atenção midiática e de públicos é um efeito; e (2) *Ações planejadas* – formulações estratégicas, como escolhas de veículos comunicacionais e relação com as mídias, em busca de grande visibilidade. Tendo em vista a forma planejada de pleitear atenção, esse autor aponta paralelos e expõe a relação de alguns movimentos ativistas com as mídias de massa, relação fundamental para alcançar grande visibilidade e comunicação com amplas audiências.

Segundo Rucht (2004), as mídias tradicionais ancoram seus objetivos e ações na própria sobrevivência. Assim, seus ideais giram em torno do fator econômico e da lógica de mercado. As mídias de massa possuem linhas ideológicas e alianças políticas bem delimitadas e uma estrutura profissional e ética regulamentadas. Em geral, também contam com uma infraestrutura autossuficiente, que não depende diretamente dos seus públicos. Os movimentos sociais, por sua vez, lutam por causas específicas e vão além do fator sobrevivência. Em contrapartida, muitos protestos acabam ficando à mercê do engajamento de ativistas e de uma infraestrutura frágil. Outro paralelo

é que as mídias de massa precisam ser interessantes, inovadoras e rápidas para se manterem competitivas. Ativismo social envolve drama, espetáculo, emoção, conflito e acordo. Além disso, diferenças de opinião, discussões e protestos podem render coberturas jornalísticas polêmicas e furos de reportagem. Nesse sentido, movimentos sociais podem ser mais surpreendentes que muitos eventos cotidianos e acontecimentos casuais.

O autor informa que até a década de 1960, as mídias de massa eram mais raras e operavam com canais restritos. Com a popularização do rádio e da televisão, os veículos midiáticos, e as visões e ideologias, foram sendo diversificados. Isso trouxe possibilidades de abertura a variados atores sociais, revelando visões diferentes até num mesmo canal – algo pouco comum à época. Já os movimentos sociais desse período refletiam majoritariamente preocupações de classe. Com o passar do tempo e com o espraiamento da estratificação de classes, houve uma proliferação de questões endereçadas a audiências mais amplas. Essa conquista de atenção teve de ser buscada com esforço por meio de estratégias comunicacionais.

Rucht (2004) menciona, como um dos primeiros movimentos sociais midiáticos, a chamada *Nova Esquerda* (NE). Iniciada no final de década de 1950, na Europa Ocidental, a *Nova Esquerda* esteve atrelada principalmente a protestos estudantis. Partidos foram criados, centrados em pequenas audiências, por meio de encontros presenciais. Estes articulavam, liam e assimilavam ideais neomarxistas como parte de uma empreitada coletiva. A mídia de massa, por sua vez, não era favorável aos movimentos da NE. Esta, por sua vez, era considerada pela NE *como* uma ferramenta na mão dos partidos de oposição.

Os movimentos da NE tiveram desdobramentos nos Estados Unidos por meio de publicações *underground*. Por intermédio da ideologia da NE, também foram criadas *contrainstituições*¹⁵ e *contrapúblicos*. Segundo Rucht (2004), as principais estratégias desenvolvidas pela NE para conquista de atenção foram

¹⁵Locais para construção e troca de ideias sem as formais e hierárquicas estruturas institucionais ou a pressão por competição dos estabelecimentos tradicionais. A Universidade livre em Berkeley, a Universidade Crítica em Berlin, a Anti-universidade em Londres eram exemplos desse contexto segundo Rucht (2004).

a criação de revistas para intelectuais e de clubes de discussão. Tratava-se de uma comunicação restrita a pequenos grupos. Num segundo momento, com o ganho de visibilidade por meio de ações provocativas e polêmicas, a NE passou a ter uma cobertura – na maioria das vezes desfavorável – das mídias de massa, conquistando atenção para além do *locus* acadêmico.

No final da década de 1960, inspirados pela NE, surgiram os *Novos Movimentos Sociais* (NMS), os quais tinham como preocupação o desenvolvimento de políticas e democracias emancipatórias e a valorização do indivíduo e de sua independência em relação às amarras políticas e capitalistas (RUCHT, 2004). Esses movimentos eram mais numerosos, socialmente diversificados, geograficamente espalhados e mais pragmáticos. Distanciavam-se da ideologia e teorizações neomarxistas. Eram mais diplomáticos e não almejaram mudanças revolucionárias. Jordan e Taylor (2004) afirmam que esses movimentos sociais colocaram à baila questões mais cotidianas, como Direitos Humanos, a mulher, paz, ecologia e o terceiro mundo. Rucht (2004) fala que alguns dos NMS construíram sua própria infraestrutura de comunicação. O jornal francês *La Libération* e o alemão *Tageszeitung* são exemplos desse contexto. Em contraponto à NE, os NMS ganharam, na maioria das vezes, uma atenção favorável das mídias de massa e, até mesmo, suporte destas.

2.2. AS CIBERUTOPIAS

Paralelamente ao desenvolvimento dos NMS, foram sendo desenhadas as tecnologias cibernéticas e as chamadas ciberutopias, que também acabaram por influenciar muitos movimentos sociais.

Na Costa Oeste dos Estados Unidos, conformou-se o que Barbroock e Cameron (2001) tratam como *ideologia californiana*. A lógica capitalista empreendedorista dos *yuppies* (jovens empreendedores do Vale do Silício), aliada ao espírito libertário contracultural da subcultura *hippie* (a jovem boemia de São Francisco), foram os vetores dessa ideologia do final do século XX que fomentou a criação de novas indústrias e mercados por meio das

cibertecnologias. Os autores explicam que essa ambivalente confluência incidu no fenômeno conhecido como convergência das mídias, no qual a produção, a distribuição e o acesso à informação foram potencializados e popularizados às massas. Isso acabou por transfigurar também práticas comunicacionais midiáticas e cotidianas mundo afora. Ao passo em que se conectavam realidades plurais, eram produzidos novos protocolos sociais e impulsionavam-se usos criativos que acabavam por retroalimentar os contextos e estruturas sociais e políticas emergentes.

Nas ciberutopias dos futurólogos e filósofos pós-humanistas da Califórnia nas décadas de 1960 e 1970, todos seriam livres, ricos e felizes. E esses devaneios foram abraçados por estudantes, capitalistas, ativistas, personalidades acadêmicas, burocratas e políticos em todo os Estados Unidos e também em outros países. Barbroock e Cameron (2001) assinalam como marco da consolidação dessa ideologia o momento em que a União Europeia recomendou seguir o modelo de livre mercado californiano.

A *ideologia californiana* também influenciou movimentos de esquerda em todo o mundo, conforme esses autores. Rompendo com o estreitamento político do pós-guerra, foram lançados movimentos contra o militarismo, o racismo, a discriminação sexual, o consumismo irracional e a poluição desenfreada. Em oposição às rígidas hierarquias esquerdistas, os adeptos da *ideologia californiana* consolidaram estruturas coletivas mais democráticas, que, segundo estes, pré-figurariam na utópica sociedade libertária do futuro.

Essa *nova esquerda californiana* combinava ativismo político com transgressão cultural. Os *Hippies* (porta-vozes mais conhecidos da *ideologia californiana*) posicionaram-se contra as rígidas convenções sociais impostas, por meio das maneiras peculiares de se vestir e de se comportar, da promiscuidade sexual, da livre expressão musical e de experiências com o uso de drogas (BARBROOCK; CAMERON, 2001).

Barbroock e Cameron (2001) lembram que em novelas de ficção científica das décadas de 1960 e 1970 sonhava-se com uma Califórnia sem carros, que preconizava pela produção industrial ecologicamente viável, que valorava a igualdade entre os sexos e que permitia modos de viver conduzidos

por meio de pequenas comunidades. As utopias libertárias também criaram mundos ficcionais repletos de heróis objetivistas¹⁶ e individualistas, como cientistas geniais, piratas, comerciantes do espaço, dentre tantos outros.

Os *hippies* preconizavam um retorno à vida em meio à natureza. Ao mesmo tempo, eles acreditavam que o progresso tecnológico transformaria seus princípios libertários em realidade social. Influenciados pelas ideias de Marshall McLuhan, segundo os autores, esses tecnófilos esperavam que a convergência das mídias inevitavelmente criaria uma *Ágora* eletrônica, um lugar em que todos poderiam se expressar livremente sem medo de censura. McLuhan trazia a ideia radical de que o poder dos grandes negócios e dos grandes governos seria derrubado pelos efeitos capacitadores inerentes às novas tecnologias.

Encorajados por essas previsões, os radicais da Costa Oeste engajaram-se no uso e desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação alternativas aos circuitos midiáticos predominantes. Segundo explicitam Barbroock e Cameron (2001), eles desenvolveram estações de rádio comunitárias, clubes caseiros de computadores e produções audiovisuais coletivas.

A confluência da *nova esquerda (hippies)* com a *nova direita (yuppies)* e a fruição da criatividade libertária por meio do cibernundo propiciaram condições sem precedentes para a promoção e o crescimento de novas formas de capitalização das produções socioculturais. Em vez de o progresso tecnológico conduzir à *ecotopia*, incitou-se um regresso à *América dos patriarcas fundadores*, criticam Barbroock e Cameron (2001).

Os tecnófilos da Costa Oeste abraçaram a crença no livre comércio e na ideia de que as tecnologias cibernéticas dariam amplos poderes aos indivíduos e que promoveriam a liberdade individual, reduzindo o poder do Estado. A era

¹⁶O objetivismo foi uma filosofia popularizada por Ayn Rand por meio da famosa ficção *A Revolta de Atlas*, o livro mais lido nos Estados Unidos depois da Bíblia, segundo a biblioteca da Congresso estadunidense. Conforme essa visão de mundo, que preconizava o individualismo, a racionalidade e ideais morais transcendentais, o homem deveria ter objetivos concretos e racionais em sua vida, visando sempre ao progresso e a prosperidade material. A verdadeira felicidade só seria encontrada por meio do trabalho honesto e dedicado e na satisfação de ímpetos egoísticos que promoveriam a competição, vital no desenvolvimento das sociedades.

da informação que marcou o início do século XXI equiparou-se à realização dos ideais liberais do século XVIII de Thomas Jefferson: a criação de uma nova civilização fundada nas verdades eternas do ideário norte-americano. Barbroock e Cameron (2001) alertam que enquanto a Ágora e mercado eletrônicos têm prometido libertar os indivíduos das amarras do Estado e dos monopólios privados, essas tecnologias, ao mesmo tempo, tornaram-se veículos para o estabelecimento de novas formas de dominação.

Esses estudiosos descrevem um paralelo: Thomas Jefferson inventou diversos dispositivos inteligentes para a sua casa, como um monta cargas para levar comida da cozinha para a sala de jantar. Mediando o contato com seus empregados negros por meio da técnica, ele conseguiu evitar ter-se que deparar de forma direta com a realidade: sua dependência ao trabalho escravo. Barbarock e Cameron (2001) arrazoam que a *ideologia californiana* atrelada ao determinismo tecnológico, para além do otimismo emancipatório, é também uma visão de um futuro maquinalmente monitorado e repressor. Ao passo que os entusiastas californianos do passado sustentaram as *ciberutopias libertárias*, eles acabaram por construir um legado que, décadas mais tarde, acabou seguindo na contramão de suas premissas iniciais. Este tem promovido disparidades sociais e a degradação ambiental.

A *ideologia californiana* foi desenvolvida num país em específico, por grupos minoritários que viviam um momento socioeconômico peculiar, sujeitos a possibilidades tecnológicas características. Essa mistura eclética e contraditória de conservadorismo econômico e radicalismo contracultural *hippie* refletiu na história e movimentações sociais e políticas na Costa Oeste dos Estados Unidos e no resto do mundo.

O desenvolvimento dos cibermeios tem caminhado junto à inovação e à criatividade. Os ativistas do ciber mundo têm sido responsáveis pela eclosão de um novo paradigma social e cultural. Estágio esse que tem propiciado outras possibilidades de ação, mas que, ao mesmo tempo, é responsável por produzir ambivalências, disjunções e um cenário volátil e caótico (BARBAROCK; CAMERON, 2001).

3.3 CIBERATIVISMOS E A METÁFORA DO VIRAL

Foi na década de 1990 que as cibertecnologias e as ciberutopias começaram a tornar-se populares mundialmente. Por volta dessa época Rucht (2004) menciona o surgimento dos chamados *Movimentos Transnacionais* (MT) de protesto contra o neoliberalismo. A partir destes as estratégias midiáticas dos movimentos sociais foram sendo sofisticadas e profissionalizadas. A Internet oportunizou o agir de forma local e, ao mesmo tempo, globalmente. Culturas locais foram sendo misturadas, o que transformou identidades e posicionamentos morais. O desenvolvimento da comunicação global propiciou também o avanço do imperialismo cultural liderado pelos Estados Unidos.

Ao mesmo tempo que a popularização da Internet facilitou as trocas informacionais e a comunicação para o acionamento de protestos *on-line*, esta também promoveu o agendamento de ações nas ruas. Dentre as vantagens da intermediação de protestos via redes informáticas, Rucht (2004) destaca: a conveniência, a agilidade e o baixo custo para publicar e encontrar dados sobre fatos, processos, grupos, instituições e eventos; a troca de informação de poucos para muitos – e até mesmo de um para muitos, como o *mailing*, por exemplo –; a organização assíncrona de mobilizações para ações convencionais; o espaço para atuações virtuais que podem ter desdobramentos off-line (como o *swarming*¹⁷). Em contrapartida, no contexto do ativismo cibermediado, canais facilmente acessíveis, fragmentos de informações e causas comunicadas por multidões caóticas criaram uma situação na qual o cidadão médio corre o risco de perder-se, alerta o autor.

Jordan e Taylor (2004), ao falarem de ações ativistas cibermediadas, referem-se ao termo *hacktivismo*, que seria resultante da combinação do ativismo on-line com as práticas *hacking*, ou seja, práticas de transgressão de potencialidades tecnológicas preestabelecidas.

¹⁷Significa literalmente enxame. É uma prática que consiste em sobrecarregar servidores por meio de afluência de acessos. Na maioria das vezes, esse tipo de ação trava ou desativa temporariamente um serviço ou sistema on-line.

Por meio de protestos e ações de resistência direta no ciber mundo, o *hacktivismo* desenhou uma nova geografia de ações ativistas nas sociedades contemporâneas. O *hacking* inicialmente configurou-se como uma prática de apropriação criativa do potencial tecnológico, com finalidades científicas e experimentais. Posteriormente, esse uso foi reapropriado para propósitos contraculturais e políticos (JORDAN; TAYLOR, 2004).

O elemento nuclear da cultura *hacking* é o *hack*, vocábulo inglês que denota golpe, corte, ruptura, e fragmentação. *Hacking*, no contexto tecnológico, refere-se também à performance de um entusiasta, no que diz respeito à capacidade criativa e inovadora em programação de computadores. Poder e engenhosidade, além dos sistemas e dos protocolos dominantes, são características do *hacking*, que se configura enquanto uma prática inventiva e poética. Segundo os autores, o autêntico *hacker* apropria-se de conhecimentos conquistados para experimentar, testar e transgredir, para, assim, romper com protocolos, políticas e estruturas sociais predominantes de maneira singular.

O *hacker* existe com base em trocas, relações com seus pares, com acordos comuns. Desse modo, este integra comunidades maiores. Jordan e Taylor (2004) sugerem sete grandes grupos que se sobrepõem ao longo da história *hacker*, os quais emergiram do cenário *underground* da cibernética. Tais grupos foram responsáveis pelo desenvolvimento e a configuração do *hacktivismo* como podemos percebê-lo hoje, ou seja, a prática *hacking* com propósitos ativistas e políticos.

1. *Hackers originais*: pioneiros na área da informática, aficionados por computadores que surgiram em centros de pesquisa científica nos Estados Unidos, no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) mais especificamente, nas décadas de 1950 e 1960. Seus experimentos tinham como propósito aperfeiçoar e desenvolver as capacidades tecnológicas dos *mainframes*.
2. *Hackers de hardware*: suas atividades começaram por volta da década de 1970; inovaram no sentido de transformar os gigantescos e centrais *mainframes* em sistemas computacionais para uso pessoal e descentralizado.

3. *Hackers de software*: esses inventivos cientistas transformaram e criaram programas com a finalidade de usá-los nos novos *hardwares* que estavam sendo criados pelos *hackers de hardware*.

Com esses grupos iniciais, novas gerações de subculturas surgiram, passando, inclusive, a receber a atenção da mídia. O medo e a insegurança, advindos de uma possível revolução comunicacional, informacional e cultural e da invasão tecnológica do cotidiano, traziam novas questões à tona. Conforme os autores,

Hackers foram os habitantes prototípicos dos interstícios entre velhos costumes sociais e as implicações culturais das novas tecnologias. A prática *hacking* foi vista como uma resposta contracultural pós-moderna ao aparentemente inevitável avanço das novas tecnologias (JORDAN; TAYLOR, 2004, p.11).

Aos poucos, os produtos dessas práticas transgressoras começaram a tangenciar a vida no mundo inteiro. Novas práticas *hacking* originaram-se do entrecruzamento entre os grupos *hacking* originais com práticas de indivíduos comuns, que passaram a se apropriar das tecnologias que estavam sendo desenvolvidas e, muitas vezes, acabavam inventando novos usos para estas. Jordan e Taylor (2004) indicam, nesse interstício, mais três grupos (a segunda geração); e um último, os *hacktivistas*, que nasceram com as práticas e subculturas antecessoras.

4. *Hacker/Cracker*: de meados da década de 1980 até hoje, esse grupo refere-se a pessoas que invadem e danificam sistemas de computadores. O termo *hacker* traz significados mais nobres, como a transgressão engenhosa de qualquer sistema tecnológico sem prejudicar terceiros. Já *cracker* vai ser usado como distinção para indivíduos com propósitos maliciosos.
5. *Microserfs*: o termo teve origem no romance de título homônimo de 1995, de Douglas Coupland's. *Microserf* designa programadores de computadores oriundos das subculturas *hacker* que passaram a integrar as estruturas corporativas em ascensão.

6. *Open Source*: apareceram em resposta aos monopólios corporativistas do ciber mundo. São grupos com propósitos éticos bem delimitados e que criam *softwares* de código aberto colaborativamente. Qualquer um pode modificar seus programas. O objetivo desse grupo é criar *softwares* que são melhorados constantemente, dos quais todos possam livremente usufruir.
7. *Hacktivistas*: surgiram na metade da década de 1990 e misturaram práticas *hacking* com ações políticas ativistas.

Para Jordan e Taylor (2004), as comunidades e subculturas *hacking* englobam esses sete diferentes grupos, os quais coexistem até os dias de hoje.

As primeiras políticas *hackers* pensaram nas tecnologias de informação como instrumentos de democracia, na contramão do *mainstream* das grandes corporações de informática. Já na década de 1990, segundo explicam os autores, com o início das indústrias da Internet, e com a lógica corporativista comercial fortificada no campo computacional, a prática *hacking* passou a ser associada a atividades ilegais e à espionagem (daí, surge o termo pejorativo *cracking*). Os pesquisadores informam que, com o progresso e a comoditização da Internet, a prática *hacking* passou a ser menos associada com a cena *underground*. A expansão das companhias de informática, por sua vez, demandou a contratação de milhares de técnicos e passou a integrar indivíduos altamente especializados oriundos das subculturas *hacking*.

A primeira geração de *hackers* queria trazer uma espécie de poder emancipador e libertário para as pessoas (JORDAN; TAYLOR, 2004). Seus princípios éticos tensionaram questões importantes, como o acesso ilimitado ao poder computacional e o direito de acesso universal à informação. A democratização e a facilidade de acesso às novas tecnologias eram preocupações centrais.

Ao mesmo tempo em que esses anseios impulsionaram a inovação e visões radicais de sociedade, também conduziram os *hackers* a uma fascinação com as tecnologias, o que acabou por distanciá-los das preocupações sociais e políticas iniciais. Com o desenvolvimento das indústrias

informáticas e a mercantilização da informação, as esperanças transgressoras de novos *hackers* passaram a apostar na subversão dos sistemas cibernéticos como meio contrário à cristalização de valores.

Os cibermeios passaram a ser empregados como instrumentos de resistência social popular. As práticas *hacktivistas* vieram para subverter as políticas neocapitalistas globais e o controle quase que onipresente dos estados sobre a informação e as práticas e protocolos sociais comuns (JORDAN; TAYLOR, 2004).

Em consonância com Rucht (2004), Jordan e Taylor (2004) afirmam que os primeiros movimentos de ciberativistas/*hacktivistas* originaram-se de ações contra o Fundo Monetário Internacional (FMI), a Organização Mundial do Comércio (WTO), o Grupo dos Oito (G8) e as novas políticas mundiais neocapitalistas. O movimento antiglobalização propiciou o surgimento do *hacktivismo* no século XXI, o século da lógica e das dinâmicas sociais virais.

Hoje, com uma infraestrutura tecnológica em constante aperfeiçoamento, com a presença cotidiana e ubíqua dos cibermeios, muitos têm a chance de se comunicar com muitos e de se fazer ouvir em nível mundial. Fala-se, assim, do fomento de práticas criativas e de redemocratização social. Nessa situação, posições identitárias e jogos de dominação social foram abalados, revelando-se cambaleantes e incertos.

3.4 O REALISMO UTÓPICO

Giddens (1991) sustenta que os movimentos sociais são modalidades de engajamento radical importantes no tocante ao estímulo às mudanças no contexto atual – contexto esse que denomina de *modernidade radicalizada*. O autor chama-nos a atenção de que, passados os ímpetos iniciais, os movimentos sociais terminam por prefigurar grupos de interesses, entre outros.

Movimentos sociais comumente insurgem com base em descontentamento em relação às desigualdades. Por exemplo: em boa parcela dos movimentos sociais, parte-se do pressuposto de que existe um lado dos “oprimidos”, o qual deve ser mobilizado para combater políticas ou práticas

hegemônicas que estão em favor dos “opressores”. Isso em prol da igualdade e justiça ou melhoria de condições de vida. Definem-se coordenadas mínimas e máximas e age-se em prol da “equalização” de contextos. Para tal, os “oprimidos” devem adotar estratégias e ações “opressoras”. Trata-se de uma lógica reducionista que acaba por estreitar a complexidade das relações sociais, de posicionamentos éticos e de escolhas morais, o que termina por produzir mais uma inversão de papéis, em vez de estimular o almejado equilíbrio. Na onda dos jogos dos movimentos sociais, em suma, grupos de interesses acabam por se sobrepor incessantemente.

Conforme Giddens (1991), os primeiros movimentos sociais na modernidade foram os *movimentos trabalhistas*, os quais, em resposta ao desenvolvimento industrial e do capitalismo, buscaram, por meio das associações de classes, trabalhar em prol da conquista de direitos e na busca por igualdade social. Esses movimentos, mais tarde, foram além das cisões ideológicas de classes, permeando outros âmbitos sociais. Com a popularização dos ideais democráticos e de liberdade de expressão, no contexto de *circularidade*, emergiram mais dois eixos: os *movimentos pacifistas* e os *movimentos ecológicos* (contraculturais).

Segundo a ideia de *circularidade*, uma característica da *modernidade radicalizada* que esse estudioso postulou como fundamental, as instituições modernas que produzem conhecimentos parciais acabam revisando-os, ao passo que estes movimentam-se no interior e para além dos contextos descritos. Ou seja, quando se reflete sobre as socialidades, produzem-se novos conhecimentos que interferem, por sua vez, nas socialidades observadas. Com isso, como num movimento cíclico, pode-se provocar novas transformações nos conhecimentos anteriores.

No caso dos *movimentos pacifistas*, há a busca por controle dos meios de violência. A noção de “paz” é central, assim como a “democracia” para os *movimentos trabalhistas*. Seu surgimento é datado pela industrialização da guerra. Esses movimentos são associados, hoje, à prevenção de riscos de *alta consequência* no que concerne à possibilidade de deflagração de conflitos nucleares.

Já os *movimentos ecológicos* têm se encarregado de lutar por causas que tocam questões relativas aos ambientes criados pelo homem; tensionam os efeitos destrutivos do desenvolvimento industrial e do progresso capitalista sobre os modos tradicionais de vida e sobre a natureza. Tanto os *movimentos trabalhistas* quanto os *pacifistas* ou os *ecológicos* problematizam questões oriundas das consequências do desenvolvimento dos conhecimentos por meio das instituições modernas, evidenciando aí a característica da *circularidade*: o Homem (com as instituições e saberes) cria soluções que geram novos problemas e que demandam outras soluções, instaurando, nesse ínterim, um movimento recorrente e intermitente.

Para Giddens (1991), os movimentos sociais são importantes no contexto da *modernidade radicalizada*, pois articulam o que o autor chama de *realismo utópico*. Estes aludem às possibilidades futuras; e, ao mesmo tempo, são meios para a sua concretização:

[...] A perspectiva do realismo utópico reconhece a inevitabilidade do poder e não o seu uso como inerentemente nocivo. O poder, em seu sentido amplo, é um meio de conseguir que as coisas sejam feitas. Numa situação de globalização acelerada, procurar maximizar a oportunidade e minimizar os riscos de alta-consequência requer o uso coordenado do poder. Isto vale para a política emancipatória bem como para a política da vida (GUIDDENS, 1991, p. 143).

Nesse sentido, as novas infraestruturas sociais funcionam hoje sob dinâmicas voláteis e de caráter pandêmico. São essas dinâmicas virais que potencializam as ações políticas cibermediadas. Essa vulnerabilidade tecnológica e o quase misticismo advindo da imaterialidade do ciber mundo, segundo Jordan e Taylor (2004) e Barbarock e Cameron (2001), instigam o medo e a imaginação. Parece que dependemos cada vez mais da informação e comunicação mediadas, as quais acabam por fugir do controle humano. Daí, surge a analogia com a metáfora do vírus.

Observamos no transcorrer histórico das práticas de ativismo a fragmentação da esfera pública e a sofisticação das estratégias de comunicação mediada. Nesse entremeio, a relação entre movimentos de protesto e mídias tem se mostrado frágil e assimétrica. A Internet constitui-se como uma facilitadora de encontros e mobilizações dentro e fora desta, mas,

em muitos protestos impulsionados pelos meios eletrônicos, tem imperado o anonimato de multidões sem propósitos muito claros, o que gera divulgação de informações imprecisas e marginais. Estes, muitas vezes, acabam por se sobrepor aos propósitos que motivaram essas iniciativas ativistas.

Situado historicamente um abreviado sumário do ativismo civil mediado, também se faz necessária a contextualização da realidade social que *KONY 2012* denuncia, em Uganda, para assim ponderarmos com maior propriedade sobre os posicionamentos indicados na documentação do *corpus* de estudo apresentado mais adiante.

4 UGANDA: O CONTEXTO ORIGINADOR DO MOVIMENTO *KONY 2012*

Quando remetidos à figura do continente africano, por meio de campanhas ativistas midiáticas, usualmente revisitamos arquétipos e estereótipos traçados ao longo de séculos de colonialismo e imperialismo ocidental, reforçados por inúmeros discursos políticos e midiáticos. Trata-se de um lugar à mercê da desordem política, do subdesenvolvimento social e da marginalização econômica e política em nível global. Revolvemos à imagem de uma localidade regida pelo autoritarismo e manchada pelo sangue de intermitentes guerras e conflitos entre o governo, grupos étnicos e entre comunidades locais, alavancados, por sua vez, pelo racismo e pela ignorância, perpetrados por um histórico de dominação e aculturação estrangeira.

A imagem que a grande mídia e campanhas ativistas em prol de causas no continente africano parecem conformar e informar é de uma África inepta, faminta e carente; uma nação de incapazes. Uma África desesperançosa, à sorte de tiranos e senhores da guerra, do nepotismo governamental local e de jogatinas políticas internacionais. Um continente que parece necessitar desesperadamente da ajuda dos porta-vozes e heróis do desenvolvido, rico, caridoso, democrático e benevolente ocidente neocapitalista, ciberneticamente regulado e interconectado.

Nessa fulgurante factualidade midiática, paulatinamente e seletivamente construída, contextualizações históricas, situações sociopolíticas locais e ações de governantes são muitas vezes ofuscadas, quando não ignoradas. A complexidade de situações difusas e intrincadas é reduzida a historietas produzidas por poucos. E esses poucos lançam, muitas vezes, um olhar e recursos interpretativo, fora do contexto, como um turista que, à distancia e com estranheza, assenta o que consegue observar com base em seus preceitos morais e idealizações. Na conjuntura do ativismo midiático, parece imperar o reducionista e palatável “vale tudo”, em nome da dramatização de narrativas e a consequente conquista de ampla popularidade, apoiadores simpatizantes, militantes ativistas e contribuintes.

A organização não governamental *USA for Africa*, amparada pelo apoio de renomados artistas *pop* e por bem-sucedidos eventos, *shows* e produções culturais de âmbito mundial desde a década de 1980; as visitas e o trabalho humanitário (amplamente cobertos pela grande mídia) de celebridades e personalidades como Madre Teresa de Calcutá, Lady Diana e Michael Jackson, dentre muitos outros, desde a década de 1990 ao continente Africano, em meio a crianças e flagelados; e as célebres adoções às crianças africanas de Malawi, pelo ícone *pop* Madonna; e da Etiópia, pela atriz e embaixadora da Organização das Nações Unidas Angelina Jolie, nos anos 2000, são mostras tanto de um contexto de caridade e ativismo midiático difundido mundialmente – e agora potencializado pelos cibermeios –, quanto da banalização de narrativas rasas acerca de factuais na África. Tais narrativas, na maioria das vezes, são destituídas de contextualizações históricas.

Até mesmo a *Invisible Children* (IC), organização promotora da ação *KONY 2012* – que indiciou uma atualidade miserável em Uganda –, conforme veremos no Capítulo 5, revisitou estereótipos e arquétipos midiaticamente celebrizados, sem proporcionar uma contextualização histórica suficiente. No documentário em que apresentou a iniciativa e até mesmo no site – principal veículo de comunicação das ações da IC –, saltou-se direto a um país sem lei, no qual um grupo de guerrilha interna, o *Lord's Resistance Army* (LRA) passou a dizimar comunidades e famílias em prol de ensejos supostamente despropositados. Ao mesmo tempo, segundo informado pela IC, essas famílias, comunidades e crianças encontravam-se em um estado de inépcia, sujeitamento e sem o amparo das forças do estado.

Verificando o site da IC, encontramos uma breve elucidação histórica suplementar a seus documentários e campanhas audiovisuais nas redes. No texto *History of the War*¹⁸, foi noticiado sobre o “maior conflito armado e ainda ativo na história da África”, iniciado em 1986, ocasião na qual Yoweri Museveni assumiu a presidência de Uganda.

À época, a tribo Acholi, ao norte de Uganda, descontente com a opressão do governo, e sob liderança de Alice Lakwena, criou o movimento de

¹⁸Disponível em: <http://invisiblechildren.com/about/history/>. Acesso em: 20 jul. 2013.

oposição chamado de *Holy Spirit Movement* (HSM), que conquistou diversos adeptos e estabeleceu alianças com milícias rebeldes com a finalidade de invadir a capital Kampala e libertar o norte da opressão governamental. O movimento acabou obtendo apoio regional restrito. Como resultado, Alice Lakwena foi exilada. Com o HSM sem comando, apareceu Joseph Kony (no texto, não há referência a uma data), afirmando ser um parente distante de Lakwena e reivindicando o direito à liderança. Já no comando, Kony alterou o nome do movimento para *Lord's Resistance Army* (LRA). Não conseguindo manter o suporte regional em sua totalidade, ele e as forças remanescentes passaram a roubar providências de seus conterrâneos e a sequestrar suas crianças. Nesse ínterim, com essas ações e com a perda de apoio regional, segundo o texto da IC, o movimento que originariamente visava combater a opressão em Uganda, acabou se conformando como uma nova força opressiva no interior do país.

Conforme o relato da IC, o governo de Uganda, inapto em parar o LRA – não são apontadas maiores explicações sobre isso –, muito tempo depois, em 1996, passou a criar campos de refugiados como forma de amparo à população. Estimam que cerca de 1,7 milhões de pessoas vivem nesses campos.

Em 2005, a Corte Criminal Internacional emitiu mandatos de prisão para Joseph Kony e quatro de seus principais comandantes. Conforme comunicado pela IC, em 2006, o grupo rebelde LRA, estabelecido em Sudão do Sul e ao nordeste do Congo, teria acordado uma negociação de paz com o governo de Uganda por meio de um acordo de suspensão de hostilidades. Nesse período de pacificação, há evidências de que o LRA tenha atacado vilarejos e sequestrado crianças na República Democrática do Congo.

Em 2008, depois de recuperadas as forças, os militantes do LRA retornaram às suas atividades. Em dezembro, uma operação em parceria entre os governos de Uganda, República Democrática do Congo, República Central Africana e dos Estados Unidos, chamada de *Lightning Thunder*, teria falhado em função da descoberta antecipada do plano de ataque pelo LRA. Revoltosos com o atentado, os militantes do grupo de guerrilha teriam deflagrado uma

série de massacres locais subsequentes, incluindo ataques a vilarejos na República Democrática do Congo, os quais resultaram na morte de civis e no sequestro de centenas de crianças. No ano seguinte, o grupo teria vitimado outro povoado, novamente às vésperas do natal, com a finalidade de enfatizar “seus poderes de destruição”, ainda segundo a IC, que conclui o texto, afirmando que o LRA segue atuante e com seus ataques estratégicos e esporádicos em diversas localidades do continente africano.

Observaremos no Capítulo 5 que o que permanece impreciso no enredo informacional trazido pela IC e nas discussões palpitantes nas redes são as motivações do LRA e a contextualização histórica da situação social e política de Uganda. Por que um grupo inicialmente formado contra a opressão governamental teve seus propósitos iniciais subvertidos e passou a coibir e hostilizar os seus pares e civis, desistindo de enfrentar a suposta força opressiva do Estado? Disputas étnicas ou incongruências ideológicas teriam sufocado ideais libertários iniciais? E a figura do estado, que marcadamente se assumiu impotente contra o LRA? Conforme relatos da IC e de depoimentos de alguns atores sociais apontados mais adiante, os conflitos aconteceram majoritariamente entre o grupo LRA e civis. Por que o LRA parece não investir contra o governo de Uganda, aparentemente em desvantagem militar? E sobre o governo de Uganda: desde aquela época, quais transformações estruturais, organizacionais e políticas sofreu? Qual a sua posição em relação ao LRA? O que o governo ugandense faz ou tem feito por seus cidadãos?

4.1 COLONIALISMO, NEOCOLONIALISMO E A ÁFRICA HOJE

O continente africano atualmente integra 54 entidades nacionais (muitas destas desenhadas durante o período do colonialismo europeu) e comporta uma população de cerca de 1 bilhão de habitantes¹⁹. É o segundo continente mais populoso do planeta. A maior parte de seus Estados contemporâneos possui regimes republicanos que operam sobre sistemas presidenciais, o que

¹⁹Conforme <http://esa.un.org/unpd/wpp/Excel-Data/population.htm>. Acesso em: 16 ago. 2013.

não incide necessariamente em sistemas de gestão política democráticos, conforme Oloka-Onyango (2004).

Até metade do século XX, muitos países do continente africano viviam sobre a égide de seus colonizadores europeus e abrigavam diversas disputas étnicas internas e regimes marcadamente ditatoriais. Segundo o historiador M'Bow (2010), após a crise econômica dos anos 1930 e a Segunda Guerra Mundial, passou a se conformar o fenômeno de *libertação, formação do estado e edificação da nação* em muitos países africanos: movimentos importantes no contexto pós-colonialista de *reafricanização* da África e *re-humanização* da Europa. Nesse meio tempo, fulguraram casos históricos de regicídio e diversas sucessões políticas por meio de golpes militares.

Shohat e Stam (2006), ao esclarecerem sobre os processos de colonialismo e imperialismo em nível mundial, explicam que os termos colonização, cultura e culto derivam da mesma raiz latina *culturus*, verbete atrelado em sentido a práticas e valores ulteriores à ocupação e cultivo agrário, o qual tem relação também com a transmissão de ritos, tradições e práticas ao longo de gerações. Nessa percepção etimológica, é salientada a dicotomia dominado/dominador. O primeiro, intrinsecamente selvagem, caótico e irracional, “demandaria” (sob a ótica do segundo) a dominação racionalizadora, dogmática e progressista, necessária para a fruição das sociedades civilizadas, pretensamente detentoras da verdade e de ética absolutas e universais.

Esses autores sinalizam como efeitos nefastos do panorama de dominação europeia coativa de territórios em escala global – principalmente da África, Ásia e América – o aniquilamento de povos e culturas colonizadas, a submissão forçada de índios e negros ao regime escravagista e o aumento do racismo dentro dos territórios dominados e na própria Europa. Hoje, descontinuados os regimes colonialistas diretos, deparamo-nos com o que Shohat e Stan (2006) apontam como neocolonialismo, uma maneira de dominação indireta por meio de formas de controle abstratas, de natureza majoritariamente econômica e cultural. Na contemporaneidade, a Europa Ocidental, os Estados Unidos e o Japão conformaram-se como as principais elites neocolonizadoras, que infligem programas políticos, cânones culturais e

parcerias econômicas apoiadas pelas elites dos países colonizados. Isso tem resultado em efeitos calamitosos sobre as sociedades (neo)colonizadas, tais como pobreza, fome, dívidas externas crescentes e a exploração de recursos locais por negócios de capital estrangeiro e, até mesmo, no estabelecimento de regimes totalitários internos.

Elaigwu e Mazrui (2010) afirmam que, entre sucessões e alternâncias de regimes civis e militares, as administrações dos estados africanos contemporâneos não conseguiram, em sua maior parte, fortalecer seus Estados, muito menos edificar nações. Para M'Bow (2010), a identidade africana tem se mostrado problemática e inconsistente em função do histórico de dominação estrangeira, dissolução étnica e de humilhação racial, elementos que tem perpetrado a história do continente por séculos. Ainda sob o impacto do colonialismo e imperialismo, o desenvolvimento interno político e econômico tem se dado de forma bastante custosa, visto que as sociedades africanas ainda apresentam dificuldades de perceberem-se e de conformarem-se como um constructo sociocultural com uma identidade nacional comum.

Esse autor, no prefácio do sétimo volume de *História Geral da África*, elucubra como processos-chave para o entendimento do contexto histórico, social e político da África contemporânea: a dialética do *pan-africanismo de libertação* (corrente no processo pós-colonialista) e do *pan-africanismo de integração e de desenvolvimento* (ainda um processo em estado incipiente). Ou seja, o movimento entre os processos de conformação da identidade africana e o desenvolvimento das nações do continente seriam o cerne do contexto político atual.

Em 9 de julho de 2002 foi criada a União Africana (UA). Trata-se de uma aliança entre estados que visa a integração e a solidariedade política e econômica entre os países do continente africano. Na época, em comunicado²⁰ do presidente da UA, Thabo Mbeki, foram informadas como metas da então criada União, entre outras: “erradicar a pobreza, doença e ignorância através da pacificação e reestruturação política, social e econômica; promover a democracia amparada por leis funcionais; garantir direitos humanos básicos

²⁰Disponível em: <http://goo.gl/5VkUD6>. Acesso em: 02 set. 2013.

como igualdade de gêneros, direitos dos trabalhadores e das crianças; erradicar a pobreza e o subdesenvolvimento; garantir alimento e água potável e condições sanitárias fundamentais para a eliminação e prevenção de doenças; investir em educação, pesquisa, ciência e tecnologia; garantir espaço para a África nos negócios globais; e dar fim a marginalização dos países do continente no cenário econômico e político internacional”.

Apesar dos esforços de pacificação, integração e desenvolvimento intercontinentais, e dos afamados e controversos empreendimentos de caridade e ativismo midiático mundiais, grande parte dos países do continente africano ainda padecem tanto com a corrupção, autoritarismo e casos de nepotismo em seus regimes políticos ditos democráticos, quanto com o estilhaçamento cultural e identitário, assim como com revoltas e batalhas civis insurgentes, agravantes da secular interferência colonialista Ocidental. O ímpeto de antes, agora disfarçado sob avatares neocapitalistas, operante por meio da lógica neocolonialista, parece mais agravar e espetacularizar a complexa e histórica problemática de agora que contribuir para a melhoria das condições existenciais dos cidadãos de lá.

4.2 DIVERSIDADE E CONFLITO EM UGANDA

Nessa situação de diversidade e fragmentariedade social, política e cultural, de busca pelo desenvolvimento integrado de nações, em um cenário de instabilidades sociopolíticas e constantes confrontos étnicos, está situada Uganda. O país, localizado ao Leste do continente africano, faz fronteira ao Norte com Sudão do Sul, ao Leste com Kenya, ao Sul com Tanzânia, ao Sudoeste com Ruanda e a Oeste com a República Democrática do Congo. Twaddle, Rabearimanana e Kimanbo (2010) explicam que, apesar de se constituir como uma entidade geográfica e política, Uganda é cingida em diversas entidades étnicas, as quais mantêm parte de suas tradições, preceitos e crenças. Trata-se de resquícios do período pré-colonial.

Segundo os autores, até meados do século XX, Uganda ainda era uma colônia britânica. A diferença em relação a outros regimes colonialistas na

África foi que, em Uganda, o governo britânico reconhecia e preservava a autonomia da principal elite pré-colonial da região: Buganda. As entidades políticas Uganda e Buganda coexistiam de forma mais ou menos controlada no mesmo enquadramento geográfico, ao passo que outras etnias locais minoritárias e reinos eram sujeitados à égide política britânica (Uganda). A chave do sucesso da empreitada colonialista britânica foi o fato de terem tornado o reino de Buganda a base de sua dominação por meio do *Buganda Agreement* (1900) (Figura 2).

O acordo definiu as fronteiras do governo de Buganda. Fronteiras essas que foram estendidas a todo o protetorado britânico em Uganda. O nacionalismo ugandense configurava-se, assim, de forma ambivalente: de um lado, havia grupos identificados com a autonomia e soberania do reino de Buganda; de outro (Uganda), situavam-se os grupos minoritários, esfacelados pela dominação britânica (TWADDLE *et al.*, 2010).

Figura 2 – Divisões territoriais Uganda / Buganda segundo o acordo de 1900



Fonte: monitor.co.ug

Conforme Twaddle *et al.* (2010), na década de 1940, distintos grupos e interesses políticos, chamuscados pelo sistema colonial, acabaram por desencadear uma série de tensionamentos sociais e políticos. A elite ugandense revoltosa distribuía-se em três eixos: 1) funcionários que reclamavam contra a discriminação racial; 2) exploradores especializados em culturas para a comercialização de algodão indignados com as vantagens obtidas por beneficiadores e escritórios de comercialização estatais no processo; e 3) comerciantes que clamavam pelo fim de monopólios de empresas britânicas e asiáticas. Esse descontentamento geral da elite que integrava a cadeia industrial culminou em revoltas em várias cidades do país (1945), acendidas pelos baixos salários e aumento do custo de vida em função da inflação ocasionada pela crise pós-guerra. O governo britânico foi perdendo credibilidade e apoio. Nesse mesmo ano, em um clima de tensão crescente, o Primeiro-ministro bugandense foi assassinado.

A exploração colonial tornou-se cada vez mais insustentável. Conforme os historiadores, em 1952, os revoltosos criaram o *Uganda National Congress* (UNC), primeiro movimento nacionalista consistente que unia as elites de Uganda e diversos outros grupos trabalhistas minoritários (Teso, Bukedi, Lango e Acholi). Nesse entremeio, Milton Obote lançou um programa que clamava pela independência nacional. Em 1955, acontecimentos impactantes para a independência de Uganda envolveram o governador de Uganda, Andrew Cohen, e o rei Mutesa II, Kabaka de Buganda. Esse último foi deportado à Grã-Bretanha.

Interesses das elites nacionais e de representantes do UNC colocaram o rei Kabaka Yekka no poder. Este tornou-se a principal chefia de Buganda, não mais sob as rédeas britânicas. Na sequência, foi criado o Uganda People's Congress (UPC), de Milton Obote, que falhou na tentativa de se consolidar como entidade nacional única (TWADDLE *et al.*, 2010).

Em 1962, o estado de Uganda obteve a independência da tutela britânica, conforme Mazrui (2010), graças a um governo de coalizão, chefiado por Milton Obote, entre Kabaka Yekka de Buganda em parceria com o UNC e o UPC. Em meio a todas essas movimentações políticas e sociais, é pertinente

apontar que a conformação do nacionalismo em Uganda foi pautado por cisões ideológicas e regionais das mais diversas (TWADDLE *et al.*, 2010).

Rowe (1992) informa que Apolo Milton Obote governou parte de Uganda sob uma lei marcial de 1966 a 1971, até o golpe militar que trouxe Idi Amin Dada à presidência. Esse autor explica que, sob o comando do controverso Idi Amin, Uganda ficou conhecida no cenário global. Figura polêmica e com discursos idiossincráticos, Amin conquistou a atenção e antipatia midiática internacional tanto pela falta de diplomacia quanto pelos diversos massacres civis que aconteceram sob sua gestão.

Em 1979, na guerra entre o governo de Uganda contra o Uganda National Liberation Army (UNLA), que, por sua vez, contava com o apoio da Tanzânia, a capital Kampala foi tomada e Amin acabou fugindo para a Líbia, sendo posteriormente exilado em Jiddah, na Arábia Saudita (ROWE, 1992). Conforme Cheeseman (2010) e Rowe (1992), a gestão paranoica e violenta de Amin teria resultado na morte de centenas de milhares de civis. Muitas das atrocidades de Amin foram reveladas no livro *A state of blood* (1977), escrito pelo ex-ministro Henry Kyemba, após sua fuga do país.

Figura 3 – Idi Amin Dada



Fonte: www.cbv.ns.ca

O filme *The last king of Scotland* (Kevin Macdonald, 2006) retrata de forma pitoresca a emblemática a figura de Idi Amin Dada e o seu ambivalente governo. O filme – uma história ficcional baseada em eventos reais, como uma conferência de imprensa na qual Amin declara-se o último rei da Escócia –, constrói uma narrativa com base no relacionamento de Idi Amin com o seu

médico pessoal, o personagem Nicholas Garrigan, um irlandês recém-formado que decidira se aventurar no misterioso continente africano. No filme, o personagem Amim é uma figura carismática e barroca, um patriarca zeloso, mas ao mesmo tempo um governante autoritário, paranoico e repressor, que esconde decisões, resoluções e ações arbitrárias e obscuras da imprensa e de seus compatriotas. Isso acaba levando-lhe à ruína e ao exílio.

O regime de Idi Amim, polêmicas à parte, não foi de caráter reformista. Apesar de suas empreitadas tidas como revolucionárias, não conseguiu criar medidas econômicas que pudessem garantir uma fruição econômica africanizada. Ainda podemos mencionar que as piores violações de direitos civis da história do país deram-se no governo de Amim (ELAIGWU; MAZRUI, 2010).

O cenário social histórico resultante das políticas nacionais de Amim soa tão hediondo quanto as atrocidades delatadas pela IC sobre as ações do terrorista Joseph Kony e seu exército de civis rebeldes, o LRA, na Uganda contemporânea. Na época de Amim, não houve punições pelas práticas de genocídio; sequer uma intervenção de âmbito internacional para a crise social na qual se encontravam os cidadãos daquele país. A gestão de Amim servia como um freio ao avanço do comunismo na África, sendo estrategicamente pertinente, naquela época, as políticas estadunidenses anticomunistas²¹.

Figura 4 – Milton Obote



Fonte: www.cbv.ns.ca

²¹Disponível em: <<http://goo.gl/4efXrS>>. Acesso em: 21 set. 2013.

Após a deposição de Amim, Obote retoma ao poder. Em 1981, um novo grupo de oposição política é conformado sob a liderança de Yoweri Museveni, o *National Resistance Army* (NRA). Obote, ao contrário de Amim, demonstrava preocupação com sua imagem perante grupos internacionais. Todavia, seu regime não se mostrou muito diferente do de Amim. O descontentamento civil era grande; as detenções pela polícia e as desapareições de indivíduos continuaram. Estima-se que tenham ocorrido mais de 500 mil mortes de civis pelas forças militares sob a tutela de seu regime político (ROWE, 1992).

Conforme esse autor, em 1985, Obote foi deposto sob novo golpe militar. Como resultado, o general Tito Lutwa Okello governou por cerca de um ano. Nesse período, aconteceu a guerra civil do exército de Okello contra o NRA, de Museveni. Este, após obter amplo apoio da população local, tomou Kampala. Okello e seus soldados, por sua vez, fugiram para Acholi, sua base étnica, ao norte de Uganda. Museveni, após a empreitada militar contra Okello, assumiu a presidência de Uganda em 1986.

Figura 5 – Yoweri Museveni



Fonte: www.iipt.org

A gestão de Museveni perdura até hoje, após nova vitória na última eleição presidencial de 2011. Para Oloka-Onyango (2004), ele é o primeiro presidente de Uganda que integrou uma nova geração de líderes nacionais na África, que, apesar de se submeterem a processos eleitorais democráticos, ainda reinam sob o monopólio de um único partido ou movimento e impõem seu poder por meio de estratégias coercitivas.

A situação social e política atual de Uganda é bastante problemática; e ainda exhibe as cicatrizes produzidas pelo histórico de colonialismo britânico e o cenário de desordem interno, resultante de diversos conflitos étnicos entre civis e militares que insurgem constantemente no país. O contexto discursivamente forjado no documentário da IC, documentado no Capítulo 5, parece não ser muito diferente das tensões políticas existentes entre as forças do estado ugandense e os grupos civis em um passado recente.

4.3 O NASCIMENTO DO EXÉRCITO DE JOSEPH KONY

Em relação à formação do LRA em Uganda e de seus movimentos militares nos últimos anos, o referencial teórico torna-se escasso e bifurca-se em espécies de micronarrativas. Encontramos alguns artigos acadêmicos e diversas documentações jornalísticas midiáticas ou de correspondentes independentes. Com esses materiais, identificamos certos pontos de convergência: conflitos sociais semelhantes ao do LRA parecem ser corriqueiros em várias regiões da África²²; Joseph Kony, oriundo do grupo tribal Acholi, que remonta suas origens ao período pré-colonial, é um fanático religioso. O LRA conformaria um grupo que adotou uma retórica cristã com um fundo ideológico misticista, baseado em tradições africanistas arcaicas²³. As ações do LRA teriam perpassado diversos países próximos além de Uganda nos últimos anos²⁴; e Kony estaria desaparecido há vários anos²⁵, o que deslegitima em parte a narrativa da IC, que informou que o LRA ainda agia em Uganda sob a liderança de Joseph Kony.

Em *The Wizard of the Nile: The Hunt for Africa's Most Wanted*²⁶, Matthew Green (2008) relatou sua experiência como um correspondente da *Reuters* durante o período de seis meses em que viveu ao norte de Uganda, na tentativa de encontrar o desaparecido Joseph Kony e de tentar desvelar a

²²Ver, por exemplo, <http://goo.gl/V4eCQM> e <http://goo.gl/H8wG2z>. Acesso em: 14 set. 2013.

²³Conforme <http://goo.gl/3dP8Hb> e <http://goo.gl/gMM89N>. Acesso em 13 set. 2013.

²⁴Segundo <http://goo.gl/EDFD97> e <http://goo.gl/QFwfpz>. Acesso em 14 set. 2013.

²⁵Ver em <http://goo.gl/yjk2D> e <http://goo.gl/xXh31D>. Acesso em 15 set. 2013.

²⁶ Tradução livre do autor: "O mágico do Nilo: a caçada ao mais procurado da África".

mentalidade do criminoso, um homem que empreendeu uma polêmica e pouco compreendida guerra que surgiu durante o governo de Yoweri Museveni.

Conforme o relato de Green, milhões de civis estariam vivendo em campos de refugiados em função dessa guerra. Muitas famílias tiveram crianças sequestradas e aliciadas ao exército de Kony, ou foram “integradas” às famílias dos comandantes do grupo LRA. O jornalista também trouxe relatos à sua narrativa, como o de Moses, um rapaz que foi aliciado ao LRA e conseguiu escapar. Moses conheceu amigos da juventude de Kony, que deram pistas sobre o contexto de formação do terrorista na tribo Acholi, na qual ele é originário e cresceu. Desaparecido desde meados da década de 1990, Kony apresentava-se como um profeta de Cristo.

Conforme a investigação de Green, a história dessa guerra começou com Alice Lakwena, uma mulher comum, vendedora de pescados e oriunda da tribo Acholi. Dizem que Lakwena teria sido possuída por um espírito que lhe conferiu poderes de cura. Sua irmã mais velha, Betty Lakwena, contou que Alice, certa vez, rezou por três dias. Como resultado, um garoto mudo passou a falar. Outra vez, Lakwena orou outros três dias; assim, um homem que sofria de impotência sexual pôde voltar a satisfazer a sua mulher. A tribo Acholi parece confiar em práticas religiosas sincréticas que misturam crenças cristãs com ritos africanistas.

Alice Lakwena, por meio de diversas outras mostras públicas de seu suposto poder sobrenatural, acabou conquistando a simpatia de um amplo número de fiéis. Com o tempo, passou a se valer da popularidade e da influência conquistadas para empreitadas políticas maiores. Green assinalou que Lakwena formou um exército de mais de 10 mil fiéis e que ela ansiava por trazer uma era de paz a Uganda. Lakwena garantia imunidade a seus fiéis por meio de “20 precauções de segurança do espírito santo”, como, por exemplo, fazer cruces com manteiga de Karité no peito para proteção contra projéteis de artilharia.

Segundo a investigação de Green, esse movimento tribal religioso chegou ao seu ápice com a criação do Holy Spirit Movement (HSM)²⁷,

²⁷Acker (2004) cita a nomenclatura Holy Spirit Mobile Forces (HSMF).

movimento de oposição às forças governamentais de Uganda daquela época, que já estavam sob a liderança de Yoweri Museveni. Após a derrota em 1988 pelo exército de Museveni, Alice Lakwena fugiu para o Kenya²⁸. O grande exército de fiéis havia perdido sua liderança. Uma multidão de crentes religiosos ficou então à mercê da casualidade, até que um jovem, Joseph Kony, aproveitou-se dessa brecha; pouco tempo depois, autoproclamando-se um profeta que recebe ordens do espírito santo. Segundo Green, Kony reivindicou a liderança do movimento com o objetivo de governar Uganda conforme os dez mandamentos bíblicos. Nesse ínterim, o exército de rebeldes (muitos remanescentes do HSM) converteu-se aos preceitos do novo líder, inteirando o LRA, que passou a sequestrar e violentar crianças.

Green verificou uma condição de fanatismo religioso nos rebeldes do LRA que viam Joseph Kony como uma espécie de messias. Esse jornalista registrou um depoimento de um comandante do LRA, Vincent Otti, em um programa de rádio em Kampala, gravado de uma localização secreta:

‘Que tipo de homem é o Sr. Joseph Kony?’ Perguntou o apresentador. / ‘Joseph Kony é um profeta.’ / [...] [Respondeu Otti] / ‘Enviado por Deus?’ Perguntou o apresentador. / ‘Ele é um verdadeiro profeta, estou dizendo a você. Ele é e você virá a concordar que ele é um profeta’. / A gravação capta o som dos convidados no estúdio rindo de forma comedida [...]’²⁹ (GREEN, 2008, p. 174).

Em manchete no site da BBC³⁰, um ex-militante do LRA afirmou: “Quando você vai para a luta você faz o sinal da cruz antes. Se você não fizer isso você será morto”³¹.

Green foi construindo sua narrativa jornalística com base em diversos outros depoimentos e observações cotidianas durante os seis meses em que viveu em Uganda, de modo a documentar o cotidiano de pessoas que conviveram diretamente com Kony e o LRA. O relato investigativo de Green e

²⁸Conforme <<http://goo.gl/gMM89N>>. Acesso em: 15 set. 2013.

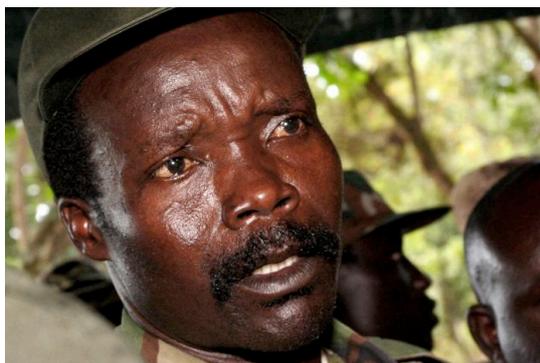
²⁹ Tradução do autor para: ‘What type of man is Mr Joseph Kony?’ the presenter asked. / [...] / ‘Joseph Kony is a prophet.’ / ‘Sent by God?’ asked the presenter. / ‘He’s really a prophet, I’m telling you. He is and you will even come to agree that he’s a prophet.’ / The recording caught the sound of the studio guests sniggering. [...].

³⁰ Disponível em: <http://goo.gl/3dP8Hb>. Acesso em: 14 set. 2013.

³¹ Tradução do autor para “When you go to fight you make the sign of the cross first. If you fail to do this, you will be killed”.

diversos outros os quais observamos conferem em parte com o que foi explicado superficialmente pela IC no audiovisual *KONY 2012*, conforme observaremos no Capítulo 5. Todavia, ao investigarmos outras narrativas e relatos, vislumbramos a situação de forma mais ampla. Entendemos o porquê de uma mulher ter assumido uma posição de liderança política importante no âmbito nacional e de outras nuances desse movimento social, religioso e político, que acabou sendo transformado no LRA.

Figura 6 – Joseph Kony



Fonte: www.abc.net.au

Inferimos que a figura de Museveni e sua gestão teve uma parcela de responsabilidade na origem do LRA, conforme indicou Acker (2004). Foi em função das medidas ditatoriais e repressoras da gestão de Museveni que o descontentamento de boa parte da população acabou conformando o HSM, que mais tarde originou o LRA. Verificamos também que o LRA conseguiu manter-se operante durante tanto tempo graças ao apoio de integrantes do grupo étnico Acholi. Muitos membros do Acholi, inclusive, integram o exército de Museveni. Ao mesmo tempo, as comunidades locais eram desencorajadas a rebelarem-se por medo, em função dos atos de crueldade sádica cometidos pelas milícias do LRA.

Por muito tempo, o LRA teve apoio também do governo do Sudão, podendo se refugiar na capital Khartoum. Esse apoio foi uma retaliação do governo sudanês pelo apoio do exército ugandense ao sudanese *People's Liberation Army*. Com a recente independência do sul do Sudão, o LRA foi forçado a migrar para a República Democrática do Congo e para a República Central Africana. O propósito inicial de Kony e do LRA, de derrubar o regime de

Museveni e comandar o país com base nos dez mandamentos bíblicos, acabou sendo deixado de lado em função da crescente pressão política internacional. O LRA e Kony, desaparecidos e perseguidos por nações da UA, em parceria com o governo dos Estados Unidos, lutam hoje por sua sobrevivência, atualmente garantida por meio de migrações constantes e por pilhagens em pequenos vilarejos³².

Expostos algumas nuances históricas com a finalidade de compreendermos de forma mais ampla a complexidade da situação informada parcialmente (como veremos a seguir) pelos **movimento** e **contramovimento** *KONY 2012*, escrevemos no capítulo seguinte a documentação dos objetos deste estudo.

³²Conforme <<http://goo.gl/gMM89N>>. Acesso em: 15 set. 2013.

5 *KONY 2012*: MOVIMENTO E CONTRAMOVIMENTO

Entendemos que o ciberativismo acontece por meio de grupos que se compõem e se organizam no ciber mundo por meio de tensionamentos sociais – forças de cooperação ou disputa – que acabam por reforçar causas ou por deslegitimá-las. A prática ciberativista revela em seu cerne, assim, movimentos de ímpeto transgressor. Cabe destacar que, no presente estudo, concentramo-nos na observação das relações sociais e comunicacionais com base em alguns desdobramentos registrados nas redes on-line. Ou seja, nosso foco de análise abrange a recepção e a participação de atores sociais, restringindo-o a determinado enfoque temático: o fenômeno de cacofonia e de complexificação da vida moral no ciber mundo. Nosso mote para tal empreendimento, como já explicitamos, foram os audiovisuais postados no *site* YouTube: o vídeo original *KONY 2012*; menções em alguns veículos midiáticos tradicionais à causa; quatro produções amadoras; e comentários de texto correlacionados. Todos esses elementos são importantes nesse processo de popularização/discussão e legitimação / deslegitimação da iniciativa *KONY 2012*.

O documentário de 30 minutos *KONY 2012* foi publicado no YouTube em 5 de março de 2012 pela organização filantrópica Invisible Children (IC). Esse vídeo recebeu mais de 100 milhões de visualizações e mais de 500 mil comentários em sua primeira semana de publicação³³, tornando-se, assim, o viral mais bem-sucedido da história recente da internet³⁴. Além disso, essa produção foi responsável por inspirar outras publicações no YouTube, audiovisuais responsivos ao vídeo *KONY 2012*. Na onda epidêmica desse viral, esses vídeos também angariaram ampla repercussão e milhões de acessos.

Obtivemos alguns gráficos estatísticos gerais, de âmbito global, para visualizar a ampla repercussão obtida pela causa e a sua densidade. Para tanto, utilizamos a ferramenta Google Trends³⁵, com base na expressão “kony

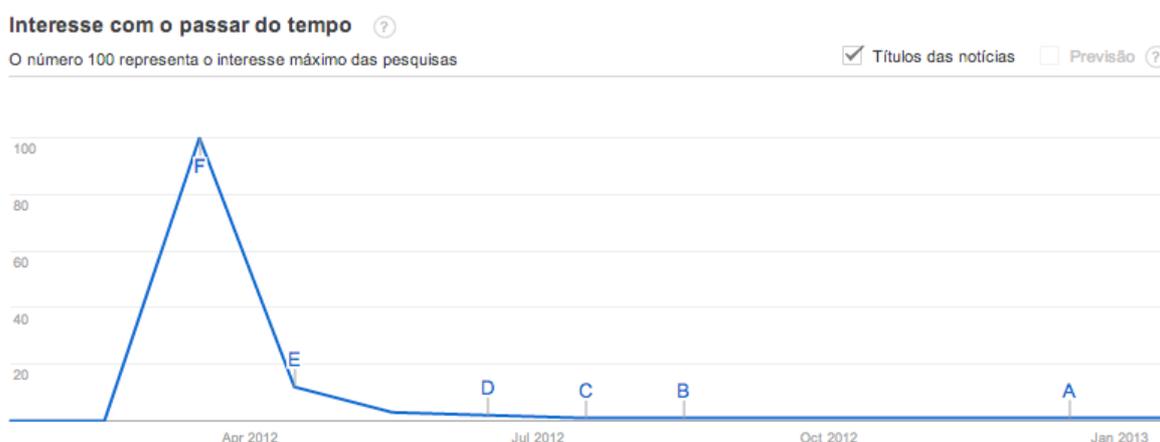
³³Conforme Tood Waserman e Kristin Marino. Disponíveis, respectivamente, em: <http://goo.gl/GaAXj> e <http://goo.gl/snRJ4>. Acesso em: 14 fev. 2013.

³⁴Destacamos que esses dados consideraram outras publicações do vídeo, além da oficial, no canal da Invisible Children no YouTube.

³⁵Disponível em: <<http://www.google.com/trends/>>. Acesso em: 13 jul. 2013.

2012”. Essa busca valeu-se dos filtros “pesquisa na *web* do Google”, “todo o mundo”, “todas as categorias”, durante o período de janeiro de 2012 a janeiro de 2013.

Figura 7 – infográfico “Interesse com o passar do tempo (2012)”



Fonte: Google Trends

Na Figura 7, observamos que o ápice de acessos a conteúdos relacionados à ação *KONY 2012* ocorreu no período próximo ao seu lançamento. Esse pico foi sustentado pela ampla publicidade e pelas discussões em redes digitais.

Os pontos “F-A” informam: “F”, março de 2013, postagem³⁶ do vídeo *KONY 2012* no site do *The Sunday Age*, um jornal australiano; “E”, abril de 2012, publicação de cobertura jornalística audiovisual³⁷ na *webpage* da *ABC News* (site estadunidense de notícias), sob o título de *KONY 2012 Sequel Released*, a qual citou controvérsias do documentário e a polêmica apreensão de Jason Russel, encontrado nu, em San Diego (Califórnia, Estados Unidos), aparentemente sob o efeito de psicotrópicos; “D”, junho de 2012, matéria³⁸ no site californiano *CNews* trouxe mais uma polêmica: militantes da causa *KONY 2012* ameaçaram processar estudantes universitários por uma paródia publicada no site *kickstriker.com*, na qual convidavam pessoas a doarem dinheiro para pagar os mercenários que perseguiriam Joseph Kony; “C”, julho

³⁶Disponível em: <http://goo.gl/pS24O>. Acesso em: 9 jul. 2013.

³⁷Disponível em: <http://goo.gl/B5K1x>. Acesso em: 10 jul. 2013.

³⁸Disponível em: <http://goo.gl/IM6Pv>. Acesso em: 9 jul. 2013.

de 2012, no site idnez.cz, de domínio da República Tcheca, foi publicada uma notícia³⁹ sobre um festival de filmes em Praga que trouxe alguns momentos de debates que abordaram o “controverso vídeo *KONY 2012*”; “B”, agosto de 2012, refere-se a mais um polêmico texto investigativo⁴⁰ e de tom crítico, intitulado '*KONY 2012*': *Guerrilla Marketing*, desta vez publicado no site *Bloomberg Businessweek*; e, por fim, “A”, dezembro de 2012, citação⁴¹ do vídeo *KONY 2012* no jornal peruano *El Comercio*, o qual abordou os vídeos mais vistos em 2012.

As mídias de massa parecem estar atreladas fortemente a momentos críticos de interesse. Todavia, é curioso que até o ponto “F” parece não ter ocorrido menção midiática importante especificamente sobre esse tema. A causa, aparentemente, disseminou-se viralmente na *net* por conta de um interesse global súbito, estimulado por estratégias de *marketing* e publicidade concatenadas pela própria IC, como podemos observar no vídeo *KONY 2012*.

Figura 8 – infográfico “interesse regional (2012)”



Fonte: Google Trends

Na Figura 8, no mesmo período do gráfico anterior, verificamos a penetração mundial da causa, a qual se mostrou mais gritante na América do Norte, na Austrália, em Porto Rico, no Reino Unido e na Nova Zelândia. Em Uganda, região a qual a ação ciberativista propunha ajudar, o alcance não foi

³⁹Disponível em: <<http://goo.gl/pf60o>>. Acesso em: 13 jul. 2013.

⁴⁰Disponível em: <<http://goo.gl/dV8Bn>>. Acesso em: 13 jul. 2013.

⁴¹Disponível em: <<http://goo.gl/HLOdN>>. Acesso em: 13 jul. 2013.

tão significativo se comparado aos pontos de maior repercussão. Na Europa e América Latina, o interesse geral regional também mostrou-se baixo. De qualquer modo, mais intenso em determinadas áreas e menor em outras, o movimento parece ter apresentado um alcance global.

Trata-se de um documentário cinematograficamente bem produzido, com estratégias propagandísticas e de *marketing* global bem concatenadas. Essa audiovisual configurou-se como um aclamado e controverso fenômeno social, cultural e político, que chamou a atenção de muitos e instigou a interação, a participação, o apoio e a crítica, explicitando o fenômeno da cacofonia comunicacional e de complexificação da vida moral, tendo como substrato as redes sociais da internet. Esse é o fenômeno para o qual conduzimos a sabatina do presente estudo.

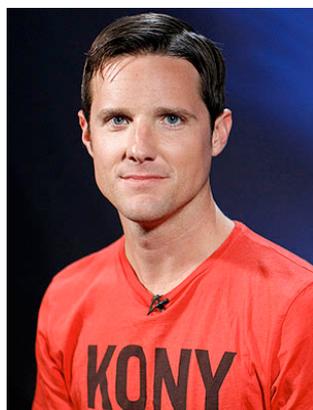
Por que um vídeo com uma duração relativamente longa (quase trinta minutos) – se comparado a outros tantos bem-sucedidos na Internet – recebeu tantos acessos em um curto espaço de tempo? Por que tantos indivíduos dispuseram-se a interagir com a causa, seja a apoiando, comentando, seja produzindo críticas à ação *KONY 2012*? Quais as nuances por trás desse fenômeno? Trata-se de uma causa real bem documentada, com uma proposta social e política, que inspirou a comoção em massa ou de um jogada de *marketing* em prol de interesses capitalistas/neocolonialistas disfarçados de propostas filantrópicas?

5.1 A INVISIBLE CHILDREN E JASON RUSSEL

Jason Russel é uma figura central na trama do audiovisual *KONY 2012* e na divulgação das campanhas da *Invisible Children* (IC). Co-fundador e diretor de criação da organização, Russel é um indivíduo extremamente carismático e protagonista de uma série de polêmicas que repercutiram na imprensa poucos meses após a viralização de *KONY 2012*. Circularam vários vídeos, fotos e manchetes que retratam o episódio em que Russel foi apanhado nu e sob o efeito de psicotrópicos, agindo estranhamente à luz do dia numa rua do bairro do qual morava. Após o evento, Russel teria passado por um tratamento

psiquiátrico. Tal fato abalou a credibilidade da causa *KONY 2012*, conquistada após uma estrondosa repercussão midiática em nível mundial.

Figura 9 – Jason Russel



Fonte: www.people.com

Russel fundou oficialmente a organização filantrópica IC em 2004 e fez da iniciativa um meio de sobrevivência pessoal. Grande parte de sua trajetória junto à IC foi explicitada no audiovisual *KONY 2012*, documentado a seguir.

Numerosos colaboradores integram a organização IC, que possui sedes nos Estados Unidos, na República Central Africana, na República Democrática do Congo e em Uganda. A IC mantém atualmente a campanha *#ZEROLRA*, uma continuidade da ação *KONY 2012*. A organização é mantida principalmente por meio de doações – que podem ser feitas pelo do site da IC–, pelo trabalho voluntário de ativistas e apoiadores de suas ações filantrópicas e também pela divulgação da causa por ciberativistas.

5.2 O MOVIMENTO *KONY 2012*

O audiovisual *KONY 2012* consistiu numa espécie de relato documental de determinado contexto; ao mesmo tempo, teve como meta convencer as pessoas a se engajarem numa causa por meio de práticas ativistas on-line e off-line. Empreendemos agora uma descrição argumentativa sobre o enredo do

audiovisual e discutiremos sobre os preceitos e estratégias ativistas informados para promover a adesão de indivíduos à causa.

O vídeo inicia com a seguinte fala: “nada é mais poderoso que uma ideia cujo tempo chegou, cujo tempo é agora”. É dito ao ciberspectador que há mais pessoas na rede social Facebook que havia no mundo há 200 anos. Explicita-se, nesse ponto, o apelo ao digital, às novas possibilidades de conexão entre pessoas, de compartilhamento de ideias e de informações; às novas conexões, que transformam o funcionamento da vida e do mundo; e às formas de governança e engajamento cívico diversas que surgem nesse contexto. São exibidas imagens de militantes protestando nas ruas. O discurso promovido é notadamente pelo viés tecnófilo, delegando às redes na *web* um papel crucial nas mudanças políticas e sociais que vêm acontecendo.

Após o prelúdio, o narrador do vídeo adverte o ciberspectador acerca do que estaria por vir, um tipo de experimento. Seguem imagens aparentemente amadoras do nascimento de uma criança. O narrador explica: “toda criança no mundo nasce assim. Não escolheu onde nem quando nasceu, mas esse ser tem importância”. Jason Russel é o narrador em questão. A criança do vídeo é seu filho, Gavin. Em seguida, são apresentadas imagens do desenvolvimento da criança. Russel revisita o clichê: crianças nascem num mundo complicado; ele, como pai, almeja por um futuro melhor para o seu filho. Outras cenas revelam Russel como um ativista social fervoroso em meio a grupos diversos.

Antes de Gavin nascer, 10 anos atrás, Russel explica que o rumo de sua vida foi alterado pelo contato com outro menino: Jacob, um amigo de Uganda. O estadunidense Russel mostra vídeos recentes de um rapaz alegre numa situação social confortável. São exibidos trechos de vídeos transpostos em uma *timeline* do Facebook. Em contraponto, na cena seguinte, mostra-se um vídeo antigo do garoto em más condições de vida. Russel diz que, àquela época, Jacob estava lutando por sua vida. O garoto entrevistado por Russel nesse outro vídeo parecia estar num alojamento.

Noutra cena de caráter amador, o garoto revelou estar fugindo dos rebeldes que mataram o seu irmão, cujo assassinato Jacob disse ter presenciado. Os rebeldes mencionados são integrantes do LRA. Outras

crianças aparecem na cena. Uma disse que estava com medo de ser sequestrada pelos rebeldes. As crianças fugiam de suas casas para salvarem suas vidas conforme imagens e relatos. Na cena seguinte, vemos algo chocante: dezenas de crianças deitadas no chão, dormindo. Russel, que narrava, e nesse momento parecia filmar a cena, disse não estar acreditando no que via e que isso vinha acontecendo há anos. Em tom de indignação, afirma: “se isso acontecesse na ‘América’, em uma semana o ocorrido já estaria na capa da *Newsweek*”.

Russel perguntou a Jacob o que ele gostaria de ser quando crescer. Com foco no rosto inocente e sorridente do menino, a resposta foi: advogado, mas que não teria dinheiro para custear as taxas escolares. Após passar semanas com o garoto, Russel disse que ouvira de Jacob algo que jamais esqueceu: Jacob afirmou que preferiria morrer, pois não havia ninguém para cuidar de si e de seus amigos. Russel perguntou sobre o irmão assassinado; a criança, saudosa e comovida, perdeu-se em sua fala, que foi irrompida por um choro. Nesse instante, emprega-se o *Fade out*, um recurso cinematográfico que carregou o vídeo de mais dramaticidade. Então, ouvimos Russel dizer a Jacob que estava tudo bem. Nesse momento, comovido, ele fez uma promessa ao garoto: “nós vamos fazer tudo que pudermos para pará-los, nós vamos pará-los”.

Durante os nove anos que seguiram, Russel diz ter feito o possível para conseguir cumprir essa promessa, o que o levou à produção desse vídeo, o documentário *KONY 2012*. Russel declara que seria no ano de 2012, graças a nós, ciberespectadores, que ele poderia finalmente cumprir essa promessa. E completa, surrealisticamente: “e se tivermos sucesso mudamos o curso da história da humanidade”. Mas o tempo corre: ele alerta que a proposta do vídeo expiraria no dia 31 de dezembro de 2012. O objetivo do projeto *KONY 2012* seria parar os rebeldes integrantes do LRA e levar à prisão seu líder, Joseph Kony, até o final do ano de 2012, daí o nome da causa: *KONY 2012*. Russel, então, começou a explicar quais estratégias seriam necessárias para o alcance de tal objetivo. Nas cenas seguintes, observamos pequenas multidões em

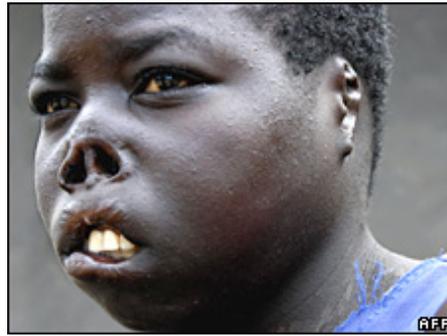
ação, nas ruas, divulgando a causa *KONY 2012*, convertida numa marca (com material promocional: pulseiras, cartazes e camisetas).

O audiovisual ciberativista valeu-se em vários momentos da estratégia de intercalar a causa *KONY 2012* a relatos documentais e trechos da vida pessoal de Russel. Gavin, seu filho, não sabia até então sobre a história na África e sobre o trabalho de seu pai, conforme Russel. Em cena posterior, o garoto está sentado; Russel mostra-lhe uma foto de Joseph Kony e outra de Jacob. Ele fala sobre o garoto da foto, seu amigo, que passou por maus momentos, e também sobre o “*bad guy*” da outra imagem. Explica que Kony tem um exército e que ele tira as crianças de seus pais e dá armas a elas para que atirem em outras pessoas. Gavin questiona-o: diz que as crianças não fariam isso porque elas eram “pessoas legais”. O pai explica, então, que Kony forçava as crianças a fazerem coisas ruins e pergunta ao filho o que ele pensa sobre isso. A criança, olhando para as duas fotos e pensativa, disse: “é triste”.

Em meio a uma cena ficcional de violência, Russel confessa que não pôde contar em detalhes a seu filho o que Kony fazia. Nos últimos 26 anos, o criminoso tem sequestrado crianças como Gavin, aliciando-as ao LRA. As meninas são submetidas à exploração sexual; os meninos tornam-se soldados. Além disso, Kony forçaria seus subalternos a mutilar os rostos das pessoas. Como prova documental, foram exibidas imagens de faces desfiguradas. E, para completar a lista de atrocidades, Russel informa que as crianças, quando sequestradas, são forçadas a matarem os seus próprios pais. Kony já teria violentado cerca de 30 mil crianças nesse entremeio, segundo dados exibidos no audiovisual. Jacob era uma dessas crianças. Com foco em uma foto do rosto de Kony, Russel afirma que o criminoso comete tais atos por pura crueldade e com o intuito de apenas manter-se no poder. Kony não teria apoio político algum e obteria seus armamentos por meio de estratégias e manipulações.

Na cena seguinte, Luis Moreno Ocampo, promotor da Corte Criminal Internacional, presta depoimento. Afirma que Kony várias vezes propôs trégua e o fim de suas ações, mas que, quando recuperou forças, voltou a atacar.

Figura 10 – vítima de mutilação pelo LRA



Fonte: news.bbc.co.uk

Figura 11 – vítima de mutilação pelo LRA



Fonte: news.bbc.co.uk

Figura 12 – vítima de mutilação pelo LRA



Fonte: nytimes.com

A Corte Criminal Internacional foi criada em 2002. Sua função original era encontrar e punir os “piores criminosos do mundo”, explica Russel. É mostrada, então, uma lista emitida por essa Corte. Nesta, aparecem os nomes dos “piores assassinos e ditadores do mundo”. Kony estava em primeiro lugar. Ocampo afirma que Kony é o primeiro homem indiciado pela Corte Criminal Internacional, e que seus atos constituem crimes contra a humanidade e crimes

de guerra cometidos contra a população civil, incluindo assassinato, escravidão sexual, estupros e raptos. O promotor explica sobre a necessidade de se planejar um modo de capturar Kony. Mas o problema, afirma Russel, é que: “99% da população mundial não sabe quem é Kony, se soubessem ele já teria sido parado há muito tempo”. É também exibido um depoimento de um político ugandense, Santo Okot Lapolo, que clama pela justiça internacional, a fim de resgatar as crianças e entregar Kony às autoridades. Norbert Mao, outro político ugandense, afirma que as autoridades locais estariam dispostas a cooperar com qualquer força internacional de apoio, na intenção de acabar com a matança e crueldade perpetuadas por Kony e pelo LRA.

Russel e sua equipe, quando retornaram da viagem de Uganda, após terem conhecido e documentado o drama de Jacob e diversas outras crianças, foram tentar buscar as autoridades do governo estadunidense por apoio. Um vídeo mostra Russel e sua equipe em uma reunião com homens engratados na casa branca. Nesse momento, a resposta das autoridades estadunidenses foi uma negativa: não haveria possibilidade de os Estados Unidos se envolverem em um conflito internacional, no qual a segurança nacional ou os interesses financeiros do país não estivessem em jogo.

A alternativa, comentou Russel, foi lançar o empreendimento de fazer Kony e as crianças invisíveis tornarem-se conhecidas pelo máximo possível de pessoas. Com essa iniciativa, foi fundada a IC. Cenas mostram Russel em diversos locais, cercado por grupos dos mais variados, professando a sua causa e mostrando os relatos audiovisuais documentados. “Quando as pessoas viam, elas ficavam chocadas”, explica.

Foi criada, então, uma *fanpage* no Facebook. Graças às redes on-line, argumenta Russel, eles puderam se tornar “mais criativos e barulhentos”. São exibidas tomadas com ações nas plataformas YouTube e Facebook. Nesse meio tempo, enquanto a IC agia nos Estados Unidos, o LRA começou a se espalhar para outros países. Jacob e outras pessoas, conforme Russel, foram trazidas aos Estados Unidos para falarem sobre suas vidas e pedirem apoio em nome de todos que sofrem por causa de Kony.

São mostrados *takes* de eventos, palestras, de pessoas contando seus relatos a multidões, de pessoas doando dinheiro ou colaborando com trabalho voluntário. Russel diz que se trata de iniciativas exclusivamente de civis, já que não se podia contar com o apoio governamental. Assim, conforme explica, a IC cresceu enquanto organização e passou a gerar empregos, tornando-se, de certa forma, autossuficiente. Em Uganda, por exemplo, militantes da causa passaram a articular ações e criaram uma infraestrutura de apoio a civis, como uma rede de rádio de alerta para prevenir ataques rebeldes em pequenas vilas.

A IC passou a recrutar um exército de jovens que se engajaram na causa e passaram a financiá-la. Na sequência do documentário, são mostradas imagens de várias pequenas multidões em ação em lugares diversos, intercaladas com um grande grupo que exclama, em uníssono: “Nós temos visto essas crianças. Nós temos ouvido o choro delas. Essa guerra tem que acabar. Nós não vamos parar. Nós não vamos temer. Nós lutaremos contra a guerra”.

Depois de todo esse empreendimento e de a IC ter ganhado ampla visibilidade ao longo dos anos, Russel e parte da equipe voltaram a Washington. Dessa vez, eles conheceram muitos políticos e receberam grande apoio de todos os partidos. Todos os políticos que deram seu depoimento no audiovisual concordaram que Kony teria de ser impedido de continuar com as suas atividades. O senador Jim Inhofe, por exemplo, afirma que, de todos os problemas internacionais, nenhum é mais grave quando se trata da vida de crianças.

Dessa vez o apoio político foi obtido; o congresso dos Estados Unidos autorizou o envio de um pequeno número de forças militares para agir na África Central e ajudar na captura de Joseph Kony. O anúncio de apoio foi oficializado por meio de uma carta, assinada pelo presidente Barack Obama.

Russel afirma que, depois de mais de dez anos de trabalho, o governo finalmente ouviu o seu apelo. Em outubro de 2011, inúmeros militares americanos foram enviados à África Central para auxiliarem o exército de Uganda a prender Kony e a parar o LRA. Conforme Russel, foi a primeira vez

na história que o governo dos Estados Unidos agiu motivado por uma demanda direta do povo.

Em 2 de dezembro de 2011, um garoto de 14 anos que teria escapado do LRA relatou que Joseph Kony estava ciente do plano dos Estados Unidos junto às autoridades locais para capturá-lo, e que, em função disso, iria contra-atacar, lançando mão de estratégias a fim de evitar a sua captura. Segundo a avaliação de Russel, as ações militares de busca a Kony tornaram-se difíceis. Além disso, o suporte internacional poderia ser retirado a qualquer momento.

O senador Jim Inhofe afirma que as pessoas esquecem e que é preciso, a todo momento, lembrá-las sobre o que é importante. Assim, Russel diz que, em função disso, a ação de apoio à captura de Kony teria como prazo limite o último dia do ano de 2012. Após, um relato do promotor Luis Moreno Ocampo informa que a causa proposta não é em favor da juventude militante ou de Uganda somente, mas é em prol do bem comum.

Em seguida, como outro recurso para a comoção do ciberespectador, são exibidas cenas de crimes contra a humanidade que não conseguiram ser evitados, como imagens históricas dos campos de concentração repletos de corpos sem vida, em *Auschwitz*. Vemos também uma cena em que crianças africanas dormem no chão. Mostra-se outra cena que revela crânios humanos enfileirados. Os recursos imagéticos utilizados nesse ponto visam chocar. Por fim, é exibida novamente a lista dos criminosos procurados pela Corte Internacional, com o nome de Joseph Kony no topo. Nesse momento, chegamos ao desfecho do documentário; o ciberespectador, então, é convidado a participar do movimento.

O diretor de criação da IC explica: para que Kony fosse preso, os militares de Uganda teriam que encontrá-lo. Para isso, seriam necessárias tecnologias e treinamento para rastreá-lo na selva. Os militares estadunidenses precisariam chegar lá também. O governo dos Estados Unidos já os enviou a Uganda, mas, para a missão ser mantida, os cidadãos precisariam deixar claro que se importavam com a causa e que queriam a punição de Kony. No entanto, para que o povo se importasse, seria necessário que Kony fosse conhecido.

Assim, Kony deveria ganhar ampla atenção midiática; para isso, precisaria “estar em todos os lugares”.

Em outra cena, observamos mais um diálogo entre Russel e o seu filho. Russel explica que existe ainda um problema maior: ninguém sabia quem era Kony; ele não era famoso. Gavin aponta para a foto de Kony e disse saber quem ele era. Surgiu, então, a oportunidade de apresentar o mote da campanha, que seria tornar Kony famoso por meio de uma série de estratégias pré-definidas pelos mentores da IC. São estas: visar 12 pessoas populares, dentre celebridades, atletas e milionários, pois esses contam com grande visibilidade diante das massas; e 12 políticos, tanto do lado democrata quanto do lado republicano, tendo em vista o ano eleitoral. Essas pessoas ajudariam a espalhar de forma mais rápida e massiva a mensagem e o apelo de auxílio à causa, ampliando seu poder de alcance. São mostrados o ator George Clooney, a apresentadora Oprah Winfrey, o empresário *pop-star* Mark Zuckerberg e o *rapper* Jay-Z como possíveis apoiadores da causa. Todos esses atores sociais são amplamente cotados e importantes na formação da opinião pública estadunidense, defende Russel. Lembramos que Oprah Winfrey, por exemplo, foi uma das responsáveis por ter alavancado a figura e popularidade de Barack Obama nas eleições presidenciais de 2008⁴². Certamente, a divulgação da marca *KONY 2012* por esses famosos foi um dos principais motivos da ação ter gerado tanto estardalhaço em proporções virais num curto espaço de tempo.

Na sequência do documentário, é apresentada uma cena na qual um ex-senador estadunidense, Russ Feingold, diz que, se um político do Congresso recebesse inúmeros telefonemas durante o dia sobre um assunto em comum, isso começaria a ser notado. Quando centenas de milhares de cidadãos começam a exigir algo do governo, isso de repente torna-se um assunto de sumária importância.

No site oficial *KONY 2012*, foi criada uma plataforma para contato com os 12 políticos influentes selecionados como promotores da causa, que poderiam fazer a diferença na ação, explica Russel. Por meio dessa interface,

⁴²Disponível em: <<http://goo.gl/ETEu1>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

era possível enviar mensagens de *e-mail* a esses políticos, ter acesso a seus contatos telefônicos e até a seus endereços, caso alguém quisesse conversar pessoalmente com eles.

Algo curioso é que a marca *KONY 2012* apresenta as cores da bandeira estadunidense e traz como símbolos as silhuetas de um elefante e de um jumento sobrepostas (Figura 13). Os referidos animais são os símbolos dos partidos republicano e democrata, respectivamente. Talvez aí fosse referida uma insinuação à pluralidade e à diversidade de militantes almejados na ação, os quais, independentemente de suas predileções ideológicas ou diferenças, poderiam se unir em prol de algo visando a um “bem comum”.

Figura 13 – marca *KONY 2012 MOVE DC*



Fonte: invisiblechildren.com/kony

Voltando à observação do audiovisual, Russel afirma que se seu filho fosse sequestrado, isso sairia em muitos jornais. Assim, ele e todos os colaboradores da IC, na campanha *KONY 2012*, estariam agindo em prol de milhares de crianças, tornando Kony uma notícia mundial. Russel diz que, desse modo, estaria redefinindo a propaganda que a todo momento perpassa nossos cotidianos e que dita o que devemos prestar atenção. “Muitas pessoas se sentem oprimidas, sem voz, na contramão de corporações e grandes veículos midiáticos”, afirma Russel, sinalizando estar disposto a mudar isso, e dar voz às minorias por meio da causa que propunha. Nesse instante, aparecem *takes* de carros pintados e pessoas vestindo camisetas com a identidade visual da campanha. Ele diz, então, que a IC já providenciou a impressão de centenas de milhares de pôsteres, adesivos, placas e *flyers*. E

que eles estão lançando esse material em grandes cidades ao redor do mundo. Além disso, “temos milhares de braceletes *KONY 2012* que queremos que todos usem”, anuncia. Cada bracelete tem um número de identificação. “Ao portar esse número você já faz parte dessa missão de tornar Kony famoso”, explica.

Os pôsteres possuíam *QR codes*⁴³. Assim, ao serem fixados, é possível, por meio de dispositivos tecnológicos móveis, documentar e divulgar a posição geográfica e a amplitude de divulgação desses materiais, acompanhando parte do impacto da ação em tempo real por meio da *web*.

Nesse contexto de ativismo e colaboração cibermediados, a IC oferecia os chamados *kits de ação*, caixas que continham esse material promocional impresso e dois braceletes. Russel convida os ciberespectadores a ajudarem por meio de doações, o que garantiria o envio dos *kits*.

Todo esse empreendimento, explica Russel, culminaria em 20 de abril de 2012, quando “os militantes da causa iriam para as ruas na calada da noite e cobririam suas cidades com o material promocional da causa. Outros cidadãos acordariam e veriam centenas de milhares de pôsteres em cada esquina”. Uma cena ficcional mostra jovens ativistas entusiasmados nas ruas, com os materiais de comunicação visual da ação.

Figura 14 – infográfico do vídeo *KONY 2012*



Fonte: youtube.com

⁴³ *Quick response code*, código lido por dispositivos com câmera e conexão a internet e que traz ou envia informações para a rede.

Russel argumenta que decisões importantes sempre foram tomadas por quem tem poder e dinheiro e que seriam esses grupos que ditariam as prioridades de governos e de cidadãos e pautariam as histórias nas mídias, mas agora haveria algo maior que isso: “as pessoas do mundo podem se ver, se contatar e podem se proteger, e isso está virando o sistema de cabeça para baixo”. É exibido outro símbolo também utilizado em materiais promocionais da causa, um triângulo com o ápice virado para baixo (Figura 13, integrando a marca; e figura 14, com ilustrações explicativas), que simbolizaria: a base seriam as pessoas conectadas e o mundo; o centro significaria a família, suas vidas e oportunidades; logo após, teríamos a mídia e o governo; e na ponta teríamos o dinheiro.

Para Russel, estaríamos vivendo

[...] num novo mundo, o mundo do Facebook, no qual 750 milhões de pessoas compartilham ideias além de fronteiras, interligando uma comunidade global, maior que os Estados Unidos. Joseph Kony estava cometendo crimes por 20 anos e ninguém se importou, mas agora muitos podem mostrar que se importam.

E completa:

Alcançamos um tempo crucial na história, o que fazemos agora irá afetar a próxima geração. Prender Kony irá provar que o mundo tem novas regras, que a tecnologia uniu o mundo e agora nos permite responder aos problemas de nossos amigos. Agora além de estudar a história humana temos a oportunidade de fazê-la.

Em meio ao apelo emocional de imagens de Gavin e Jacob, Russel diz que, no final de sua vida, quer deixar um mundo no qual Gavin possa se orgulhar, um mundo “pleno de liberdade e segurança. Mundo esse que anuncia sua chegada e que depende de nossas ações comprometidas”. O vídeo chega ao fim com um contador atingindo o algarismo zero. Então, são informadas as seguintes instruções:

Nada é mais poderoso que uma ideia a qual o tempo chegou. Nada é mais poderoso que uma ideia a qual o tempo é agora. Aqui há três coisas que você pode fazer agora: subscreva a nossa petição on-line para mostrar o seu apoio; adquira o bracelete e o *kit* de ação; e inscreva-se no *TRI* para doar uns poucos dólares por mês. E junte-se a nosso exército da paz. Acima de tudo isso compartilhe este filme *online*. É gratuito.

5.3 CONTRAMOVIMENTO: OS FILMES AMADORES E COMENTÁRIOS DE TEXTO EM RESPOSTA AO MOVIMENTO *KONY 2012*

Apresentamos até aqui uma contextualização histórica da situação abordada pelo **movimento *KONY 2012*** e informada por meio do documentário o qual abordamos. Além disso, contextualizamos de forma ampla, com bases em estudos sociológicos e filosóficos, o panorama da pós-modernidade: um cenário ciberneticamente mediado e regulado no qual a cacofonia comunicacional tem afetado profundamente as socialidades e a vida moral.

Em tal contexto, conforme Bauman (1997), passamos a viver de forma fragmentária, oscilando entre múltiplas identidades. Identidades adequadas a múltiplas ambiências, que envolvem tomadas de decisões e níveis de responsabilidade diversos, que, por sua vez, incidem num emaranhado de reações que acabam por fugir, em parte, de nossa consciência e campo de atuação. Agora, nos desdobramos em múltiplos *eus*, que passam a constituir espectralidades que fluem – possivelmente de forma mais livre –, por meio das práticas e vicissitudes cotidianas mediadas, implicando em posicionamentos e valorações morais das mais diversas e explicitamente ambivalentes. Essa fluidez e incerteza pulsantes alimentam o caótico turbilhão de vozes do ciber mundo. Não que antes estas fossem inexistentes, mas esse caos, agora generalizado, pode ser amplamente observável pelos registros de atores sociais (avatars) nas redes.

Na sequência, segue a documentação acerca dessa condição e fenômeno contemporâneos, com base na repercussão de *KONY 2012* por meio dos audiovisuais amadores e comentários de texto que a este contestam, o que caracteriza o evento que denominamos neste estudo de **contramovimento**.

5.3.1 *kony 2012 video is misleading*⁴⁴

⁴⁴Disponível em: <http://youtu.be/7DO73Ese25Y>. Acesso em: 16 jul. 2013

Nos resultados de busca do YouTube, com base na pesquisa das palavras-chave “Kony” e “2012”, esse é o vídeo com o maior número de visualizações que aparece depois do documentário *KONY 2012*. Em nosso mais recente acesso, este contabilizava mais de 4 milhões de exibições.

Figura 15 – captura de tela do vídeo de Slubogo



Fonte: youtube.com

No vídeo, olhando para uma *webcam* e em tom de depoimento, a *YouTuber* Slubogo diz que resolveu fazer a gravação, após ter assistido a *KONY 2012*, por discordar do que ali foi exposto. Slubogo conta ser natural de Uganda, assim como os seus pais. A garota afirma que na última vez que esteve em sua terra natal, no verão de 2010, era comum ver pessoas tendo problemas com terroristas da Al-Qaeda, mas não com o grupo LRA. Ela explica que foi surpreendida pela produção impactante e de grande qualidade que falava sobre Uganda e Kony. Vídeo esse muito comentado por todos à sua volta por meio da Internet, chegando a liderar os *Trending Topics* do Twitter, e a invadir a sua *timeline* do Facebook com inúmeras mensagens de apoio.

A garota comenta que seus pais acharam curioso o vídeo, pois, segundo eles, Kony teria morrido há cinco anos. Seus pais disseram ainda que o LRA agia de forma preocupante em Uganda há 10 anos e que há muito tempo não atacavam mais. Para eles, soava estranha tal preocupação, tanto tempo depois, pois se tratava de uma ação internacional com propósitos políticos e humanitários ambiciosos.

Curioso também é o envolvimento dos Estados Unidos – que tem agido em Uganda desde 2008, em função de Kony –, e de outros governos

internacionais na iniciativa, tudo com a finalidade de “parar Kony”, argue Slubogo, que se mostra intrigada com o governo estadunidense ainda estar atuando em Uganda a favor da causa, mesmo com tantos boatos negativos circulando, como os que informam que Kony estaria morto ou de que ele não viveria mais em Uganda. Diz a garota em dado momento: “Então, se nós temos grupos militares procurando por Kony em Uganda, mas ele não está em Uganda, o que eles estão fazendo?”.

Slubogo relata ter buscado informações acerca da IC: a organização faturou cerca de 13 milhões de dólares em um ano e apenas 31% desse valor arrecadado teria sido destinado à causa de fato. Mas de que serviria um exército com mais poderio e recursos na caçada de Kony se o procurado não estivesse mais no território de atuação dos militares?, questiona a garota, que criticou também a falsa e negativa imagem que criaram de Uganda por meio da ação internacional *KONY 2012*: a imagem de “um grande inferno controlado por Kony”. “Eles (IC) informaram dados desatualizados e imprecisos”, afirma. “Uganda é muito mais que isso”, defende Slubogo, alertando:

[...] antes de você sair às ruas pedindo para pararem Kony; e antes de você mudar sua imagem de perfil do Facebook em prol da causa; ou antes de sair lançando todos esses *tweets* sobre Kony, você deveria se educar. Você não deve se basear em um único filme do YouTube de um cara que fatura 90 mil dólares por ano produzindo esses vídeos. Ele não faz isso porque viajou pelo mundo e se sentiu mal com o que viu e retornou a sua casa e fez esse vídeo fantástico procurando fazer do mundo “um lugar melhor”. Não, ele está fazendo disso um meio para tirar vantagem e ganhar muito dinheiro. Quer dizer, é bom fazer doações por causas e instituições, mas você deve verificar e apoiar pessoas e instituições confiáveis. E outras tantas causas. [...] Acho que as pessoas precisam se educar mais, pois isso tomou proporções demasiadas. E as pessoas por trás dessa causa estão ganhando muito dinheiro. E visite Uganda quando quiser. É um lindo lugar. Mas vá pelas razões certas.

Por meio da plataforma YouTube, uma garota – que disse ter experienciado parte da realidade de Uganda e que estaria vivendo agora nos Estados Unidos – tornou pública, em nível mundial, a sua opinião e revelou sua versão dos acontecimentos. E, na onda da repercussão do viral original, conseguiu ser ouvida por milhões de indivíduos. Isso foi na contramão do movimento *KONY 2012* e de milhares de pessoas que se sentiram comovidas

com o documentário e a causa, e que, no ímpeto, dispuseram-se a militar pela ação por meio de práticas ativistas on-line e off-line.

Na área de comentários do vídeo de Slubogo, verificamos na presente data⁴⁵ um total de 14,622 mil depoimentos. Analisamos um apanhado de algumas dessas manifestações conforme o método explicitado na Introdução desta pesquisa. De maneira geral, observamos nessas mensagens posicionamentos morais diversos. Alguns de apoio à causa *KONY 2012* e em crítica a Slubogo:

- Desirae Brown (2013)⁴⁶ afirmou contribuir financeiramente com a IC, “organização essa que teria feito muito por crianças em Uganda”;
- pdeegs69 (2013)⁴⁷ disse que *KONY 2012* é “um grande movimento que impactou positivamente a sociedade”;
- igazsag63 (2013)⁴⁸ comentou que Kony é um criminoso que destruiu e deformou crianças e que Slubogo e os críticos a causa *KONY 2012* estariam confusos moralmente ao defenderem Kony e que não saberiam distinguir entre o “bem” do “mal”. Comparou Kony a Che Guevara e Fidel Castro, que “eram considerados heróis no mundo comunista”;
- kumkees4ever (2012)⁴⁹ afirmou que Slubogo teve sorte de conseguir sair de Uganda e que ela devia apoiar os que agora tentam ajudar a acabar

⁴⁵3 ago. 2013.

⁴⁶*My first reaction was wtf is this chick on, all u other ppl who say that its all a scam. Its not, I bet none of u people have done anymore for the people of Uganda than this little girl has. I put money in it that the same people who are bashing KONY 2012 are the same people who only care for their self. When u become a member or TRI u will see with ur own eyes what we are about. So untill that day how about u no life having bitches GET REAL&STFU cuz this shit is real& not a game nor a scam! Bye.*

⁴⁷*i think that the KONY 2012 movement was a great movement that impacted american society in a positive way. not because i believe in this Joseph Kony bullshit but because it taught people about getting scammed. i think everyone who fell for it came out a little wiser.*

⁴⁸*Is really curios,how much information have this young girl about the Kony cause.And more interesting is,how many peoples believe in Kony's un guilt.But nobody think about,that children was abused,killed,phisicaly and menthaly deformed.They now believe,made good job serving this criminal.Or,learning after,what is the good and bad action,they mind is confuse. I remember in the years of the Cuba revolution,everybody in the comunist world taught,Che and Fidel is a hero.But they was criminals.Isn't it ?*

⁴⁹*Slubogo, it is because of people like you that violence against humanity especially in Africa is bound to continue for the longest of time. You may have been lucky that fate took you and your family out of Uganda and now you do not appreciate the efforts of those who are out to create awareness for violence that has been going on for the longest of time. You sit in the comfort of*

com a violência que lá existe ao invés de criticar de seu “quarto confortável” as ações de “quem tenta fazer do mundo um lugar melhor”;

- lovethelord15 (2012)⁵⁰ disse que Kony não estaria morto e que o movimento é legítimo pois ele aprendeu sobre isso na sua escola e igreja. Contou que se engajaria nas manifestações na rua do 17 de novembro de 2012 em Washington. Falou que todos deveriam se unir na iniciativa para parar Kony;
- Missstone777 (2012)⁵¹ mostrou-se revoltada com a “arrogância do mundo desenvolvido” e seus porta-vozes, que jamais fizeram coisa alguma por qualquer pessoa ao contrário dos ativistas da IC;
- MrPipp23 (2012)⁵², ativista da causa antes desta virar um modismo, afirmou que muitos falharam em entender a mensagem de *KONY 2012* quando defendem uma garota em vez de um grupo de pessoas que vem lutando há uma década; e
- Jabez Otim (2012)⁵³ pediu para Slubogo parar de confundir as pessoas e afirmou ser um verdadeiro cidadão ugandense. Disse que Slubogo na verdade é de Busoga, lugar muito distante do norte de Uganda, e que ele, por ser de Uganda sabe que Kony é real.

your room and criticize. WHAT HAVE YOU DONE TO MAKE THE WORLD A BETTER PLACE?

⁵⁰ *Hey Kony 2012 move we are going to Washington DC to the white hous on November 17th to make sure that Kony and the LRA are stoped news flash people who have seen this video Kony is not dead or this would have been over along time ago. This is not false either we were just learning about this at our school and at church im sorry for some of you who dont believe this but its true. This video is false Kony is very much real and needs to be stopped!*

⁵¹ *People only pretended that this is a scam so they could go on living their lives pretending that everything is perfect in the world. The people behind the organization have done more to help people than any of the people criticising them will ever do. The arrogance of the developed world is disgusting.*

⁵² *Its unfortunate most people failed to see the point of Kony 2012. Rather than thinking about the true message of the video, people were so quick to say oh, its a scam, or everyone cares now because everyone is posting it. People pointed there finger in my face telling me that I was just following a trend. I was one of the first people to watch and post that video before it went viral. People rather believe this "GIRL" instead of a group of people who have been fighting for this for a decade.*

⁵³ *yea! yea! yea! lemme get this straight! you are not ugandan. You are from which ever country you're from. your parents are definitely ugandan, maybe! but as it shows in your video, you are from Busoga, that's like a lifetime away from Northern Uganda. KONY is for real, i know that for a fact because i am a REAL UGANDAN am from Northern Uganda, and i know what that nigga has made people go through! TRUST ME, U DON'T KNOW THE HALF OF IT. so please, get a life! and stop misleading people...*

Outros comentários revelaram empatia ao posicionamento de Slubogo:

- XDDWAHAHAHAA (2013)⁵⁴ ressaltou a questão das intenções políticas e estratégias bélicas estadunidenses;
- iArtalien (2013)⁵⁵ explicou que a questão problemática é que a causa *KONY 2012* mostrou como algo recente fatos que aconteceram há muito tempo. Mencionou ainda os escândalos de Jason Russel como o vídeo no qual ele aparece na rua sob o efeito de drogas e nu;
- Bob Johnifer (2013)⁵⁶ argumentou sobre o descobrimento de petróleo em abril de 2009 em Uganda, fato que teria despertado o súbito interesse em apoiar causas humanitárias naquele país. E mencionou o genocídio em Darfur, a respeito do qual o governo estadunidense sequer considerou intervir militarmente;
- iPK20 (2012)⁵⁷ questionou o porquê de tantos ainda acreditarem e apoiarem a causa *KONY 2012* mesmo com muitos questionamentos sobre a sua autenticidade, a veracidade das informações e comentários acerca da controvérsia de que apenas 31% do total do capital obtido por meio de doações seria destinado para ações efetivas em Uganda;
- brianlai22 (2012)⁵⁸ disse que Kony seria um pretexto para a invasão da África e a eventual formação de “uma União Africana controlada pelas elites bancárias que seriam braços de uma nova ordem mundial”;

⁵⁴ *Lol US war propaganda. That's what it is. Don't buy into other crap either ("Iranian nukes", the illusion of revolution in Syria, etc). Please, don't believe this. There are corporate interests and hidden agendas, trust me. Believe it or not, but there are WAR PROFITEERS. They make money outta the bloodshed. War is business. They don't wanna help anyone. US foreign policy is full of shit and it's hypocritic. I'm asking people to PLEASE stop believing bullshit media propaganda pushing for war.*

⁵⁵ *Look. Please listen to what this girl is saying. No one made up stories about the Ugandan children. It happened, but it happened a LONG time ago. Also, even the guy who produced the whole thing made a video while drunk, bragging about how they made 1 million dollars and made an insult on the Haiti earthquake. Also, the co-founder of the Invisible Children has been arrested doing insane things: public nudity & masturbating while being drunk. It's okay if you support it, but something's fishy.*

⁵⁶ *Then again oil was discovered in April of 2009 and what do you know, people actually start caring about Uganda and yet the U.S didn't even consider military intervention when 400,000 people were killed in Darfur.*

⁵⁷ *I'm so confused, a while ago everyone thought this was a "scam" or "fake" and "a waste of time". And they used the evidence to say that "Only about 31% of their donations go to actual charities" (which is true btw). So why are people supporting them now? I'm just a little curious. What did they do to make people believe them?*

⁵⁸ *KONY 2012 is a pretext For the invasion of africa and the eventual formation of an African union controlled by the banking elite, one of the branches of the new world order. Don't believe*

- IIIGR1Z (2012)⁵⁹ ironizou que todos os meios tecnológicos utilizados para espalhar a mensagem *KONY 2012* conteriam “coltan”, uma mistura de minerais extraídos por crianças escravizadas no Congo;
- cun ta (2012)⁶⁰ indagou o porquê de muitos estarem questionando a experiência e percepção de Slubogo de seu próprio país. Criticou os “hipsters que sofreram lavagem cerebral” e que não se deram conta de que a jogada de *KONY 2012* é uma estratégia para se fazer dinheiro;
- Arie Neville (2012)⁶¹ afirmou que não conseguia entender os comentários desrespeitosos sobre Slubogo, quem estaria apenas expressando seu ponto de vista sobre a situação. Disse que se sentia revoltada por ver pessoas sendo agredidas verbalmente por expressarem suas opiniões.

Observamos também algumas manifestações de indiferença, no sentido de não explicitarem uma posição nem a favor de Slubogo ou de *KONY 2012*:

- noracolleen2 (2013)⁶² disse acreditar na existência de Kony por conta das entrevistas e evidências exibidas no documentário da IC, e que, na verdade, o líder do LRA era Alice Lakwena, que veio a falecer, ocasião na qual Joseph Kony, seu primo, assumiu a liderança. Completou

in this kony bullshit and wake up steeple because the new world order is what you should be trying to stop.

⁵⁹ *What I found funniest about this whole Kony 2012 thing is all the phones, laptops, etc used to spread the word all contain 'coltan' a conflict mineral, child slave dig it up at gunpoint in Congo. Ironic isnt it.*

⁶⁰ *Why are you even questioning what this girl knows about her own country from experience and others who also reside there ? You're all just a bunch of lazy brainwashed hipster fucks, you don't live there do you ?just seen some shit on the internet and TV, pull your heads out of your arseholes and come to the realization that the bottom line is ALWAYS money, everyone wants money and they will manipulate people like yourselves to do so, Money = Power!!!! Interesting video :)*

⁶¹ *I can't stand this generation. The disrespectful comments show how stupid and ignorant people could be. She is simply stating how she feels about the situation. Is that wrong? Seeing someone shot down because for expressing their views makes me sick to the stomach. What idiots.*

⁶² *I believe Kony is still alive, since my social studies class is in our humans right unit at the moment.The class watched the original invisible children documentary made in 2013, which showed real interviews and evidence involving Kony. It's true the LRA formed awhile ago, but Kony wasn't the leader then. Alice lakwena was. She died and Kony calmed to be her cousin. Kony took over the LRA, and is thought to possibly be in the democratic republic of Congo someplace.*

afirmando que Kony provavelmente estaria vivendo em algum lugar da República Democrática do Congo; e

- Nicholas Jones (2012)⁶³ – disse achar o movimento *KONY 2012* ridículo, e mencionou a parte da fala de Slubogo em que ela afirma serem as notícias dos jornais a fonte da “verdade”. Argumentou que as notícias são definidas por grupos seletos que decidem o que vai ser e como vai ser noticiado, assim a única “verdade” seria o que cada um convencionou como tal.

5.3.2 *is kony 2012 fraud? just asking questions!*⁶⁴

Figura 16 – captura de tela do vídeo de Red Pill



Fonte: youtube.com

Com mais de 700 mil visualizações, o vídeo postado por *LifeLibertyNow* trouxe outros posicionamentos sobre *KONY 2012*. O audiovisual começa informando sobre o site *redpillphilosophy.com*, um fórum no qual são postados filmes provocadores que questionam fenômenos socioculturais diversos. A *red pill* (pílula vermelha) faz uma alusão à cena do filme *pop*, recheado de *insights* filosóficos, *Matrix*, na qual o personagem Morpheus oferece ao protagonista Neo duas pílulas: uma azul, a qual permitiria que ele continuasse vivendo no

⁶³ *I can remember the first day that ridiculous KONY 2012 video hit the net. I remember when he said, "Please donate...", it was a total scam. I mocked many people for buying into this bullshit. Nevertheless, it is sad how ignorant the world truly is to buy into such petty influences. I mean, she mentions the NEWS as a source to get the truth. Well, according to whom? In reality, the news is just a group of few, that produce what they want to become current. The only truth, is your own accounts.*

⁶⁴ Disponível em: <http://goo.gl/kRKO2>. Acesso em: 16 jul. 2013

atual confortável estado de “ignorância”; e outra vermelha, que lhe incutiria certos sofrimentos e dificuldades, mas que lhe permitiria alcançar a “verdade”.

O filme amador *Is KONY 2012 a fraud? Just asking questions!* apresenta um narrador desenvolvendo uma argumentação com imagens e trechos de outros audiovisuais. Este comenta sobre toda a repercussão de *KONY 2012* na *web* e redes sociais: diz que a mensagem da IC tornou-se um viral de êxito, destacando-se de muitos movimentos sociais recentes. Em apenas um dia, a causa foi espalhada em redes como o Facebook e o Twitter, recrutando quase um milhão de adeptos, informou o narrador, questionando a adesão instantânea de pretensos ativistas.

A causa *KONY 2012* objetivava melhorar dada situação em Uganda por meio de intervenções militares estadunidenses, incitadas por requisições populares. No entanto, essa forma de discurso não seria nova; similarmente já havia justificado ações como a guerra do Vietnã, do Afeganistão e do Iraque, afirmou. Imagens de guerras, explosões e da reconhecida criança vietnamita atingida por *napalm* são exibidas.

“E o petróleo no Iraque?”. É revelada uma reportagem no site da BBC, intitulada “*Secret US Plans for Iraq’s Oil*”⁶⁵. E o ópio no Afeganistão? *Take* de imagem de militar em meio a uma plantação de papoula. E o contrato iraniano de tráfico de drogas no qual a Agência de Inteligência Central estava envolvida? Imagem de uma capa impressa antiga do *NY Times* com a manchete em destaque: “*Bush Pardon 6 in Iran Affair, Averting a Weinberger Trial; Prosecutor Assails ‘Cover-up*”⁶⁶. O narrador diz que a nação estadunidense alimenta-se de guerra e que, mesmo depois do incidente de 11 de setembro de 2001, muitos cidadãos parecem ainda não ter plena consciência de ações militares dos Estados Unidos em outros países.

O narrador comenta que muitos parecem estar cansados de guerra, morte e raiva ao redor do globo. Raiva que acaba por gerar mais inimigos. Os líderes políticos, cientes disso – “de que não acreditaremos mais em convenientes coincidências que permitem a destruição sistemática de países

⁶⁵Disponível em: <http://goo.gl/8ylkO>. Acesso em: 20 jul. 2013.

⁶⁶ Tradução livre do autor: “Bush perdoa 6 no caso Irã, evitando o julgamento de Weinberger; promotor acusa encobrimento”.

distantes em nome da luta contra terroristas” –, precisaram desenvolver novas estratégias para ganhar apoio popular, explica. O governo precisaria de “apoio cego, apaixonado e constante, e para isso necessitaria inspirar e motivar”. *KONY 2012* seria um desses engodos, segundo a argumentação do vídeo. A causa teria servido como um mote para a inserção de presença militar estadunidense em Uganda.

Na sequência do vídeo, é exibido o trecho de um programa jornalístico, por meio do qual Russel transmitia ao vivo seu depoimento acerca da causa. No vídeo, Russel compara: “se foi possível a chegada do homem à lua, por que não seria possível salvar crianças em outro continente através de intervenção militar?”. Nesse ponto, o narrador do documentário fala sobre manipulação midiática por meio da televisão e de movimentos de massa. O audiovisual *KONY 2012* não menciona que Kony não está há anos em Uganda, “mas você sabe o que há e continuará a existir em Uganda? Reservas de petróleo”, argumenta. Depois, é exibido um trecho de uma manchete do canal televisivo *Al Jazeera*, reportando que companhias afirmavam ter descoberto grandes reservas de Petróleo em Uganda e que isso mudou drasticamente a sorte do país. Uma captura de tela do *site* allafrica.com exhibe a manchete: “*Uganda: Oil Reserves Rival Saudi Arabia’s, Says U.S Expert*”.

Dinheiro, corporações e governos financiando campanhas milionárias que comovem milhões de pessoas e que acabam incitando muitos outros a agirem num impulso coletivo, sem sequer refletir ou questionar sobre o que está acontecendo. Isso parece ser a realidade atual. “Em psicologia isso é chamado de *pensamento de grupo*, na Alemanha nazista isso foi chamado de *holocausto* e depois de 11 de setembro isso foi chamado de *patriotismo cego*. Em 2012 esse movimento curioso criou *KONY 2012*”, infere o narrador.

No audiovisual Is Kony 2012 fraud? just asking questions! não vemos a face de quem elaborou os argumentos. O filme, sob uma estética pastiche, trouxe imagens, trechos de vídeos e recortes jornalísticos com o intuito de fundamentar seus posicionamentos, de fundo conspiratório. Ao mesmo tempo, o audiovisual presta-se a lançar provocações e a gerar dúvidas. Nesse sentido,

acreditamos que este mantém uma coerência com o filme amador anterior e pode ser percebido como outra manifestação de caráter ciberativista.

Na área de comentários, subsequente a esse vídeo, observamos o montante de 6,512 mil comentários⁶⁷. Novamente, aqui as discussões são caóticas; cada voz justifica seu prisma por meio de ambivalentes juízos morais. Seguindo a estrutura de documentação anterior, verificamos três eixos opinativos principais. No primeiro, os que são a favor de *KONY 2012* e criticam o manifesto audiovisual de *LifeLibertyNow*:

- barneygoogs (2012)⁶⁸ exclamou que a ação *KONY 2012* seria real. Colocou em xeque a discussão em torno de os Estados Unidos terem ido ao Iraque em função do petróleo. Para ele, o Iraque teria autonomia total em relação aos Estados Unidos;
- goodfellowpittis24 (2012)⁶⁹ disse ser a favor da conscientização midiática e que todos tem a opção de escolher no que acreditar e em quais mensagens darão crédito. Afirmou ter feito doações para a IC e ter colado alguns cartazes, e que 100 soldados e algum suporte via satélite não significariam uma invasão à África;
- necromanzee (2012)⁷⁰ falou que “o pior crime do planeta é ver atrocidades sendo cometidas e não fazer nada”. Reclamou que a União Europeia teria observado brutalidades sendo cometidas na África na

⁶⁷ 6 ago. 2013.

⁶⁸ *What's amazing to me in much of this discussion is the insane matter of fact attitude that we went into Iraq for its oil! Ummm. why is gas costing us \$4.00 a gallon then? We got none of thier oil. They have their oil, not us. We are not in control of that country. They are. Soon it may be Iran in charge, who knows. If they decide they don't like freedom enough to fight for it, then they will lose it. The war was called, "Operation Liberate Iraq" - get it. P.S. KONY is REAL!*

⁶⁹ *Dude, I'm ALL FOR MEDIA awareness. Ultimately, yes, we all have to chose who we believe, what messages we find credible. Personally, I think you're attacking the wrong horse, here. Do YOU work for the CIA? Does Kony? WTF knows... I'm donating to Invisible Children and I'm putting up some damn posters. Your cynicism is obstructing your ability to hope for positive action. 100 soldiers and (hopefully) some satellite support does not an invasion of Africa make. Youtube is fucked.*

⁷⁰ *it is the worst crime on the planet to see a crime in progress and do nothing, its our planet we should be concerned, the UN saw these atrocities happening in the eighties but did nothing. now they are not needed they act, why? OIL they are transparent and its about time the 770 idiots that disliked pulled their heads out of their arses and started slamming the right people, ultimate power ultimately corrupts and you say "why bother" they've already won with that attitude!*

década de 1980 e não teria agido. Disse que o petróleo teria sido sempre uma questão transparente;

- metalforce (2012)⁷¹ explicou que a IC tem atuado desde a década de 1990, antes do incidente de 11 de setembro de 2001, e que, se os Estados Unidos quisessem invadir Uganda, já teriam feito isso antes. Disse ainda que a população dos Estados Unidos estaria cansada de guerras, e que as pessoas agora querem apenas justiça.

No segundo eixo, conferimos os que são favoráveis aos argumentos de *LifeLibertyNow*:

- HLJokerRP (2013)⁷² contou nunca ter acreditado na iniciativa da IC e que desconfia de campanhas com grande publicidade. Falou ainda que muitos estão cegos pela causa, pois continuam a fazer doações mesmo tendo contato com inúmeras controvérsias;
- WALTER HURD (2012)⁷³ apontou que o problema hoje em dia é que ninguém faz perguntas ou presta atenção nas ações dos Estados Unidos, “você já se perguntou porque esses outros países atacaram a ‘América’?”. Segundo ele, o falatório de independência e liberdade é um pretexto para publicidade. A Suíça, exemplificou, seria um país independente e livre que nunca esteve numa guerra;
- John Marston (2012)⁷⁴ afirmou que *KONY 2012* seria um dos maiores embustes da história e que desde 2006 o LRA não é um problema,

⁷¹ *why would they invade a country which has no significant value to them? Invisible children has been active for 10+ years, before 9/11. If they wanted to invade they would have by now. But why would they? America is tired of war people finally want peace, Uganda wants closure. People don't want war they want justice. It's not my personal belief, America knew about Kony since the 90's they could have "Invaded" a long time ago, but they are avoiding it.*

⁷² *I never really believed this. I wanted to believe that a large group of people could make a difference, but I've always been skeptical, especially when merchandising is involved. It is so clear that not everyone has open eyes, or those millions of people wouldn't have spent their money on a cause that wasn't true.*

⁷³ *[...] This is the prob. now days, nobody asks questions or take the time to look into america's actions. Have you ever asked why do these other countries attack America? That free and independent excuse is B.S. For ex. Switzerland is free and independent and they have not been in war, never took sides; Even when they were right in the middle of it the remained nutrual.*

⁷⁴ *The LRA hasn't been a problem since 2006, the LRA now has only about 250 soldiers, and to actually get to Joseph Kony, you would literally need to kill some of his army, which manly con-*

tendo hoje em dia cerca de 250 soldados, muitos destes crianças; e, para parar Kony, seria necessário matá-las;

- ObeeLektro (2012)⁷⁵ sentiu-se revoltado ao ver que George Bush estava apoiando a “farsa” *KONY 2012* e caçou das pessoas que acreditam que agora tem “poder para se libertar de políticos tiranos” graças à iniciativa;
- Daniel Ekker-Runde (2012)⁷⁶ falou que o vídeo *Is KONY 2012 fraud? Just Asking Questions!* impactou-o e que ele inclusive havia mostrado o vídeo em suas aulas. Ele pôde verificar que estavam no audiovisual *KONY 2012* todas as premissas trazidas por *LifeLibertyNow*: a questão do petróleo, da guerra, das doações e que isso conduziu-o à conclusão lógica de que *KONY 2012* é uma ação oportunista. Seria mais uma tentativa dos líderes estadunidenses para obter mais petróleo;
- wowomfgowo (2012)⁷⁷ classificou *KONY 2012* de “culto”, um experimento para criar uma ampla consciência em cima de uma ideia com a finalidade de que organizações consigam controlar a opinião pública e as massas;

No terceiro bloco, examinamos os que não pendem para nenhum dos eixos opinativos anteriores:

sists of children. Kony 2012 was one of the worlds largest scams in history. Im not saying don't help, just don't buy propaganda bullshit from Invisible Children.

⁷⁵*When I heard that George Bush was sponsoring this Kony movement. That opened my eyes to the stealth tactics of this PHONY KONY fraud. However, because this sick elite is so desperate they are pushing their tactics to the limits, and if you can flexibly look at this. THANKS TO THEM THEY SHOWED COMMON PEOPLE HOW MUCH POWER WE TRULY HAVE. SO IN THE WAY THEIR DESPERATION DEFIED THEIR OWN AGENDA THEY NEVER WANTED US TO KNOW. HOW MUCH POWER WE COMMON PEOPLE HAVE TO FREE OURSELVES OF ALL TYRANTS.*

⁷⁶*omg dude. you have opened my eyes and ears. i was shown this video in one of my classes in school on the 22nd. i watched it and felt moved. but then i watched psychicpeebles' video that obviously claimed Kony 2012 was a fraud. so i watched Kony 2012 a second time and paid more attention to the details. the facts are all there. the oil, the war, the donations, the motives, they all lead towards one logical conclusion: Kony 2012 is fake and another attempt for the US leaders to seize more oil.*

⁷⁷*It is a 'cult' that involves many millions donating their money to an organization which is profiting enormous ammounts of dollars by the minute from a campaign which deviates from the more important objective. 'KONY 2012' opens with a quote "NOTHING IS MORE POWERFUL THAN AN IDEA." The idea of the video is not to CAPTURE Kony, but to create AWARENESS of him and it is a social experiment to see if organizations like illuminati(etc) can formulate an objective opinion in order to control the masses.*

- Otto Toksik (2013)⁷⁸ argumentou que a causa seria um golpe para conseguir dinheiro fácil. Mas, apesar de suspeitar do governo estadunidense em outros pontos, não acredita no envolvimento deste com *KONY 2012*;
- FaintAcrobat (2013)⁷⁹ disse que não é favorável ao vídeo *KONY 2012* por ser extremamente manipulativo e a favor da guerra, e que existiriam outros meios mais pacíficos para se parar Kony;
- TheAlbinoCarrots (2012)⁸⁰ afirmou não apoiar a ação *KONY 2012*, mas criticou a teoria conspiratória de 11 de setembro de 2001; disse que “estatísticas não mentem, mas que mentirosos usam estatísticas”;
- MrJab409 (2012)⁸¹ argumentou sobre a guerra no Iraque e sobre o falso mote para o início desta, de que Saddam Hussein teria armas de destruição em massa, mas que a verdadeira motivação do governo era o petróleo. E disse que, pelo mesmo estopim, muitos afirmam que existem armas de destruição em massa no Sudão;
- wndrsllice (2012)⁸² comparou o *red pill* ao movimento *KONY 2012*, ambos estão tentando motivar coletivos a acreditarem em suas causas sem evidências concretas do que realmente está acontecendo na África Central. E, apesar de entender a premissa de *red pill* – sobre guerras

⁷⁸*its a money grabbing scam but in this case i dont believe in government involvement in the original video. just a case of greedy assholes trying to make money on an issue that isnt as relevant as portrayed. after all anyone who knows a thing about e.g. liberia knows that there is a lot of far more disturbing shit going on there. that doesnt mean i trust the US government or any government though, i just dont believe that they are involved in this.*

⁷⁹*The Kony 2012 video does actually clearly state that in 2006 the LRA has moved away from Uganda into DRC, CAR, and South Sudan. Not a huge fan of the video because it's extremely manipulative and pro-war. There are other ways the people can help in the fight against people like Kony, demanding them to be stopped by force and military power is not the way.*

⁸⁰*What the? I hate to sound like I am not taking you seriously (which I am, and I also do not support Kony 2012), but I have trouble believing that you have bought into the 9/11 conspiracy theory... you seem smarter than that. Also, stats don't lie, but liars use stats....*

⁸¹*I'm not trying to start a flamewar, and I don't agree with the war in Iraq, and I know that there weren't WMDs controlled by Hussein, but I've done some research, and I really have a hard time believing that the government wanted oil. I genuinely think it was about the false belief that Suddam had WMDs. :P*

⁸²*you red pill people are doing the exact same thing as the kony 2012 movement. you're trying to motivate the masses to your cause, without having all the evidence of what is really going on in central africa. although i understand your premise about the previous wars and how the u.s. probably shouldn't have gotten involved, but america's selfish reasons for going to war doesn't erase the atrocities that were committed by the many brutal dictators over the years.*

anteriores nas quais os Estados Unidos envolveram-se por motivos mesquinhos e capitalistas –, isso não anularia as atrocidades que muitos ditadores teriam cometido durante anos;

- Rama Francesco Corzano (2012)⁸³, em tom ofensivo e exacerbando um patriotismo cego, disse que independentemente de Kony, Saddam ou outros motivos, os Estados Unidos são um império e que o mundo precisaria deste para guiá-lo e ordená-lo. Afirmou que os Estados Unidos necessitam buscar recursos em outros lugares para manter seu poder, senão outros países fá-lo-iam e tornar-se-iam poderosos, o que poderia resultar em “efeitos catastróficos”;
- James Donovan (2012)⁸⁴ mostrou indiferença; disse ser muito jovem para se engajar em causas políticas; e
- Louis Malatesta (2012)⁸⁵ contou que Kony é mau e que a IC pode ser uma instituição corrupta. Criticou o oportunismo de *LifeLibertyNowe* dos que são a seu favor, corroborando com teorias conspiratórias pouco convincentes que foram espalhadas na onda do viral *KONY 2012*. Falou ainda que os adeptos de *LifeLibertyNow*con fundem falta de ação com paz, e que pessoas assim seriam a razão de milhares de mártires terem morrido na Síria.

5.3.3 My Response To Kony2012⁸⁶

⁸³ *Kony, Saddam and many others.... whatever the reason... USA is an empire, we don't say we are an empire but we are and being so we need to use outside resources to maintain our imperial might... if we don't do it , someone else would with more catastrophic results....the world needs America... to lead..guide..rule them...*

⁸⁴ *How come when I and only I walk around my town, with my family, with my friends shit around computers or just youtube in general starts acting up. Its fucking physiology sure but why do this to a person. I don't know anything about this fucking movement nor do I want anything to do with it. Its too political and I am too young. This is not funny or an attempt to scare anyone. Everything done by myself was an accident. So what the fuck is this about. PS just music not videos heal.*

⁸⁵ *ur not using logic like the other videos, youre just an isolationist conspiracy theorist riding on the bandwagon of this event. Youre the reason thousands of democratic martyrs die in the streets of Syria with no action or sympathy from the outside every day: you confuse inaction with peace and fascist appeasement with freedom of choice.. Kony is evil, but contained, invisible children could be corrupt and misguided, but you have no cogent voice: youre just pressing theories at an opportune time.*

⁸⁶ Disponível em: <<http://youtu.be/KLVY5jBnD-E>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

Rosebell Kagumire é uma jornalista e blogueira ugandense; nesse vídeo – inicialmente gravado para uma cobertura feita pela rede de jornalismo *Al Jazeera* sobre *KONY 2012* – ela inferiu seu posicionamento acerca do documentário e ação *KONY 2012*.

Figura 17 – captura de tela do vídeo de Rosebell Kagumire



Fonte: youtube.com

No vídeo, com mais de 610 mil acessos, Kagumire traz a sua visão dos fatos enquanto cidadã ugandense. Ela diz que travou contato com a iniciativa *KONY 2012* primeiramente por meio de postagens de amigos no Facebook e que ficou curiosa para saber que questão nova estariam trazendo acerca do já conhecido Joseph Kony.

Ela acha problemático o documentário, pois trata de forma simplista e estereotipada uma complexa situação da qual fazem parte milhões de pessoas. Problemático porque passou a impressão de que todos os cidadãos de Uganda estariam desesperançosos e que dependeriam de apoio de pessoas vindas de fora do continente para mudar a sua situação. Kagumire afirma que o contexto atual de Uganda é bem diferente e que existiriam muitas iniciativas locais de apoio aos cidadãos nesses tempos de conflito.

A blogueira diz que a guerra em Uganda, e em várias regiões da África, é mais que um “homem mau matando crianças”. Existem diversos problemas sociais e políticos históricos. Além de Kony, inúmeros outros líderes criminosos estão atuantes na África. E isso deveria ser mencionado quando se fala de uma guerra; e quando se está tentando desenvolver uma infraestrutura cultural, social e política para tentar combatê-la, comenta Kagumire.

Outro problema que ela aponta foi que o audiovisual *KONY 2012* informa que a guerra de Kony e o *LRA* contra crianças e famílias continuaria porque milhões de pessoas nos Estados Unidos e no mundo não sabem sobre os acontecimentos em Uganda. Rosebell Kagumire afirma que Kony não estaria mais em Uganda e que a situação revelada no filme é um retrato de seis anos atrás. O contexto teria mudado bastante no norte de Uganda: “as pessoas dormem em casa, as crianças vão à escola, estamos em uma situação de recuperação pós-conflito; não vemos as questões apresentadas no vídeo agora, especialmente quando Uganda é colocada como palco desse conflito” relata. Kagumire critica também que o vídeo não mostra a situação atual da região.

Ela explica que em *KONY 2012* deparamo-nos com uma velha narrativa repetida à exaustão há séculos, a narrativa do herói estrangeiro que chega à África para salvar crianças e pessoas indefesas e para combater os “caras maus”. A blogueira refere-se a exemplos amplamente cobertos pela mídia de massa, como diversas histórias na Etiópia, ou de celebridades que foram à Somália.

Kagumire argumenta que a África precisa de campanhas mais inteligentes, que tratem de problemas sociais e políticos mais relevantes, em vez de popularização de histórias sensacionalistas que comovem pessoas num dia, as quais, no dia seguinte, são esquecidas. Ela fala sobre a importância de se fazer a diferença, mas diz que é preciso ter cuidado sobre como se conta a história do povo africano,

porque se você me mostra como alguém sem voz e sem esperança eu não tenho espaço para contar a minha história. Você não deveria contar a minha história. Esse vídeo trata do poder na América. Não fala sobre o meu governo, não fala sobre iniciativas locais, e esse aspecto é falho. É uma narrativa parcial de um estrangeiro sobre africanos civicamente “impotentes” que precisam da ajuda de alguém de fora do país todo o tempo [exclamou].

A jornalista expõe que Joseph Kony é um criminoso procurado e que deve ser punido. Para mais além dessa questão, segundo ela, é importante reconciliar comunidades e parar rebeliões, pois o que mais importa hoje para a região seriam estratégias e ações de pacificação.

Conferimos até a presente data⁸⁷ a existência de cerca de 2,881 mil comentários de texto para o vídeo *My response to KONY2012*. Dentre os comentários que selecionamos, alguns demonstraram desacordo à argumentação de Kagumire:

- inyourfacetimmy (2012)⁸⁸ afirmou acreditar que, mesmo sendo incoerente em alguns sentidos, o vídeo *KONY 2012* é sobre fazer algo bom. Disse que os Estados Unidos estão envolvidos em tantos assuntos internacionais que não seria um problema o envio de algumas tropas a Uganda e que seria bom “ver alguma fiscalização nas ruas daquele país de vez em quando”;
- Tmun01 (2012)⁸⁹ disse ser africano e que *KONY 2012* aumentou a conscientização e pressionou os líderes mundiais e pessoas comuns – que nunca considerariam ou se importariam sobre as questões levantadas –, a refletirem sobre. Defendeu Jason Russel, que teria revelado uma questão e um país que usualmente não preocupa o Ocidente;
- djsnjones1 (2012)⁹⁰ falou que está muito contente em ver a luta contra a ignorância do mundo ocidental em relação ao LRA e que espera que esse movimento continue. Disse que é amiga de muitas pessoas em regiões próximas a Uganda e que seu marido cresceu com algumas

⁸⁷ 7 de ago de 2013.

⁸⁸ *Maybe some things are happening in Uganda, but nothing that will get Kony arrested, of that i am sure. The US are already meddling with so many countrys, why can't they send some troops to the region in/around Uganda. It wouldn't do much harm to have some "police" walking down the street once in a while. Still i agree with you, but if they don't want the Troops, they can just say so. For me the video was about doing something good, even though it has it's very weak parts. Enjoy, IYFTimmy :)*

⁸⁹ *I am African too and I think u miss the point. Kony2012 raises awareness and puts pressure on world leaders and even general people who otherwise would never care or bother to find out about these issues. The reason why we are even discussing this issue is because an American guy, who really shouldnt care about this took his time and effort to shine light on an issue and country that generally people in the west dont care about. This is the point of Kony 2012 and advocacy of this kind.*

⁹⁰ *I am VERY disappointed to see this response to the recent Kony2012 video. There are still 10s of thousands of people living under the constant threat and terror of the random raids of Kony and the LRA. These people live in the CAR, the DRC, and southern Sudan. I am personal friends with some of these people. My husband grew up with some of these people. I have been overjoyed to see the fight against the ignorance of the Western world concerning the LRA, and I would hate to that killed now.*

dessas pessoas. Afirmou que, em função disso, sabe que muitos em outras regiões da África ainda vivem sob o terror de Kony e do LRA;

- Joe defraroa (2012)⁹¹ exclamou que a campanha não está dizendo que os africanos são desesperançosos, mas que está informando que existe um criminoso atuante na África e impune há mais de 26 anos e que derrubar Kony não depende só dos Estados Unidos, mas do mundo inteiro;
- terrluzan (2012)⁹² disse que o vídeo *KONY 2012* tentou esboçar um problema de um modo que as pessoas pudessem compreendê-lo sem perder muito tempo. O conhecimento de outras informações e noções históricas dependeriam de interesse e de maior envolvimento das pessoas;
- sbospacey (2012)⁹³ discordou da ideia de que *KONY 2012* tenta simplificar a questão. Explicou que o vídeo foi editado de forma a se tornar acessível para as audiências on-line e que muitas das referências estariam datadas porque são fragmentos de um projeto de oito anos atrás. Ele disse que os objetivos declarados foram espalhar uma ação, dar um passo para a paz e trazer para a justiça um, entre muitos outros homens;
- Laura Valdez (2012)⁹⁴, estadunidense, não achou que as pessoas estavam sendo menosprezadas. Disse que o povo estadunidense

⁹¹ *This is a ridiculous response to the campaign. Swallow your pride and except help from others, he's not saying Africans or the people of Uganda are helpless, all he is saying is that this warlord has been doing what he has been 26 years now and is still roaming africa. Bringing down joseph kony does not depend entirely upon america, it depends on the whole world and weather or not we decide to take action or not. Societies ignorance towards the issue is completely arbitrary at this point....*

⁹² *seriously!!!! did she hear herself speak?? so she wants a whole 3 hour movie done describing the issues of Uganda n their other problems while recognizing all that have helped change stuff in the past or what does she want? In my opinion i think the kony 2012 video tried to outline the problem in a way that people could understand without wasting their time in less than 30 minutes one gets to know whats the issue n the rest is for u to find out if your interested in the history.*

⁹³ *Rose, you make excellent points. I would point out that the KONY2012 video was edited down from a more comprehensive piece to make it accessible to online audiences. Some of the info is likely outdated as it chronicles an 8-year project. I disagree that the KONY2012 video seeks to simplify the issue. The stated purpose is to spur ONE action; to take ONE step towards peace; to bring ONE man out of many to justice.*

⁹⁴ *I think you have misunderstood the POINT of the video. I am an American, and I didn't feel like the people were belittled. I felt like we should assist in letting OUR government know that*

deveria mostrar a seu governo que se importa com as pessoas de Uganda e que deveriam continuar a procurar Kony. A questão não giraria em torno de um herói, mas de um homem que manteve a sua promessa. Disse que reconstruir as comunidades é de fato importante, mas que isso será uma consequência da ação;

- Jesina Muvekwa (2012)⁹⁵ disse que “orgulho é saudável, mas que seu excesso pode ser muito perigoso”. Ela teria tomando conhecimento da situação de Uganda, Congo e outros países em função do vídeo *KONY 2012*. Falou que Kony tem liderado por anos e continua impune e que os governos locais nada teriam feito a respeito disso; assim, teria se tornado importante a intervenção de governos internacionais;
- dcdude20010 (2012)⁹⁶ afirmou compreender o ceticismo de Kagumire, mas disse ser necessário ensejo político para colocar ideias em ação, e que motivação política não se conquista tentando educar o público sobre as complexidades históricas e políticas da África;
- Acaye Elizabeth (2012)⁹⁷ indicou que as gravações são de 6 anos atrás, mas que o trauma da guerra é atual. Uganda estaria se recuperando. A causa quer apenas fazer Kony famoso e trazê-lo à justiça, assim como outros criminosos de guerra;

we still care about this, and we should not stop searching for KONY. oint the video is trying to make is that we care, not to be a hero, it's just about a man keeping a promise to someone. True, we do need to focus on rebuilding the communities, and the rebuilding will probably come later.

⁹⁵*that video made u speak gal u shld give credit to it. So many people did not even know about this dude Kony or the situation in Uganda Congo ect until recent when the video started spreading. How do you think rebellion would be stopped when Kony is out there.where was all the governments you are talking about when thousands of people where being killed. Its been years and KOny is ruling and you call keep mentioning your government. Pride is health, but an overdose of it can be very dangerous.*

⁹⁶*I appreciate your heartfelt passion and can understand your skepticism regarding the IC campaign, but I honestly think you are doing your cause a disservice by trying to derail this effort. Change doesn't happen in a vacuum. Even the best ideas are doomed to the dustbin of history if there is no political will to put those ideas into motion. And you don't garner political will by trying to educate the public about the intricacies of Central African geo-political history. Politics is a blunt.*

⁹⁷*Thankyou Rosebell.Yes, this footage is six years old however, the war trauma is current. Yes, Uganda is self healing and Gulu town as a microcosm of "now" is epic. Allow me to refocus your cause to the goal of the video: TO MAKE KONY FAMOUS. The purpose; end a climate of impunity for war crimes. Case in point is the dismissal of Thomas Kwoyelo in 2011. I ask thus, that you add to the story,not dismiss it." Kony2012 campaign" returns the issue of Kony and a 26 year old war with a call to action.*

- Christine Dillingham (2012)⁹⁸ exclamou que se o poder está com o governo de Uganda e as iniciativas locais, que aparentemente não conseguiram fazer muita coisa, esse poder não seria muito forte a ponto de não precisar de ajuda. Ela criticou a tentativa de Kagumire de deslegitimar *KONY 2012*.

Outros expressaram apoio em relação à arguição da blogueira:

- Gengis Khan (2013)⁹⁹ disse que pesquisou um pouco e descobriu que o exército ugandense faz o mesmo que Kony. *KONY 2012* trouxe a ideia de que os africanos são fracos e de que não conseguem se defender. Por meio de uma perspectiva estreita sobre a questão, eles esconderiam fatos de seus espectadores visando a apenas ganhar dinheiro;
- PantsDastard (2012)¹⁰⁰ argumentou que *KONY 2012* é um apelo à comoção coletiva em prol do lucro da IC. Disse que, em vez de sentir pena, as pessoas deveriam pesquisar mais e encontrar modos mais efetivos de ajudarem;
- Kittyjohl (2012)¹⁰¹ salientou que, além da evidente questão do imperialismo político estadunidense no Oriente Médio, é também gritante um imperialismo econômico e social que temos observado nas últimas

⁹⁸ *if the power was within the uganda government and local initiatives then that power is obviously not very strong and does need help. I cannot believe you are trying to take away from what this movement is trying to accomplish. How about you then just fight your own battles and don't come crying to the western world when you find out that your government and local initiatives are not enough.*

⁹⁹ *Yes, I agree with you. Kony 2012 keeps criticizing kony but actually, I did a bit of research on this topic and found out that the Ugandan Army Was doing the same thing. Kony 2012 is a cheat, they give such a black and white perspective about this issue and don't tell the viewers what they are fighting over. Kony 2012 just wants money and they think that africans are too weak to defend themselves.*

¹⁰⁰ *I agree with her completely. The idea that westerners are encouraged by celebrities and the news to think of Africa as a "charity case" has gone too far. People need to spend less time feeling pity and more time researching the proper way to help, and not take bs directly from some guy who tries to start a movement for his own monetary gain. (The "Invisible Children" charity did not meet many charity standards and many believe that it is a simple scam, using mob-mentality against the viewers.)*

¹⁰¹ *[...] There is an issue of imperialism, not only political like colonization, but economical and social that we've seen in recent recent decades with America in the Middle East. There is a false sense of heroism that we can solve everything with the simplicity of heroes and bad guys. If our nation decides to help another country, we should concentrate on the larger problem at hand, the stabilization of the Uganda itself, so that this type of situation does not occur in the first place.*

décadas. Reforçou a ideia de Kagumire acerca do falso senso de heroísmo americano, o qual tem a pretensão de resolver tudo por meio da narrativa “vilões” *versus* “heróis”. E completou, escrevendo que a autoestabilização de Uganda seria uma premissa mais veemente em relação ao tipo de auxílio proposto pela IC;

- raymond kibet (2012)¹⁰² falou que as pessoas clamariam por julgamentos institucionais, mas que acabariam inferindo seus próprios veredictos com base em relatórios com intenções maliciosas. Disse que, acima de tudo, faz-se necessário na África um movimento de reconciliação e pacificação política e social;
- PaleFirehorse (2012)¹⁰³ concordou que a guerra em Uganda não é uma história nova, que as informações de *KONY 2012* estão defasadas e que a conscientização massiva sobre o problema pouco vai ajudar. Ele esteve na Costa Leste africana e disse que a “América” e o resto do mundo não podem resolver os problemas de Uganda, que isso depende da iniciativa de seus cidadãos;
- tinarrable (2012)¹⁰⁴ comentou sobre o estereótipo “vilão” *versus* “herói”. Não haveria apenas um “cara bom” contra um “cara mau”. Criticou a IC, que deveria colocar mais informações em seu *website* e no vídeo, em vez de somente vender *kits* de ação, “um jeito americano para resolver problemas”;

¹⁰² *Sure Rosebell, tru that u say. Another example is the ongoing ICC cases in Kenya. The people wanted ICC to do their own investigations independently but they ended up borrowing judgements from reports laced with malicious intent. Nw the whole thing is polarising the kenya along new Ethnic alliances and i c a worse scenario come the 2012 elections. It's ruling will not bring peace and reconciliation but mistrust and deep anger, revenge etc. Ekaterina, Cuno Tarfusser n the entire ICC..giv us peace.*

¹⁰³ *Thank you Rose for sharing with us. I completely agree with you. The Uganda war is not a new story, the information of Invisible Children is not recent either. I have been in Africa, not in Uganda, but at the east coast. Amerika and the rest of the world can not 'fix' the problems in Uganda, it has to come from within. Awareness of the problem is not going to solve anything, taking one man (Kony) out of the picture isn't going to end the conflict. Stay safe!*

¹⁰⁴ *I love when you say that "an american hero is coming and saving poor african children" - it is so silly sad and true... there is not one bad and one good guy only... unfortunately the "real story" is too complicated to be mass compatible - anyway they should have provided more information on their website (and in the video!) instead of only selling their action kits and all that. But I guess an "action kit" is part of the american way of trying to solve problems...*

- Rado Vleugel (2012)¹⁰⁵ disse que conscientização local é melhor que uma intervenção internacional e que, apesar dos esforços estadunidenses em capturar Kony, tal iniciativa só agradaria a opinião pública nos Estados Unidos;
- nirbija (2012)¹⁰⁶ pontuou o histórico colonialismo europeu que corrompeu e destruiu sociedades indígenas africanas. Disse que os europeus, depois de terem incitado e criado diversos conflitos no continente africano, tentam se colocar agora como os salvadores. E opinou que, em vez de voltarem a roubar as riquezas da África, deveriam auxiliar os Africanos a tomarem conta de seus próprios negócios.

Outros revelaram posições diferentes dos eixos morais anteriores, como em:

- Mauricio Himede (2012)¹⁰⁷ não deu crédito total a Kagumire e disse acreditar nas boas intenções da IC. Achou pretensiosa a tentativa da organização de tentar cobrir a totalidade de uma guerra em um país estrangeiro em um documentário de 30 minutos. E concordou que muitas pessoas assistem, ficam comovidas, engajam-se por meio da *web*, mas no dia seguinte esquecem. Para ele, ativismo social é mais que isso e envolve ações que provoquem mudanças efetivas.

¹⁰⁵ Rosebell, *I agree with you! Local empowerment is always better than foreign intervention. Even if the Obama administration puts more effort in capturing Kony, it's only to satisfy the public opinion in the USA regardless of the consequences in Uganda and neighboring countries.*

¹⁰⁶ Well stated, Kagumire! *The criminal europeans invaded Africans UNPROVOKED, disrupted & destroyed indigenous African societies And after creating much conflicts and inciting much conflicts in Africa, the conflict-loving and violence loving barbarians of Europe are deluding themselves that they are white saviors of Africans Instead of return stolen African wealth, so that the quite-able Africans can take care of their own affairs, the white witches kidnap African children to ruin them culturally.*

¹⁰⁷ *don't know if she's completely right, but you just can asume that for watching a 30 min. video you know all about a war in a country that's not yours, probably you don't even know everything about the war of your own country. I don't think that the Invisible Children thing has bad intentions, but she's right when she says that people will watch it, tweet about it like a week and then forget! Watching a video doesn't make you a social activist! actions do! so make the effort to make a change.*

5.3.4 To Critics Of Kony 2012¹⁰⁸

Figura 18 – captura de tela do vídeo de Jolly Grace Okot



Fonte: youtube.com

Nesse breve vídeo, também em tom amador, o qual conta com mais de 300 mil acessos, Jolly Grace Okot – embaixadora regional da IC no *Elikya Rehabilitation Center* (Dungu, República Democrática do Congo) –, que diz ter nascido ao norte de Uganda, direciona a sua mensagem aos críticos da ação *KONY 2012*. Pede a todos que divulguem a ação por meio de seus perfis no Facebook, Twitter e por quaisquer outras mídias. Explica que isso é importante para o mundo entender quem é Joseph Kony e o que ele fez.

Okot diz que foi sequestrada e que foi uma escrava sexual do LRA. A sua ideia, hoje, em atuar em prol da causa, é de tentar dar voz às pessoas afetadas diretamente por Joseph Kony: Indivíduos da África Central, da República Democrática do Congo, do Sudão e do norte de Uganda que sofreram em meio a essa guerra. Ela explica que o mundo precisa prestar atenção nisso e ajudar. Comenta que crianças continuam a ser sequestradas e que o povo africano precisa de ajuda internacional. “O que a IC está fazendo é algo pedido por nós, pessoas de Uganda, que precisam desse suporte”, enfatiza Okot. Para as pessoas que “criticam sentadas em frente a seus computadores”, Okot pediu que refletissem. E completou, afirmando que Kony existe, e ainda age, e que precisa ser preso e levado à justiça.

Dos 2306 comentários de texto¹⁰⁹, indicamos primeiramente o eixo dos defensores de *KONY 2012*, favoráveis à argumentação de Okot:

¹⁰⁸Disponível em: <<http://youtu.be/OQABpjCaJk>>. Acesso em: 8 ago. 2013.

- keller232323 (2012)¹¹⁰ disse que a argumentação de muitos contra a causa, em função dos incidentes em Uganda já terem acontecido há muito tempo atrás, é falha. Falou que, independentemente de quando aconteceu, justiça e apoio às pessoas violentadas são necessários. Pediu empatia e, para quem critica, que tentassem se colocar no lugar dessas pessoas e imaginar o que elas passaram;
- Jose Ramos (2012)¹¹¹ afirmou que o argumento do petróleo seria equivocado, visto que as reservas do combustível foram descobertas em 2010, enquanto as intervenções estadunidenses haviam começado em 2009; a IC, por sua vez, atuaria em Uganda desde 2004. Ele defendeu a IC e disse que a ONG havia recebido a doação de 1 milhão de dólares do banco Chase em uma competição de caridade;
- Anna McCleery (2012)¹¹² disse apoiar a IC e apelou para o aspecto emocional: ela teria ficado comovida com a história de Okot e a iniciativa da IC. Arguiu que o falatório dos críticos sobre a causa seria infundado, pois o documentário *KONY 2012* teria o respaldo documental audiovisual a seu favor;

¹⁰⁹ 8 ago. 2013.

¹¹⁰ *It seems that the biggest arguments about the Kony2012 video are about how long ago he was in action. Ok think of it this way: If there was a man in your country kidnapping children and turning them into soldiers or sex slaves would it matter if he was no longer doing it, or would you want him to be found and brought to justice? Its the same idea here, they want justice. It doesn't matter how long ago this happened, all that matters is that it did and he needs to be held accountable for it.*

¹¹¹ *Oh, the oil argument. How ridiculous this claim is, that we're in it for oil... The oil reserves were discovered in 2010. The LRA Disarmament and N. Ugandan Rehabilitation Act of 2009 came a full year prior to the discovery of natural resources. Also, Invisible Children was in Uganda since 2004! A full 6 years prior. And Invisible Children was not struggling at all. In fact, the organization even won a million dollar donation from Chase in a charity competition. Invisible Children is doing fine.*

¹¹² *I am also in astonishment that so many people can watch this, as well as the Invisible Children videos, and say this is a scam. That just is not true, this beautiful woman is telling you the truth, her truth and her story. Look at the bigger picture here, and please, do your research. The makers of Kony 2012 would not have done any of it, if it was not real. That is not what Invisible Children is about. And to the makers, keep on going, you are supported, and we all appreciate your hard work!*

- 4848Sarah4848 (2012)¹¹³ comentou ter percebido no vídeo a satisfação e a paixão de Okot em poder ajudar sua comunidade. A IC estaria atuando pelas pessoas de lá que pediram por ajuda;
- demonicBerith (2012)¹¹⁴ citou filmes recentes que tratam dos problemas sociais e políticos na África, todos baseados em fatos reais, os quais mostram estadunidenses tentando se engajar em ações humanitárias pelo país. Afirmou que não se pode dizer que algo é falso quando não se tem evidências;
- Tyler Cornell (2012)¹¹⁵ disse que *KONY 2012* é uma boa causa, que a campanha custou dinheiro e que as pessoas que trabalham nesta fazem isso para viver e que precisam alimentar suas famílias;
- Alexandra Rogozinski (2012)¹¹⁶ defendeu a IC, organização que conseguiu fazer com que pessoas discutissem sobre algo que há pouco tempo muitos sequer sabiam que existia. Falou que um grande problema que acontece com muitas boas causas é que quem não se engaja tenta desencorajar quem quer ajudar;

Notamos também um eixo de manifestações críticas em relação ao depoimento de Okot:

¹¹³ *The things that are going on at the hands of this evil man need to be stopped and she is happy that they are getting people to care and take notice so that change can happen. She is working for them because she feels passionate about what it happening. Of course there is film equipment behind her!. They are filming her! lol. How else does invisible children show the public that what they are doing is not for them then to show the public that people who have lived in that location want the help?*

¹¹⁴ *[...] theres films made about this shit all the time. ex. Machine gun preacher, Blood Diamond, and God Of War. All based on facts about the type of crazy shit that goes on in Africa. African children have it worse than you know. How can you say something is fake and isn't happening when you actually have no fucking clue.*

¹¹⁵ *I love how people continue to falsely throw their opinions that this is just bull shit. People complain that only 30% only goes over to help in Uganda. Here is news for you people, the chunk of the percentage that went in to the funding the of the KONY 2012 video CAUGHT YOUR ATTENTION. which means more donations. Campaigning, banners, it is all EXPENSIVE. Keep in mind that these people do this for a living also, need to feed their families. KONY 2012 is a good cause.*

¹¹⁶ *Invisible Children is far from a scam. They do NOT advocate for a world police but rather for a global audience. What Kony 2012 seeks is awareness, having people discuss the topic that many of us were unaware of a week ago. We have achieved the awareness and attention of the world. Now don't you agree we should act upon the knowledge we have to DO, not just criticize? That is the problem with so many good causes: people who do not want to join wish to discourage those who are inspired to help.*

- spaniardmale77 (2012)¹¹⁷ disse que desde 2006 a descoberta de petróleo em Uganda é um assunto aberto e amplamente coberto pela mídia. Argumentou que existem muitos casos de corrupção envolvendo oficiais do governo ugandense e a companhia Tullow Oil. Falou ainda que a IC foi corrompida por dinheiro. O banco Chase, que havia financiado a propaganda da IC, teria estreitas relações e investimentos com a Tullow Oil e a Exxon Mobil;
- Salva389 (2012)¹¹⁸ criticou a atuação de Okot, disse que ela mentiria por dinheiro e que ela saberia que o presidente de Uganda, Yoweri Museveni, e que o *Uganda People's Defence Force (UPDF)* teriam matado 7 milhões de congoleses;
- proletarian48 (2012)¹¹⁹ disse compreender como Okot sente-se e argumentou que ela não representaria o ponto de vista da maior parte dos ugandenses. A morte de Kony teria sido constatada em 2006 e o LRA não agiria há quase uma década. Falou que os Estados Unidos não iriam a Uganda por causa de Joseph Kony, mas para roubar recursos e dizimar o restante da do país, como fizeram com outros países do continente.

Observamos ainda um eixo de comentários com opiniões que se distanciaram das prerrogativas anteriores:

¹¹⁷ *Oil reserves discovered around 2006. Its established fact. Even in many NY Times stories you can easily find. And there has been corruption reported many Uganda gov officials took bribes from Tullow Oil company. I said invisible Inc there before. But they did get corrupt for money. Last yr they made 14mil, kept 6mil straight NET. And show fake pie chart. Yes, Chase gave them mil for their propaganda. Chase/Jp morgan has big investments/connections with Tullow Oil & exxon mobil.*

¹¹⁸ *Joly Grace Okot, you are going to go mad like Jason Russell. I now suspect that, you might have gone to the bush willingly. You love money than telling the truth. How can you stand in front of the world and start telling day light lies???? Inside her heart she knows is just a bogywoman to promote Invisible Children's agenda. What will you tell the people when US tropps start killing those still in captivity. She knows that Museveni and his UPDF have on their hands blood of 7 million Congolese.*

¹¹⁹ *I don't think you represent the view of most Ugandan people. And Joseph Kony was claimed dead six years ago, in 2008 he was severely ill and his group has been inactive for nearly a decade. Yes I know how you feel, but understand no matter how bad of a person Joseph Kony is the United States and the UN want to invade your country with their military not to kill kony but to steal your resources and rape the rest of Africa like they did to the Congo, Libya, Iraq, Afghanistan, Vietnam, venezuela...*

- carbonfiberfan (2012)¹²⁰ disse que a ação em Uganda tratar-se-ia de uma conveniente desculpa para invadir a África e pegar recursos de lá. Criticou Obama, por seguir com as agressivas políticas de seus predecessores. Disse que, agora, a diferença é que faz parecer as suas ações atraentes e na moda;
- winterlongone (2012)¹²¹ disse que seu tio tem vivido no sul da África há cerca de 30 anos, trabalhando com auxílio humanitário, e que teria dito que as pessoas nos Estados Unidos não entendem que a doação de dinheiro a causas não é o que a África precisa. As pessoas de lá necessitariam de suporte voluntário, mantimentos e medicamentos. Falou que Kony deve ser preso, mas para que para isso aconteça, as pessoas deveriam requisitar seus representantes;
- SuperTurbo 1200 (2012)¹²² afirmou que a África é uma causa perdida, porque lá existem inúmeros países e grupos étnicos lutando entre si. O LRA seria apenas mais um desses grupos lutando por suas causas. A campanha de Jason Russel não faria a menor diferença, pois guerras continuariam a existir por lá;
- Raveenah Singh (2012)¹²³ afirma que Okot trabalha para a IC; por isso, ela falaria positivamente sobre a organização. Disse também que ela

¹²⁰ *Just a convenient excuse to go into Africa and usurp the resources there. Thats the great thing about Obama he continues the aggressive policies of previous puppets but he makes it look "trendy" and "cool" to all the idiot liberals out there.*

¹²¹ *my uncle has been living and working in South Africa for over 30 years, doing AIDS hospice work, humanitarian aid, etc. he says that people in the US do not realize that Africa does not need us donating money to "causes". Africa needs people volunteering/working, food, clean water, clothing, medical care. i'm sure Kony deserves to be arrested for war crimes, don't get me wrong - but petition your representatives for that. Help Uganda by donating food, clothes, and your time if you can.*

¹²² *They are butchering each other because they are all still fighting tribe wars with each other. Africa is 3000 countries in 30. Kony is just one of many the African people half to not want war anymore to finally have peace and that aint going to happen anytime soon ! No matter how many Prius driving homo's jerkin off in public places you finance peace is not gonna happen in Africa. Its a useless cause to fight for !*

¹²³ *Jolly Grace Akot is considered a traitor by many Acholi People of Northern Uganda. She works for Invisible Children and is the Mouth piece for them In Uganda. IC pays her salary. What else would you expect her to say? She does not care about the benefits of her own tribes mates, as long as she is well fed. She will say what ever her master asks of her. Why does she not talk about the Gifts and Money that IC was giving out to senior Ugandan Government Officers rather that to the Children?*

seria considerada traidora pelo grupo étnico Acholi ao norte de Uganda. Insinuou que a IC daria dinheiro a oficiais do governo ugandense;

- spaniardmale77 (2012)¹²⁴ explicou que aprendera sobre Kony 10 anos atrás, por meio de um artigo de uma revista da época, e não por meio de um viral manipulativo. Ele tem se informado mais também sobre geopolítica da África, atrelada ao colonialismo ocidental. Jason Russel seria um “criacionista evangelizador”; e Okot trabalharia para ele;
- cabrones691 (2012)¹²⁵ falou que tem um amigo de Uganda que veio morar nos Estados Unidos em 2005, e que ele lhe contou que Kony ainda age, mas somente ao norte de Uganda. Disse que a família desse amigo regressou a Uganda recentemente e eles sequer mencionaram Kony;
- mrtrete100 (2012)¹²⁶ comentou que a credibilidade que os Estados Unidos está conquistando por meio da imagem de um país que se sacrifica pela paz mundial, levando tropas a África para capturar o “vilão” Kony, servirá como pretexto para os Estados Unidos apropriarem-se do petróleo de Uganda.

5.4 NOTAS SOBRE OS OBJETOS DOCUMENTADOS

Kony não foi capturado; e seguem os boatos de que ele estaria morto ou de que viveria noutro país. Estes falatórios continuaram reverberando por algum tempo, mesmo que de forma menos intensa e massiva. Seguem

¹²⁴ *I learned bout Kony 10 years ago. In a magazine article when this shit was going on. I've have informed myself more on African geo-politics as relates to western colonialism & its resources since then. I didn't learn about Kony from a viral vid 2 weeks ago like most of u peeps that believed all that manipulative bullshit. I bet you don't even know that Jason is a creationist evangelical(besides a Masturbator). Or that this lady here works for them directly. EDUCATE YOURSELF.*

¹²⁵ *Ok I have this one friend from Uganda. He left in 2005 to the USA. He's 19 now. He says yes Kony was fighting, but only in a Northern part of Uganda. Everywhere else was ok. He also says that hisfamily back in Uganda don't even mention Kony anymore. Oh and he isn't rich; he was well off but not rich. Only reason he's here is because of his mom's work. Idiots at school now are amazed and baffled to the fact that he's from Uganda. Pisses him off.*

¹²⁶ *It's great to know that Ugandans and the rest of the world truly think we are going to Africa to stop the evil villain Joseph Kony! This way, America can obtain copious amounts of undeserved oil while gaining a reputation as a caring country that sacrifices itself for world peace! Incredibly ingenious marketing campaign. Can't wait for oil prices to drop here in America. Fuck yea!*

também a repercutir nas conversações em rede polêmicas envolvendo a IC, ou de uma possível relação entre essa instituição filantrópica e o governo estadunidense, em função da existência de fontes petrolíferas em Uganda. Situamos nesse eixo os discursos de grupos ativistas on-line e off-line minoritários. Trata-se de amadores que manifestaram suas ideias e relatos por meio de filmes e comentários textuais em resposta a *KONY 2012*, fenômeno que entendemos aqui como **contramovimento**.

Os partidários também seguem a produzir mensagens sobre a causa *KONY 2012*, os quais repetem o discurso promovido pela IC. Muitos destes demonstram desconhecimento acerca de inúmeros aspectos políticos e históricos de Uganda, conforme alguns comentários aqui documentados. Nesse grupo, estão os ciberativistas, que se dispõem a ações com base em ímpetos coletivos e apelos estéticos. Além disso, em outros eixos opinativos, palpita-se, por meio uma miscelânea de discursos que relativizam e divergem das premissas morais anteriores, lançando sátiras, paródias ou narrativas *nonsense*.

Nesse contexto, verificamos que o mote *KONY 2012* tem sustentando um amplo processo de conversação cibermediada, o qual tem servido como estopim para uma pluralidade de discussões, conforme examinamos. Estes tangenciam, desde assuntos sobre política e história internacional até argumentações individuais que relativizam noções de cidadania, moralidade e ética.

Bauman (1997), que discorreu sobre a situação caótica da vida moral na pós-modernidade, sustenta que

[...] vivemos e agimos na companhia de uma multidão aparentemente infinda de outros seres humanos, vistos ou supostos, conhecidos ou desconhecidos, cuja vida e ações dependem do que fazemos e que influenciam por sua vez o que fazemos, o que podemos fazer e o que devemos fazer – e tudo isso de maneiras que nem entendemos nem somos capazes de prever. Nessa vida, precisamos de conhecimento e capacidades morais com mais frequência, e com mais urgência, que de qualquer conhecimento das “leis da natureza” ou de capacidades técnicas. Todavia, não sabemos onde consegui-los; e quando (se) se nos oferecem raramente estamos seguros de que neles podemos confiar com firmeza (sic) (BAUMAN, 1997, p.23-24).

Nesse sentido, quando esse autor pensa e sugere em suas teses um modelo de *ética pós-moderna* – uma ética a ser desenvolvida por meio da compreensão das incongruências morais e éticas do passado –; ele acredita que tal modelo pode contribuir na empreitada de tornarmo-nos mais cientes da amplitude das consequências de nossas ações num mundo socialmente constituído por meio da informação e pela comunicação mediada. E isso pode orienta-nos na otimista tarefa de ativarmos um real *espaço moral* e de nos tornarmos indivíduos moralmente mais responsáveis.

Começamos a intuir essa conduta *ética pós-moderna* na medida em que compreendemos e aceitamos o caos, a ambivalência e a incerteza como elementos fundadores e constituintes de nossas socialidades fragmentárias e de nossos ímpetos à racionalização do mundo.

Não é o objetivo deste estudo indicar, em meio às múltiplas opiniões, entre os audiovisuais e comentários textuais aqui apontados, quais seriam “corretos” ou “errados”, “morais” ou “imorais”, mas, sim, defender que, em meio a esse caos comunicacional e informacional, gozamos de uma liberdade que não era possível antes. Agora, podemos navegar por entre essas ambivalências, escolher e assumir nossas escolhas e a responsabilidade por estas.

Em conformidade a tal ideário, retornando ao pensamento revolucionador de Nietzsche, segundo Vattimo (1992), seria essa a essência do “super-homem”, o “continuar a sonhar sabendo que se sonha”. A possibilidade de livre encontro com outros mundos e com outros modos de ser pode nos mostrar a possibilidade de usufruir do livre-arbítrio enquanto experiência oscilatória entre pertença e *desenraizamento* na dita sociedade da *comunicação generalizada*.

5.5 POR ONDE ANDARÃO KONY E OS CIBERATIVISTAS?

Após o lançamento da ação *KONY 2012* e do engajamento viral no ciber mundo, além das controvérsias, das batalhas discursivas geradas, das polêmicas e contradições desenvolvidas, perguntamos: o que houve com a

causa? Onde estarão os milhões de ciberativistas e ativistas apoiadores e promotores do movimento? Onde estará Joseph Kony? E Jason Russel?

Em 2013, a IC lançou novo vídeo, *What Happened to KONY 2012?*¹²⁷. No audiovisual, foi noticiado que em 17 de novembro de 2012, os partidários da IC peticionaram seus líderes para trazerem um fim ao cenário de violência promovido há décadas por Kony e o LRA. Multidões de jovens vestindo o uniforme da causa e segurando cartazes andaram pelas ruas e reuniram-se em assembleias.

Em 15 de janeiro de 2013, um projeto de lei para trazer Kony à justiça foi aprovado pelo governo estadunidense. A imagem de Barack Obama assinando esse documento foi mostrada no audiovisual. Em cena sequente, vemos uma espécie de assembleia, na qual políticos de diversos países discursaram sobre a iniciativa *KONY 2012*, inclusive uma representante política de Uganda. Os dizeres “a paz é uma jornada” e “a justiça é uma promessa” foram exibidos juntamente a *takes* de uma série de eventos culturais e grandes mobilizações populares evangelizadoras.

O polêmico Jason Russel reapareceu como narrador nesse filme. Falou da campanha lançada em 2012. Comentou do sucesso da ação em tornar Joseph Kony famoso. Foram mostradas uma capa da revista *Time* estampada com a face Joseph Kony, métricas de acessos e visualizações *on-line* em progressão e *takes* de coberturas em telejornais pelo mundo. Russel mencionou também as produções de amadores que se tornaram populares na onda de *KONY 2012* e comentou que “a mensagem tornou-se ruidosa e confusa”. Ele referia-se às manifestações amadoras com opiniões críticas que apareceram nas redes.

A iniciativa *KONY 2012* conquistou o apoio da União Africana, da União Europeia, da União das Nações Unidas e dos Estados Unidos, conforme informado no vídeo. Com as doações de 2012, a IC teria financiado a construção de três novas estações de rádio¹²⁸, a expansão da rede de rádio de alerta para novas comunidades e o espalhamento de milhares de folhetos de

¹²⁷Disponível em: <<http://youtu.be/rr7amwiE-gw>>. Acesso em: 03 ago. 2013.

¹²⁸As redes de alerta via rádio serviriam para avisar comunidades sobre possíveis invasões do LRA.

deserção¹²⁹. Esses esforços resultaram na rendição de membros do LRA e na criação do *Elikya Rehabilitation Center*, em Dungu (Congo). A embaixadora regional da IC, Jolly Okot, educadora desse centro, prestou um depoimento. Ela falou do esforço para auxiliar crianças prejudicadas por Kony a superarem seus traumas.

A redução da violência por meio de investimentos, principalmente em proteção e programas de reabilitação, trouxe esperança a regiões afetadas pelo LRA, argumentou Russel. No entanto, a meta continua sendo a captura de Kony. Segundo Russel, o exército de Kony ainda estaria agindo e existiriam cerca de 450 mil pessoas desalojadas de suas casas.

A IC – assegurou Russel – está mais perto de conquistar seus objetivos “num mundo no qual todos podem se ver e se ouvir, num mundo no qual queremos proteger uns aos outros”. Ele convocou os ciberespectadores ciberativistas: “una-se a nós doando, participando da causa e se juntando ao *quarto estado*”. O vídeo é concluído com o símbolo da pirâmide invertida.

No site oficial¹³⁰ da iniciativa, são agora informados: resultados, objetivos atingidos, alguns dados estatísticos e um relatório anual de finanças. Os coordenadores da causa comunicaram por meio desse site que cerca de 3,7 milhões de pessoas apoiaram a ação oficialmente e que muitas autoridades e forças internacionais foram mobilizadas em prol do movimento. Todavia, Kony ainda não havia sido capturado.

Como objetivos atingidos, destacam no site: “ter feito Kony famoso para criar uma consciência global acerca das atrocidades do LRA”; “ter aumentado a proteção de civis contra ataques do LRA”; e “pressionado governos internacionais para colaborar com esforços regionais para parar o LRA”. Merecem menção também alguns dados estatísticos curiosos: “2 dos 5 comandantes do LRA foram capturados”; “mortes de civis pelo LRA caíram em 67% no período 2011-2012”; “5 integrantes do LRA, que se renderam em novembro de 2012, tinham um folheto de deserção (projetado pela IC, em

¹²⁹Impressos que continham instruções para soldados do LRA se entregarem às autoridades.

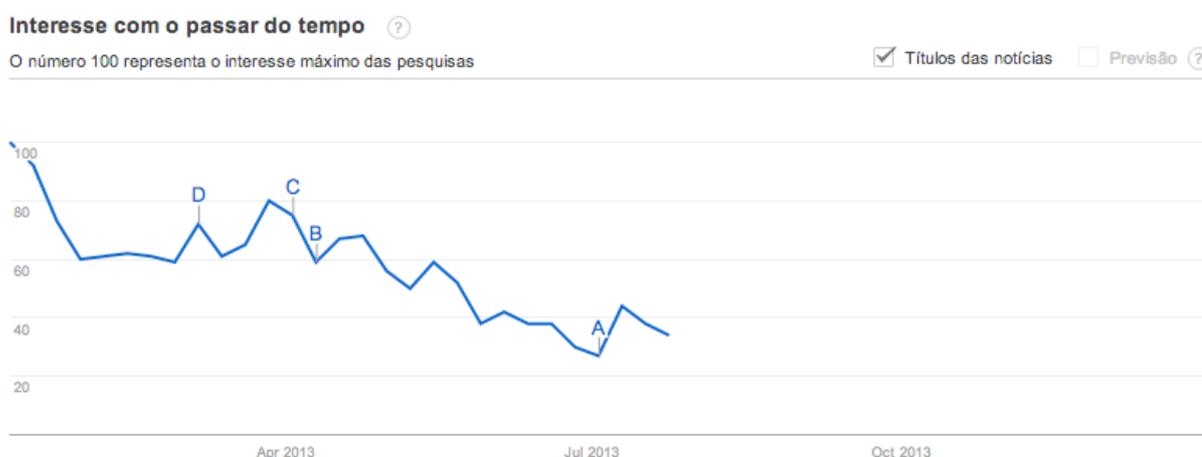
¹³⁰Disponível em: <<http://invisiblechildren.com/kony/>>. Acesso em: 22 jul. 2013.

mãos)”; “690 mil folhetos de deserção foram impressos e distribuídos ao longo da África Central e da República do Congo”.

Constam também no *site* relatórios anuais desde 2006. No de 2012, há ênfase para as informações: “81,48% de nossas despesas foram com nossos programas”; “iremos utilizar fundos adicionais de 2012 para investimentos em novos projetos e para expandir os existentes no ano fiscal de 2013”; e “nós definimos e articulamos nosso modelo não tradicional em 4 etapas”.

Nesse modelo¹³¹, a organização explicita métodos e estratégias de ação. São estas: *mídia*, criar filmes que documentam as atrocidades do LRA, para apresentar o conflito a novas audiências e inspirar a ação global; *mobilização*, incentivar grupos massivos de pessoas para apoiar o avanço de esforços internacionais com o objetivo de acabar com as atrocidades cometidas pelos integrantes do LRA; *recuperação*, trabalhar pela reabilitação de crianças afetadas diretamente pelo LRA, investir capital e esforços em educação e programas de recuperação econômica em regiões afetadas pelos conflitos; *proteção*, trabalhar com parceiros regionais para construir e expandir sistemas que avisam remotamente sobre ataques do LRA e encorajam membros do LRA a renderem-se pacificamente.

Figura 19 – infográfico "interesse com o passar do tempo (2013)"



Fonte: Google Trends

131Disponível em: <<http://goo.gl/pTzQV2>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

Como observamos no mapeamento global acionado nesta pesquisa, por meio do *Google Trends*, as discussões e a repercussão viral na net tiveram seu ápice em um breve período que precedeu o lançamento do vídeo oficial *KONY 2012* no YouTube. Depois, o assunto parece ter saído da pauta dos circuitos midiáticos tradicionais e das redes sociais digitais. Em 2013, a causa parece ter enfrentado um desinteresse midiático e social crescente (Figura 19).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolver deste estudo, comentamos o fenômeno *KONY 2012*, situado num contexto de ativismo civil mediado. Contextualizamos historicamente e de maneira breve as práticas de ativismo mediado e apresentamos o panorama social de que tratou *KONY 2012*, em Uganda, para, em seguida, abordarmos com maior propriedade os eixos do **movimento** e do **contramovimento** gerados pela ação.

Quando tratamos do **movimento**, referimo-nos ao audiovisual criado pela IC e que impulsionou *KONY 2012* por meio de iniciativas nas redes sociais da Internet e nas ruas. Já o **contramovimento** é composto por manifestações amadoras que questionam a ação, as quais trouxeram à tona posicionamentos diversos aos pretendidos pelos organizadores. Com a documentação desses fenômenos, elucidamos, de forma abreviada, o fenômeno da cacofonia comunicacional, potencializado na contemporaneidade com os cibermeios. Esse fenômeno, como já observamos, tem tornado o espaço moral ainda mais complexo e problematizado o entendimento da responsabilidade moral no mundo contemporâneo.

Conforme percebemos com base nas teses de Giddens (1991), Lipovestky (1994), Vattimo (1994) e Bauman (1997), a moralidade encontra-se atualmente esfacelada. Tudo gera dissenso; mesmo as grandes causas estão sujeitas a questionamento. Esta pesquisa é uma tentativa de ilustrar e comentar essas teses, situando-as no contexto da mídia digital, interativa e global, por meio de um estudo de caso.

Pensamos que a situação da moralidade nesse contexto é aclarada de forma perspicaz com base na metáfora do turista, exposta por Bauman (1997). O turista revela o descompromisso com as pessoas e os lugares por onde passa. Sua vida dá-se no enclausuramento em si e na ânsia pelo gozo constante. Sua vida é independente da preocupação com os outros. Para o turista, a experimentação, a fruição cotidiana espontânea do ser e o viver a com base no sentido estético são os interesses primordiais. A responsabilidade

moral para o turista é um sentimento desnecessário, um incômodo a ser evitado. Segundo o autor,

O alvará, escrito ou não-escrito, do cidadão da sociedade consumista subscreve o *status* do cidadão como turista. Turista sempre, nas férias e na rotina do dia-a-dia. Turista em toda parte, no estrangeiro e em casa. Turista na sociedade, turista na vida – livre para operar seu próprio espaçamento estético, e perdoado por se esquecer do espaçamento moral (BAUMAN, 1997, p.278-279).

O **movimento** e o **contramovimento KONY 2012** mostraram-nos que, apesar da aparente inquestionabilidade da causa, a responsabilidade moral continua sendo complexa e problemática. Esta é continuamente delegada ao próximo, quando não rejeitada.

Muitos dos atores sociais aqui descritos parecem se encaixar no perfil do turista. Vagueando despropositadamente, depararam-se com mais um assunto da moda que, de forma muito rápida, caiu no gosto popular. Como cidadãos que tem direitos – trata-se do “eu tenho direito”, hasteado pelo indivíduo moderno, o que é criticado por Lipovetsky (1994) –, sentiram o ímpeto de comunicar o seu posicionamento moral e exigir de outros que fizessem algo para mudar a situação.

É fato que muitos desses ativistas transcenderam o ciber mundo e foram às ruas em algum momento. Mas, uma vez alcançados seus pontuais objetivos, voltaram aos seus recônditos cotidianos, com a consciência aliviada. Acabaram, assim, por abandonar as movimentações.

A situação calamitosa de Uganda continua. Isso é inclusive mostrado no site da IC, como vimos. Mas, apesar disso, as mobilizações não reincidiram com a mesma potência, como no início da campanha *KONY 2012*. O grande estardalhaço midiático e de ativismo civil mediado recrudescer e está em vias de cessar.

Por outro lado, havia também os desfavoráveis à causa, que a criticaram e apontaram problemas pelas comunicações nas redes. Nesse caso, podemos questionar sobre a responsabilidade moral desses indivíduos. Fiéis aos seus discursos, eles também acreditavam estar agindo em prol de um “bem maior”, ao esclarecerem aos outros sobre possíveis “inverdades”. No entanto, nesse

caso, também assumiram uma parcela de responsabilidade moral e, depois, desapareceram no vazio do ciber mundo.

A condição do moralista e de seus adversários parece se confundir com a do turista no mundo moderno: passamos pelos lugares (iniciativas, causas, compromissos); não nos comprometemos com estas, mas nos sentimos no direito de opinar, sem nos aprofundarmos muito. O descompromisso e a superficialidade confundidos com a moralidade estão se tornando lugares-comuns?

Apoiamos e replicamos nas redes sociais da Internet a alardeada sustentabilidade, mas nos escusamos de ponderar sobre nossos hábitos de consumo, sobre o lixo que geramos ou sobre o uso dos transportes individuais, os quais paralisam as cidades e sujaram a atmosfera. Protestamos pela liberdade sexual, porém rejeitamos escolhas não usuais, como o relacionamento aberto ou a poligamia. Lutamos pelo direito à vida dos amados *pets*; entretanto, fechamos os olhos à imoral indústria da carne, que objetifica seres também sencientes em peças para saciar nosso ávido paladar. Gritamos contra a segregação racial ou de gêneros; contudo, continuamos promovendo o nosso imperar arrogante sobre todas as demais espécies do planeta. Defendemos a solidariedade ao próximo, mas passamos longe de pessoas estendidas sobre as calçadas. Macaqueamos o ideal da igualdade social, mas conduzimos a estratificação de classes. Um ilustre servidor público tem mais valor e é digno de mais respeito e reconhecimento social que um trabalhador que varre as ruas. Divulgamos nosso apoio às causas humanitárias ativistas insurgentes na África, na Ásia ou na América Latina e ignoramos os contextos que jazem além da porta de entrada de nossas casas. Eis alguns exemplos da nossa inerente condição contemporânea de ambivalência, fadada à incerteza e à confusão moral. Pontuamos, nesse sentido, a relevância do modelo de *ética pós-moderna* proposto por Bauman (1997).

Na sociedade tecnológica na qual parecem prevalecer os ímpetos das multidões estéticas, os meios precedem aos fins, alerta o pensador. E, ao passo que a vida torna-se cada vez mais mediada, acabamos presos num descompasso existencial intermitente. A lógica do progresso é amparada pela

perspectiva de que importa sempre ir adiante, superar, mesmo não se tendo plena ciência do “porquê” e do “para quê”. É a eterna busca pelo poder em si. Conforme Friedrich Nietzsche, a “vontade de vontade”.

Todavia, como bem sabemos, a técnica não é moralmente neutra; necessita, assim, de avaliação moral e de controle ético (BAUMAN, 1997). Isso tem amplificado a comunicação, mas promovido nosso distanciamento face a face, o que é desfavorável ao *espaçamento moral*.

Segundo a ideia de *reflexividade* ou *circularidade do conhecimento social* indicada por Giddens (1991), a regulação ética da modernidade tem sido pautada por protocolos técnicos e tecnológicos que visam amparar a solução de problemas morais que venham a acontecer. Essa mediação tecnológica da existência incide na anulação de distâncias, na transformação de contextos e na suspensão das responsabilidades. São as *descontinuidades da modernidade* sinalizadas por esse estudioso, ambivalente característica da radicalização da modernidade.

A cada inovadora solução tecnológica que chega com a resolução miraculosa de problemas anteriores, são criados novos problemas, os quais têm sua resolução postergada. Através do imperar tecnológico, fragmenta-se a totalidade e a complexidade das relações e das realidades em múltiplas e independentes partes. Partes essas que devem ser tratadas separadamente aos possíveis efeitos colaterais de suas proposições, que acabam por fugir do escopo de responsabilidades da moral individual. A vida é, desse modo, cindida numa sucessão de problemas a serem continuamente postergados. Para Bauman (1997), isso tem se refletido no apagamento da responsabilidade moral em detrimento da liberdade sem excedentes e do ímpeto contínuo à transgressão. Mais vale aproveitar as possibilidades da vida suspensa pelo consumo, pelos ímpetos coletivos e pelas mágicas cibermedialidades do que preocupar-se em demasia ou dedicar-se a algo já que não chegaremos a lugar algum mesmo.

Essa dispersão da existência acaba por obliterar nosso moribundo *eu moral*, que demanda noção do todo e lucidez. Trata-se de um mundo que parece ser uma justaposição de imagens e contextos soltos e parciais,

justificando aí a sua impossibilidade de compreensão (e não apreensão) total, implicando na escusa de responsabilidade moral. Só se pode ser responsável pelo que (ou por quem) se pode apreender, manejar, mensurar e ter. O sujeito, assim, em sua fragmentária incompletude, vagueia entre problemas momentâneos conforme suas conveniências.

Movimentos sociais, luta pelas minorias, ciberativismo, protestos nas ruas, cultura da participação e redemocratização social por meio da Internet são assuntos da vez. Esse ideário e motivações cambiantes têm pautado discussões e movimentações constantes e plenas de entusiasmo. Movimentações que surgem e desaparecem como espectros na velocidade insana da dinâmica do ciber mundo.

Giddens (1991) defende a necessidade do *realismo utópico*, materializado por meio do ativismo. Mas é preciso ir além dos superficiais e caóticos burburinhos dos protestos cibermediados que afloram a todo momento.

Os movimentos sociais, comenta Bauman (1997), incidem em anseios individuais, causas fragmentadas que ganham potência quando expressas no vácuo estético das *neotribos*. Movimentos sociais reforçam a imagem de mundo que só pode ser assimilado por meio de sua divisão em quantas partes for possível. Cada parte, assim, é passível de ser tratada e resolvida de forma independente das demais. Isso tem contribuído, segundo o autor, para a “[...] substituição de normas éticas por padrões de eficiência, e responsabilidade moral por procedimento técnico” (BAUMAN, 1997, p. 227). O método de “dividir para conquistar”, atribuído ao imperador romano César e reiterado no racionalismo de Descartes, que apoiou o desenvolvimento da Ciência moderna, revela-se pouco apropriado que tange à administração da vida social pós-moderna.

Talvez, todas as discussões produzidas por meio do **movimento KONY 2012** e das reações contrárias geradas por este (**contramovimento**) tenha servido para mostrar que de nada servem tecnologias emancipatórias, ações com propostas miraculosas ou a inferência de opiniões arbitrárias na esfera pública, na grande ágora digital, quando falta consciência e responsabilidade

moral. Doar dinheiro a uma organização ou replicar viralmente informações, ou até mesmo contra-atacar quem faz isso, não resolverá problemas complexos dispostos em fatias. Mas se, ao invés disso, tomarmos consciência da historicidade de problemas e pautarmos ações cotidianas disciplinadas em relação ao outro e aos nossos espaços em suas totalidades, talvez, aí sim, consigamos resoluções quem sabe mais eficazes para os nossos problemas e dilemas morais. Isso seria a concretização do *realismo utópico* de Giddens (1991), orientado pela *ética pós-moderna* postulada por Bauman (1997).

Essa *ética pós-moderna* propõe a aceitação de suas “fundações movediças”; amparada na ambivalência e incerteza, enseja ser uma ferramenta na tarefa de tentar prever problemáticas e de compreender e lidar com singularidade presentes, sempre tendo consciência e ponderando com base no entendimento das totalidades. Para esse autor, junto dessa ética caminha a responsabilidade moral:

A responsabilidade moral é a mais pessoal e inalienável das posses humanas, e o mais precioso dos direitos humanos. Não pode ser eliminada, partilhada, cedida, penhorada ou depositada em custódia segura. A responsabilidade moral é incondicional e infinita, e manifesta-se na constante tortura de não se manifestar a si mesma suficientemente. A responsabilidade moral não busca resseguro para o seu direito de ser ou para escusas do seu direito de não ser. Está aí antes de qualquer resseguro ou prova e depois de qualquer escusa ou absolvição (BAUMAN, 1997, p.285).

O poeta Eduardo Galeano, certa vez, refletiu em *Voces de nuestro tiempo*: “Somos o que fazemos, principalmente o que fazemos para mudar o que somos”. Por meio da consciência por uma *ética pós-moderna*, podemos perceber agora que temas morais não podem ser resolvidos.

Nossas expectativas de um futuro mais otimista talvez possam encontrar novo alento na lucidez advinda do aumento da consciência moral. Essa consciência alerta-nos que o que tem importância no que tange as nossas responsabilidades morais é o que de fato fazemos ou deixamos de fazer. Pouco importa, nesse sentido, se é o *espaço cognitivo* ou o *estético* que estruturará as socialidades.

Tal idealismo filosófico ainda é um sonho, uma utopia, confessa Bauman (1997). Mas quem dera um dia fosse uma realidade. Por isso, é importante

tomar partido e defender essa responsabilidade. Quem sabe, pelo exercício paulatino da reflexão e pelo exemplo pontual, essa responsabilidade, em dado momento, ganhe força como um viral e contagie multidões. Citando novamente Galeano¹³²:

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Se cada ação nossa repercute, de alguma forma, na vida de outras pessoas, e isso foi potencializado por meio das tecnologias cibernéticas, o sentido ético de nossas escolhas e atuações segue sendo algo fundamental na vida pós-moderna. A moralidade fundamental que nos orientava com base na intuição e no pacto moral comum parece, porém, cada vez mais duvidosa e difícil de ser assimilada em toda sua amplitude numa era em que virtualmente todos passam a ter não apenas o direito, mas condições para proferir publicamente seus juízos a respeito. A questão que fica é, portanto, se e como a conduta moral manter-se-á como um aspecto relevante e consistente da ação social e política do aparentemente caótico e irrefreável cibermundo da comunicação do século XXI.

¹³²Poema recitado pelo poeta em programa televisivo. Trecho disponível em: <<http://youtu.be/9iqi1oaKvzs>>. Acesso em: 26 dez. 2013.

7 REFERÊNCIAS

ACKER, Frank Van. Uganda and the Lord's Resistance Army: the new order no one ordered. **African Affairs**, vol.103, n.412, p. 335-357, 2007.

BARBROOK, Richard; CAMERON, Andy. Californian Ideology. In: LUDLOW, Peter. **Crypto Anarchy, Cyberstates, and Pirate Utopias**. Cambridge: The MIT Press, 2001. p. 363-387.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.

CASTELLS, Manuel (org.). **The network society**. Cheltenham: Elgar, 2004.

CHEESEMAN, Nic. Nationalism, One-Party States and Military Rule. In CHEESEMAN, Nic; ANDERSON, David M.; SCHEIBLER, Andrea (eds.). **Routledge Handbook of African Politics**. New York: Routledge, 2013.

CRITICAL ART ENSEMBLE. **Distúrbio eletrônico**. São Paulo: Conrad, 2001.

DERY, Mark. **Não devo pensar em coisas ruins: ensaios sobre o império americano, cultura digital, pornografia pós-humana e o simbolismo sexual do dedão da Madona**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

DREYFUS, Hubert L. **On the Internet**. London: Routledge, 2001.

ELAIGWU, J. Isawa; MAZRUI, Ali A. Construção e evolução das estruturas políticas. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. **História Geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 519-563.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GREEN, Matthew. **The wizard of the Nile: the hunt for Africa's most wanted**. Charles City: Olive Branch Press, 2008.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria de sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HEDIGER, Vinzenz. YouTube and the Aesthetics of Political Accountability. In SNICKARS, Pelle; VONDERAU, Patrick. **The YouTube reader**. Stockholm, Sweden: National Library of Sweden, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JORDAN, Tim; TAYLOR, Paul. **Hactivism and cyberwars: rebels with a cause?** London: Routledge, 2004.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: 34, 2006.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva – por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

LIPOVETSKY, Gilles. **El crepúsculo del deber**. La ética indolora de los nuevos tiempos democráticos. Barcelona: Anagrama, 1994.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna**: formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

M'BOW, M. Amadou-Mahtar. Prefácio. In MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. **História Geral da África, VIII**: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010. p.XIX-XXIV.

MÜLLER, Eggo. Where Quality Matters: Discourses on the Art of Making a YouTube Video. In SNICKARS, Pelle; VONDERAU, Patrick. **The YouTube reader**. Stockholm, Sweden: National Library of Sweden, 2009.

MAZRUI, Ali A. Procurai primeiramente o reino político. In MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. **História Geral da África, VIII**: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010. p.125-149.

NEGROPONTE, Nicholas. **A Vida Digital**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995.

OLOKA-ONYANGO, J. "New-Breed" Leadership, Conflict, and Reconstruction in the Great Lakes Region of Africa: A Sociopolitical Biography of Uganda's Yoweri Kaguta Museveni. **Africa Today**, v.50, n.3. Indiana: Indiana University Press, 2004. p. 29-52. Disponível em: <http://goo.gl/GjdMT7>. Acesso em: 14 set. 2013.

ROWE, John A. Historical Setting. In BYRNES, Rita M. (ed). **Uganda**: A Country Study. Washington: Federal Research Division, Library of Congress, 1992. Disponível em: <http://goo.gl/z7086K>. Acesso em: 01 set. 2013.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias de cibercultura**: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RUSHKOFF, Douglas. **Program or be Programed**: Ten Commands for a Digital Age. Berkeley: Soft Skull Press, 2011.

RUCHT, Dieter. The quadruple 'A': media strategies of protest movements since the 1960s. In: DONK, Win Van de; LOADER, Brian D.; NIXON, Paul G.; RUCHT, Dieter. **Cyberprotest – New media, citizens and social movements**. London/New York: Routledge, 2004. p. 29-56

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

TWADDLE, Michael; RABEARIMANANA, Lucile; KIMANBO, Isaria N.. A África Oriental. In MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. **História Geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 261-294.

VARNELIS, Kazys. **Networked Publics**. Cambridge: The MIT Press, 2008.

VATTIMO, Gianne. **A sociedade transparente**. Lisboa: Relógio D'água, 1992.